

DESPORTO, SOCIEDADE E CULTURA

4 G

1. DESPORTO NA DIMENSÃO CULTURAL
2. DESPORTO E MUDANÇA SOCIAL
3. DESPORTO, CULTURAS E GRUPOS

Zélia Matos

IPDJ_2021_V1.0

DESPORTO, SOCIEDADE E CULTURA

Zélia Matos

Índice

CAPÍTULO I.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	3
RESUMO	3
1. DESPORTO NA DIMENSÃO CULTURAL	4
1.1. DO MODELO TRADICIONAL AO MODELO PLURAL DE DESPORTO	5
1.2. DIMENSÃO CULTURAL DO DESPORTO	27
PONTOS-CHAVE DA SUBUNIDADE	35
SINOPSE DA UNIDADE CURRICULAR	84
AUTO VERIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS	85
RECOMENDAÇÕES DE LEITURA	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87

- 1. DESPORTO NA DIMENSÃO CULTURAL
- 2. DESPORTO E MUDANÇA SOCIAL
- 3. DESPORTO, CULTURAS E GRUPOS





OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

GERAIS

- Relacionar desporto, sociedade e cultura partindo de parâmetros específicos do desporto como ação humana.
- Interpretar características do desporto enquanto cultura, cultura específica e elemento da cultura.
- Verificar o valor do desporto na sua relação com outros subsistemas da vida social.
- Identificar manifestações do fenómeno desportivo na sociedade atual, nos vários contextos que o enquadram.

ESPECÍFICOS

- Aprofundar o entendimento de desporto e a sua natureza mutável.
- Compreender novos argumentos do valor do desporto enquanto ação humana
- Esclarecer que desporto é desporto porque é cultura.
- Relacionar as oportunidades de desenvolvimento social que o desporto oferece com a sua proeminência social.
- Identificar aspetos da relação do desporto com a política.
- Relacionar ética do desporto e papel social do desporto.
- Explorar a noção de desporto global e avaliar o impacto da globalização no desporto.
- Identificar a contribuição do desporto e das modalidades desportivas na criação de identidade individual e de grupos.
- Introduzir conceitos de pensamento sobre desporto, estilos de vida e culturas alternativas.



RESUMO

Desporto, Sociedade e Cultura tenta estabelecer a relação entre desporto, cultura e sociedade através da relação entre desporto e as questões e instituições socioculturais: desporto prática, desporto espetáculo, valores, ética, sentidos, competição, educação, socialização, interdependência, mudança, megaeventos desportivos, direitos humanos, comercialização, violência, desigualdade, meios de comunicação, economia.

Do modelo tradicional e características do desporto moderno ao modelo plural de desporto. Sentidos e conteúdos do desporto. Categorias do ser humano ligadas ao desporto: corpo, movimento, rendimento e jogo para reconhecer argumentos do valor do desporto.

Desporto é desporto porque é cultura: desporto é uma cultura e cada modalidade desportiva uma cultura particular. Elementos culturais que dão sentido ao que se desenrola na prática desportiva

Desporto e valores na sociedade atual. A ética tradicional do desporto de competição e do desportista, do tempo em que o desporto tinha pouco significado social, é insuficiente.

Aspetos da complexificação do desporto, enquanto reforça a posição de elemento preponderante da vida social. Desporto global e natureza mutável do desporto, da cultura e da sociedade. A relação desporto global - desporto nacional.

Ligação do desporto a subsistemas da vida social e indissociável e interdependente relação das dimensões desportiva, económica e simbólica. Interesses não-desportivos nos megaeventos desportivos. Relação desporto-política, expressa nos eventos desportivos, com destaque nos Jogos Olímpicos.

Significados, símbolos, rituais e relações de poder do ambiente em que o treinador desenvolve o seu trabalho: desporto e identidade - diferentes lugares e significados do desporto; papel do desporto na afirmação internacional de países que se pretendem legitimar internacionalmente. Modalidades desportivas com simbolismos específicos. O "caso" África do Sul.

Desporto e identidade individual e de grupos, papel em subculturas e grupos específicos. Mulher e desporto; Cultura institucional; o caso do clube desportivo. Desporto, *media* e televisão; Violência e desporto; Desporto, estilos de vida e culturas alternativas. *E-games*.



1. DESPORTO NA DIMENSÃO CULTURAL



Competências de saída

1. Relaciona sentidos e conteúdo do desporto com as tarefas do treinador.
2. Compreende a natureza mutável do desporto.
3. Associa a importância cultural e social do desporto às características específicas do desporto.
4. Distingue o papel do desporto prática, do desporto espetáculo e aspetos simbólicos do desporto, identificando aspetos com implicações diretas no trabalho do treinador.
5. Interroga o desporto como cultura de massas.



Critérios de evidência

1. Delimita o conceito de desporto e identifica características do desporto moderno.
2. Identifica elementos da mudança do desporto tradicional para o modelo plural de desporto.
3. Reconhece a importância das categorias corpo, movimento, rendimento e jogo no desporto e identifica o jogo como elemento fundamental do desporto.
4. Reconhece os elementos culturais do desporto.
5. Distingue que desporto é uma cultura e as modalidades desportivas culturas particulares.
6. Identifica a dimensão do desporto como cultura de massas.

4



1.

DESPORTO NA DIMENSÃO CULTURAL

Não existe uma definição única de desporto e o termo cultura tem vários significados, razão pela qual se justifica tecer algumas considerações, que nos situem em relação ao que estamos a falar – desporto e cultura.

Abordar o desporto na sua dimensão **sócio cultural não dispensa o esclarecimento de aspetos básicos do conceito de desporto**, verdadeiros alicerces do edifício de muitas explicações necessárias à sua compreensão, nomeadamente as explicações biomecânicas, fisiológicas, metodológicas, sociológicas, económicas, entre outras. Acresce que **o esforço de procurar saber o que é o desporto torna-se, muitas vezes, sinónimo da tentativa de penetrar na sua essência desconhecida e, assim, compreendê-lo melhor.**¹

O desporto é um fenómeno complexo e na relação entre desporto e cultura, pode ser muito útil perguntar o que é o desporto, tentando não excluir nada do que, na linguagem comum, se diz que é desporto. Do mesmo modo, e procurando respostas simplificadas, teremos de perguntar **de que falamos quando falamos de cultura.**

1.1. Do modelo tradicional ao modelo plural de desporto

A pergunta “o que é o desporto?” não sendo particularmente original nem nova, continua a ser necessária. Por um lado, falamos de desporto e de “atividade desportiva” aceitando, tacitamente, que esta forma de atividade humana é a coisa mais natural do mundo. Por outro lado, todos têm uma compreensão do que é desporto. E se cada um tem o “seu” conceito de desporto, é muito frequente partirem de noções (ideias) diferentes e afastadas.

Ainda assim, pode parecer supérfluo este esclarecimento: afinal, não **sabemos todos o que é desporto?** Haverá alguma dúvida de que treinadores de basquetebol, esgrima, judo, *curling*, ténis, futebol, ginástica artística, *rugby*, atletismo, padel, corfebol e outras modalidades desportivas sabem, de certeza, o que é desporto?

¹ “Je gaat het pas zien als je het doorhebt” - Johan Crujff “Só comesas a vê-lo quando o percebes (entendes)”





- Se todos sabem o que é desporto, como explicar, então, o sobressalto que se instala quando temos notícias das movimentações para que os jogos eletrónicos, os *e-game*, façam parte dos Jogos Olímpicos?
- Com base em que condições, características e indicadores consideramos algo como desporto?
- Quando é que estamos dispostos a aceitar que algo seja qualificado como desporto e não outra coisa?



Não existe acordo internacional sobre o termo desporto, que é definido de forma mais abrangente nomeadamente no contexto europeu, pelo que é plausível que as tradições locais (incluindo as diferenças linguísticas nacionais) continuem a influenciar largamente o entendimento do termo (Tinning, 2012).

O desporto acontece em diferentes contextos e é explicado de diferentes perspetivas, razão pela qual necessita de ser interpretado.

O desporto é um fenómeno de **elevada complexidade, multifacetado e contraditório**, que inclui, em simultâneo, dimensões psíquicas e corporais do praticante e se liga à educação, à saúde, hedonismo, estética, comércio, *mass media*, identificação nacional, administração ou questões de género.

1.1.1. DESPORTO NUMA PERSPETIVA TRADICIONAL

Tradicionalmente, e tendo em conta a diversidade das atividades desportivas, a distinção comumente utilizada fazia-se entre desporto escolar, desporto amador e desporto de alto rendimento, distinção bastante superficial e, especialmente, pouco significativa em termos de uma definição mais precisa do que é o desporto. O desporto como jogo, *performance*, condição física ou preparação hábil para competição entre comunidades existe há tanto tempo como os seres humanos. Mas este nem sempre tem sido um identificado como tal.



Historicamente existem **duas tradições** no modo de considerar **o que é desporto**²:

1. Se tomamos o **desporto** em **sentido restrito**, consideramos os jogos e as competições ingleses, os chamados *sports*, bem como os sistemas de exercícios corporais e educativos denominados *gymnastik* e *turnen*, que apareceram no início do século XIX na Suécia e na Alemanha.
2. Se entendemos **desporto** num **sentido abrangente**, falamos do desporto no decorrer dos tempos, nomeadamente na Grécia Antiga, admitindo que, ao longo da história e em todas as culturas, **sempre houve exercitação corporal, jogos e competições em que o corpo e o movimento são determinantes**.
3. Entendido em sentido restrito ou em sentido lato, **o conceito de desporto evoluiu** e continua a transformar-se ao longo do tempo.



² Desporto deriva da palavra latina *deportare*, em inglês *disport*, que significava divertimento e fruição (*amuse oneself, enjoy oneself*) e é referenciada pela primeira vez em 1303 com o significado de desporto, passatempo, recreação e prazer (Matos, 1999). O termo desporto é derivado do verbo latino *deportare* (na verdade: levar embora), no sentido especial: “dispersar”, “divertir-se”; que sob o termo inglês *“sport”*, uma substanciação do Antigo francês *“de(s) porter”* ou o inglês *“to divertit”*. Assim, em inglês, “to divertit” torna-se “sport” através do substantivo *“disport”*.



Em termos gerais podemos já concordar que:

- ↳ Desporto refere-se a jogos ou exercícios que fazem uso do corpo e do movimento humanos.
- ↳ Enquanto exercício corporal, o desporto situa-se na esfera lúdica da vida, induz um esforço de perfeição desempenhado com significados de valor e de festa, que gosta do confronto com a natureza e com o outro, num quadro regulamentar de regras tipificadas e que foram evoluindo, refinando-se ao longo do tempo.
- ↳ O desporto não existe em abstrato.



De um modo breve, podemos afirmar que, **durante o século XX, o desporto evoluiu de um sistema fechado para um sistema aberto**. As características do desporto representativo do sistema fechado podem ser sintetizadas no que chamamos **modelo tradicional de desporto**. A saber (fig1):



Características do desporto enquanto sistema fechado - modelo tradicional de desporto

- Relaciona-se com objetivos de *performance*.
- Define-se através de um conjunto objetivo de regras que expressam o objetivo, os meios, o espaço e o tempo e as regras acerca das competências ou *skills*.
- Unidade de estrutura e de valor.
- Papel uniforme do desportista.
- Realiza-se num clube desportivo.



FIGURA 1 - Modelo tradicional de desporto.

1. O desporto tem a ver com **objetivos de performance** claramente **definidos**.

Estes objetivos de performance conseguem atingir-se através de treino disciplinado e planeado a longo prazo, seja qual for o nível de desempenho e não só no desporto de alto nível. Este desporto uno pode ser representado pelo modelo piramidal onde os vários níveis se combinam como uma estrutura. **No topo desta pirâmide estão os atletas de mais alto rendimento e na base os praticantes em geral** (Figura 1).

2. **Uma modalidade desportiva** define-se por um **conjunto exato de regras** que expressam claramente os quatro pontos seguintes:

- O **objetivo**: quando e sob que condições uma competição é ganha ou perdida.
- Os **meios**: o que é permitido usar com vista a atingir a finalidade.
- O **espaço e o tempo**: são fixados o espaço e o tempo em que decorrerá a competição.
- Regras** acerca das **competências** ou **skills** (capacidades). Estas regras definem qual o conhecimento e quais as capacidades e as técnicas que têm de ser dominadas para se praticar essa modalidade. São estas regras que permitem a organização competitiva de uma modalidade desportiva.

>>

3. A **unidade da estrutura do valor do desporto**. Esta estrutura engloba não só valores simples como lealdade, amizade, sentido social e solidariedade, mas também tem a ver com valores como *performance*, divertimento, cooperação, o mundo próprio de cada um, competição e alegria. Esta unidade de valor significa que:
- A **experiência** proporcionada pelo desporto apenas se consegue pela **conjugação destes diferentes elementos**.
 - É **através do jogo** que estes elementos dão lugar à **experiência de ganhar e de perder**.
 - A **intencionalidade** dos protagonistas tem de se ajustar às exigências da otimização da *performance* e de conviver com a **cooperação** e a **competição**. Em termos gerais, podemos dizer que **a experiência do jogo e a valorização do resultado desportivo são inseparáveis**.

4. A unidade do desporto relaciona-se com o **papel sempre idêntico do desportista**, seja “dentro de campo”, seja na vida em geral.
- Ao desportista ligam-se certas características, tais como camaradagem, franqueza, honestidade, presteza, vontade de ajudar e modéstia.
 - Espera-se do desportista um certo estilo de vida que não exija uma excessiva satisfação das necessidades; a sua aparência exterior, como cabelo e vestuário, obedece a certas regras de frugalidade.
 - Igualmente se espera que o desportista siga as regras, os valores e ideais do desporto na sua vida “civil” fora do desporto.

5. Finalmente, esta uniformidade do desporto é alicerçada na suposição de que o **clube desportivo** - com a **cooperação dos sócios, estrutura democrática de decisão, independência, símbolos unificadores dos seus membros e uma história viva do clube** - é não só a **forma ideal de organização para o desporto**, mas também, ao mesmo tempo, **uma comunidade em que há espaço para outro tipo de experiências cívicas e culturais**. O desporto tem a sua unidade organizativa concretizada no clube, que será sempre uma **estrutura alheia à posição política, profissional ou confessional dos seus membros**.

As **características do desporto moderno** e, especialmente, do desporto de alto rendimento que ou estavam só parcialmente presentes, ou não estavam de todo presentes no desporto antigo, são sintetizadas por Guttman (1978):

a) **SECULARIZAÇÃO**

Considerada em contraste com o caráter de culto e significado utilitário dos exercícios físicos dos povos antigos e dos povos primitivos. Ex: os povos primitivos corriam “para tornar a terra fértil, não para correr” (Guttman, 1978, p. 26), os festivais atléticos dos gregos eram atos de culto em honra da respetiva divindade e as competições ocorridas no âmbito destes jogos refletiam técnicas de combate que também eram utilizadas na guerra. O desporto moderno, por outro lado, é praticado “para seu próprio bem [ou]



para outros fins igualmente mundanos” (Guttman, 1978, p. 35), tais como estabelecer e manter contactos sociais ou melhorar a saúde. Quando muito ainda é sagrado para algumas pessoas, funcionando quase como uma religião, mas a diferença é que não funciona como o meio (utilitário) para determinado fim: é o próprio objetivo.



b) IGUALDADE DE OPORTUNIDADES

Para competir nas condições exigidas pela competência necessária. Cada um tem de ter, pelo menos teoricamente, uma oportunidade para competir, em que as condições da competição sejam as mesmas para todos os concorrentes. Significa, por um lado, igualdade de oportunidades na preparação da competição e, por outro lado, igualdade de oportunidades na própria competição. A igualdade de oportunidades na competição é mais fácil de realizar e é obrigatória no desporto moderno, completamente quantificável. No desporto antigo, a igualdade de oportunidades na competição também era largamente tida em conta. No que diz respeito às oportunidades de formação e de treino, e ao desempenho que lhes está associado, é feita uma diferenciação entre desporto profissional e desporto popular.

c) ESPECIALIZAÇÃO

A especialização nos desportos individuais já existia na Antiguidade, chegando a haver atletas profissionais. O desporto moderno está cada vez mais dominado por especialistas, como acontece no mundo do trabalho nas sociedades industrializadas. A especialização de funções é omnipresente no desporto moderno, não se refere apenas ao nível das modalidades, existem também especializações em certas posições dentro da modalidade, tais como atacante ou guarda-redes. Há, também, especialização profissional no desporto: a profissionalização de algumas ocupa-

ções, como é o caso dos treinadores. Também existe uma distinção entre os vários sujeitos do desporto: praticantes, treinadores, espectadores, gestores, etc. (Guttman, 1978, pp. 45-48).

d) RACIONALIZAÇÃO

Refere-se ao ato e ao efeito de tornar as técnicas e as organizações mais adequadas aos seus fins, mais eficientes no seu funcionamento. A racionalidade no desporto moderno refere-se às regras aplicáveis à modalidade, que servem como meio para atingir um fim, são “objetos” culturais e não imposições divinas, são válidas em geral, mas podem ser modificadas conforme for desejado e apropriado (Guttman, 1978, pp. 49). Por exemplo, melhorar a igualdade de oportunidades, aumentar a atratividade da modalidade para o público, interferir na violência utilizada, são razões que podem levar à mudança das regras. Isto distingue o desporto moderno, por exemplo, do desporto dos Maias e dos Aztecas, cujas regras eram transmitidas pela tradição e não podiam ser alteradas simplesmente pela razão de se achar mais útil. Além disso, a racionalização significa também uma preparação otimizada para as competições e, por último, mas não menos importante, uma compreensão teórica do desporto que, atualmente, é cada vez mais avançada como o demonstra o notável desenvolvimento das ciências do desporto.

e) **ORGANIZAÇÃO BUROCRÁTICA**

É uma característica intimamente ligada às dimensões do processo de racionalização e especialização. A burocratização no desporto concretiza-se na existência de federações às quais os clubes desportivos estão subordinados e que são responsáveis pelo controlo oficial, organização, regulamentação e normalização das modalidades. Dentro das federações, existem, por sua vez, diferentes níveis hierárquicos em termos de competência, de modo que as federações nacionais são superiores às regionais, mas subordinadas às internacionais. Uma vasta burocracia, amplamente ramificada é característica do desporto moderno.

f) **QUANTIFICAÇÃO**

Os desportos modernos caracterizam-se por uma tendência quase inevitável de transformar cada ação des-

portiva numa medida quantificável. É também característico registar os feitos desportivos até ao mais pequeno detalhe. Se os gregos apenas estavam interessados em determinar os vencedores, os romanos já mantinham um registo das colocações de todos os atletas. No desporto moderno, segundo Guttman (1978, pp. 59), existe uma “necessidade de quantificação” tão forte que, mesmo em modalidades que não podem ser julgadas “objetivamente”, tal como a ginástica, o desempenho é registado usando um sistema de pontos.

g) **TECNOLOGIA**

Todo o avanço tecnológico, desde os relógios eletrónicos ao aparato desenhado nos laboratórios de biomecânica, cineantropometria, psicologia do desporto e medicina desportiva, se tem posto ao serviço de um desporto ávido por medições.

Com base na racionalização, **combinar a tendência para a quantificação** e o **desejo de ganhar, de alcançar a excelência, de ser o melhor, conduz ao conceito de recorde**, que simboliza o valor intrínseco de uma execução e que ultrapassa o tempo e o espaço concreto em que acontece, perdurando no espaço e no tempo.

1.1.2. PERSPETIVA PLURAL DE DESPORTO

1.1.2.1. MUDANÇA E DIFERENCIAÇÃO DO DESPORTO

O desporto está em constante evolução. Na sociedade e na vida em geral, todo o fenómeno das “atividades desportivas e corporais” foi ganhando cada vez mais peso cultural e social.



A desportivização da sociedade

Quando aparece a ideia de **desporto para todos**, o sistema do desporto tradicional é convocado a alargar as suas próprias fronteiras, a cooperar com novas necessidades e expectativas e a satisfazer um conjunto de novas funções.

Este processo desencadeia uma **desportivização da sociedade em geral e resulta num processo notável de diferenciação interna do desporto**, pelo desenvolvimento de subsistemas da cultura motora, com ocupações, ordenamentos e regras internas distintas, consoante as necessidades e expectativas dos diferentes grupos que, entretanto, acederam à prática desportiva (Randelović, 1997).





Ao recordar as características do modelo tradicional de desporto e a sua estrutura fechada, fica evidente como tudo se alterou relativamente aos cinco pontos apresentados e como a força da mudança fez emergir o que hoje podemos designar como **Modelo Plural de Desporto**, aberto e abrangente.

- **A prática desportiva desenvolve-se, complexifica-se, diversifica-se, torna-se plural, alarga-se a grupos sociais e etários diversificados.** À prática desportiva chegam idosos, mulheres, pessoas com necessidades especiais, grupos específicos da população como toxicodependentes, populações prisionais. Estes novos grupos têm desejos, motivações e interesses completamente distintos, bem como competência motora e possibilidades de prática muito diferentes entre si.
- **A prática altera-se de tal modo que o modelo de um desporto uniforme, com uma estrutura fechada, deixou de representar o que se passa no mundo do desporto.**

Uma sistematização dos “subsistemas desportivos”, entretanto criados, ajuda a perceber os novos domínios do desporto, sendo a classificação de Crum (1993) uma ajuda pertinente, ao considerar:

- **Desporto de elite** – os motivos dominantes são: rendimento desportivo absoluto, estatuto, poder económico. Este modelo de desporto é frequentemente comercializado e requer uma participação profissional ou, pelo menos, semiprofissional.
- **Desporto competitivo de associações (clubes)** – os motivos dominantes são uma mistura de exaltação, de competição, da procura de rendimento de cada um em relação a si mesmo, de relaxamento e de contacto social.
- **Desporto de recreação** – os motivos dominantes são: relaxamento, saúde e convívio. O desporto de recreação é oferecido em associações desportivas bem como pelas autoridades locais e, por vezes, é de iniciativa do próprio praticante.

- **Desporto-fitness** – o motivo dominante e muitas vezes único é a *physical fitness*. Quase sempre as atividades são oferta comercial embora também sejam organizadas por iniciativa própria.
- **Desporto de risco e aventura** – os motivos dominantes são aventura e excitação. Normalmente são atividades dispendiosas, organizadas comercialmente e onde se inclui a subida aos Himalaias, esqui de helicóptero, *rafting*, etc...
- **Desporto-desejo** – o foco aqui é o prazer, o hedonismo. Atividades organizadas comercialmente, muitas vezes combinadas com turismo, formam o que podemos chamar o desporto-S usando os termos na língua inglesa: *Sun, Sea, Sand, Snow, Speed, Satisfaction* [Sol, Mar, Areia, Neve, Velocidade, Satisfação].
- *Desporto “cosmético”* – o foco é a aparência-modelo, o narcisista *body building*.



Aqui chegados é fácil compreender que o desporto **perde a uniformidade do modelo tradicional e passa a ter significados e sentidos muito distintos.**

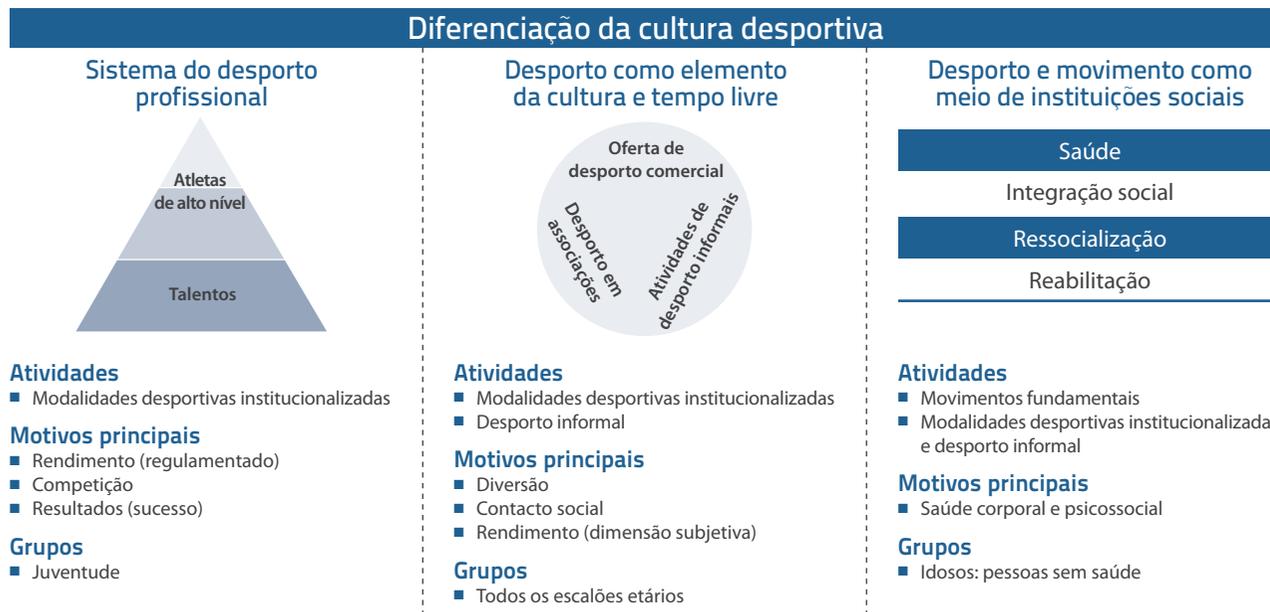
Surgem novas formas de organização, nomeadamente o desporto de recreação, o desporto comercial e, associado ao desporto profissional, a “comercialização” do desporto de alto nível. Paralelamente desenvolvem-se formas de prática informal de desporto.

Atualmente podemos falar de **uma pluralidade de modelos de desporto por contraposição ao tradicional modelo único, graficamente representado pela pirâmide**. Esta **representação piramidal mantém-se no sistema de desporto profissional** que mantém no topo os atletas de elite do desporto de mais alto rendimento e,

agora, **tem na base os talentos** que a evolução do conhecimento e a estruturação do desporto permitem detetar (figura 2):

1. Sistema do desporto profissional.
2. Desporto como elemento da cultura e tempo livre.
3. Desporto e movimento como meio de instituições sociais.

O desporto na escola como meio de formação integral da pessoa continua o percurso histórico da ligação do desporto à educação.



1.1.2.2. DELIMITAÇÃO DO TERMO DESPORTO E MANIFESTAÇÕES

De uma maneira geral, o desporto é visto como um fenómeno que, por ser tão ambíguo, multifacetado e ambivalente, escapa, em grande parte, a uma definição cristalina do conteúdo (Matos, 1999). Seja na linguagem quotidiana, seja no discurso científico não há acordo sobre o conteúdo do termo desporto o que, provavelmente, está relacionado não só com o desenvolvimento contínuo do seu campo extenso, mas também devido às diversas perspetivas de abordagem do seu estudo. Portanto, não é possível fazer uma delimitação conceptual precisa ou inequívoca do termo.

Desde o início do século XX que o termo desporto se tornou um termo coloquial utilizado em todo o mundo. O que geralmente se entende por desporto não é resultado da análise científica, mas do seu uso quotidiano e da sua integração tradicional e

FIGURA 2 - Diferenciação da cultura desportiva.

historicamente desenvolvida nas realidades social, económica, política e legal (Röthig & Prohl, 2003). Além disso, a própria prática do desporto muda, o que leva ao alargamento e à diferenciação da compreensão do conceito de desporto.

Na segunda parte do século XX, sobretudo a partir da década de mil novecentos e setenta, em algumas comunidades o termo desporto já não é utilizado só no sentido restrito do desporto de competição ou *athletics*, mas significa o somatório das atividades de natureza formal e informal, realizadas em grande parte nas modalidades desportivas federadas, mas também em formas tais como *calisthenics*, *fitness-training* ou aeróbica (Haag, 1986).



Progressivamente o termo **desporto** passa a ser o termo **geral que inclui todos os exercícios corporais e todos os jogos e formas de exercício orientados pelo movimento.** (Grupe & Krüger, 1994).

As tentativas de uma definição, ou só de uma descrição de desporto, mostram que a característica mais frequente é a que descreve desporto como **“atividade motora”** (“atividades motoras”, “exercícios corporais”, “exercícios físicos”). Em 1905,



o dicionário de Grimm afirma que desporto é o exercício corporal lúdico e com a finalidade de proporcionar prazer ao praticante. As enciclopédias posteriores são mais detalhadas, mas também sublinham a característica **atividade motora**: “desporto” é o termo coletivo para todas as atividades motoras do homem tais como formas de movimento, de jogo ou de competição, termo que é moldado pela tradição e pelo significado pessoal. Atualmente, entende-se por “desporto” os vários exercícios corporais, jogos e competições realizados de acordo com regras, que são praticados tanto em enquadramentos reduzidos e particulares, como enquadrados por grandes organizações e instituições, por vezes de dimensão mundial “; **o pressuposto é que se trata de atividades motoras e corporais** (Holzke, 2001). A característica “atividade motora, corporal” [“atividade física”] é assim amplamente reconhecida como uma característica necessária do termo desporto.

13

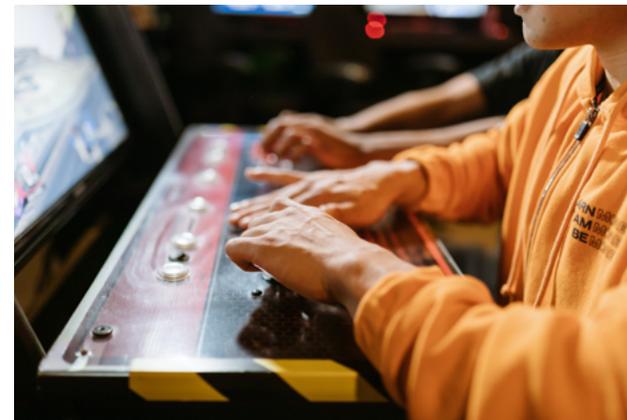
A perspetiva (sociológica) de Honer (2011) define desporto de forma completamente aberta e considera que o desporto é o que nos parece ser desporto ou aquilo que, por vezes, de forma desconcertante ou, pelo menos, surpreendentemente é “declarado” por alguém mais ou menos credível como sendo desporto, um tipo de desporto, um novo tipo de desporto ou algo do género (Honer, 2011, p. 75).

Por oposição a uma delimitação tão ampla como a de Honer (2011), que pode esvaziar a singularidade do desporto, acentuamos duas especificações importantes para delimitar o que é desporto.



O desporto

- ▶ é uma **atividade relacionada com o corpo e com o movimento com efeitos fisiológicos específicos ou efeitos a nível de uma coordenação especial de movimentos corporais**
- e
- ▶ é uma **atividade social, no âmbito da qual se realizam interações únicas, através das quais têm lugar processos de desenvolvimento da identidade.**



As características **“atividade motora, corporal”** [“atividade física”] e **atividade social** com os seus efeitos específicos são assim reconhecidas como características necessárias do conceito de desporto. Estas características fazem com que atividades por vezes nomeadas como desporto, deixem de poder ser descritas como “desporto”. O exemplo do xadrez é frequentemente citado neste contexto. Já os desportos motorizados, desportos equestres, tiro e bilhar, que têm em comum o facto dos momentos de desenvolvimento da força corporal e da exercitação “física” serem secundários, podem ser tidos como desportos, se entendermos que “atividade” não precisa de significar “aumento de energia” ou “fortalecimento corporal”, quando o **desempenho pretendido na atividade é alcançado, precisamente, através de um esforço corporal artístico, ou seja, através de uma coordenação especial de movimentos corporais**. Este é o caso dos desportos motorizados, desportos equestres, tiro desportivo e bilhar, mas não no xadrez.

Esta especificação oferece a possibilidade de delimitar o conceito de desporto, tornando possível **excluir numerosas atividades, tais como desportos mentais, desportos eletrónicos ou jogos de cartas**, e concentrar-se em **atividades motoras** que são **realizadas a uma intensidade tal** que se pode esperar que tenham **efeitos fisiológicos extensos** ou **efeitos a nível de uma coordenação especial de movimentos corporais**, a que se juntam os efeitos que resultam do desporto ser um acontecimento social.

O conceito de desporto evoluiu. Com toda a sua ambiguidade e porque não existe uma definição resultante da reflexão teórica, podemos assentar na delimitação do termo apresentada no Conselho da Europa.



Desporto significa todas as formas de atividade física, através de uma participação organizada ou casual, que visa expressar ou melhorar a aptidão física (*physical fitness*) e bem-estar mental, construir relações sociais ou obter resultados em competições em qualquer nível.

(European Sports Charter, 1992, Art. 2, 1, a) da resolução dos Ministros Europeus do Desporto adotada em 14/05/1992).



Desporto é a **prática desportiva propriamente dita das modalidades**, assim como **aquilo que se vê quando se vai ao estádio e ao pavilhão, quando se assiste a um programa na televisão transmitido com o rótulo de programa de modalidades desportivas**.

Deste modo, o significado do desporto nas culturas contemporâneas pode enquadrar-se em duas categorias principais - **desporto-entretenimento e desporto-prática**:

- ▼ **Desporto de entretenimento**: refere-se à utilização que é feita através da organização e promoção do desporto com fins exteriores ao próprio desporto, sejam esses fins económicos, políticos ou outros.
- ▼ **Desporto-prática**: refere-se ao desporto pelo desporto - tem a ver com o valor do desporto para quem o pratica.

Esta é inevitavelmente uma aproximação à delimitação do conceito de desporto, extraordinariamente simples cuja única vantagem - mas também fundamental - é poder ser uma matriz geral onde podemos enquadrar qualquer atividade concreta, comumente entendida como desporto.

1.1.2.3. SENTIDOS DO DESPORTO

O desporto não existe em abstrato, é vivido em contextos muito diferentes a que correspondem perspetivas, interpretações e associações distintas. Esta pluralidade de experiências proporcionadas pelo desporto remete-nos para a necessidade de se reconhecer a pluralidade de sentidos existentes no desporto.

O QUE PROCURAMOS NO DESPORTO? O QUE ENCONTRAMOS NELE? O QUE PODE SIGNIFICAR PARA A NOSSA VIDA?

O significado ou valor do desporto remete-nos para as finalidades e para as funções do desporto que, por sua vez, se relacionam com o sentido que a experiência desportiva tem para os praticantes.

Na prática desportiva, na ação do praticante, está implícita a **dimensão individual de sentido**. O praticante encontra na prática do desporto uma **possibilidade única de construir e expressar a sua relação com o mundo**, quer pelo **enriquecimento da sua aprendizagem**, quer pelo **modo como entende e identifica a sua própria ação**. O desporto permite uma construção de sentidos, algo que o próprio praticante reconhece e descobre na sua ação.

Perante a pergunta sobre o **significado do desporto**, continua a ser relevante a constatação de Kurtz (1986, p. 51) de que uma primeira resposta é a simples descrição de significados comuns, o que, além de ser uma resposta geral, resulta da simplificação e da generalização da realidade. Ora, **os sentidos do desporto variam**:

- de pessoa para pessoa;
- ao longo da vida;
- com as modalidades desportivas e formas de atividade desportiva - na medida em que expressam o significado do desporto de uma maneira própria;
- com mudanças históricas mais gerais.

Deste modo, **o sentido do desporto não existe numa forma geral**, resulta das avaliações e valorações associadas ao desporto, quer do ponto de vista individual, quer do ponto de vista social. O **sentido do desporto** resulta do valor atribuído ao desporto, da compreensão de desporto, do que o desporto significa individualmente, do que se procura no desporto num dado momento.

Conhecer os sentidos do desporto é um ponto-chave para garantir que a experiência dos praticantes encerra a concretização desses sentidos, para se compreender a evolução do próprio desporto e para tentar construir uma imagem do seu futuro que possa ser útil a quem tem de decidir nos diferentes níveis de decisão. Ou seja, compreender os sentidos do desporto é de particular interesse nomeadamente **como base do planeamento desportivo** e para previsões sobre o futuro do desporto.

Uma imagem do futuro do desporto é essencialmente uma **previsão** de como as pessoas irão agir no futuro. Qualquer previsão inclui pressupostos sobre os valores que irão guiar as pessoas, podendo admitir que estes valores:

- permanecerão os mesmos (como, por exemplo, as previsões que extrapolam o declínio da taxa de natalidade no país, nas últimas décadas);
- que existe uma alteração dos valores orientadores;
- ou mesmo que é útil fazer da clarificação dos valores orientadores, o objecto da previsão (Kurz, 1986).

É evidente que, como regra, as **previsões** extrapolam a partir dos desenvolvimentos que se julga que vêm do passado para o presente e vão do presente para o futuro – pelo que, no caso mais simples, não passam de meras extrapolações. Em qualquer caso, uma previsão bem fundamentada não é possível sem uma análise do passado. Isto também se aplica às previsões sobre a mudança nos valores orientadores.

A construção do futuro precisa do passado, não para o utilizar como uma orientação saudosa que se decalca e repete ou, pelo contrário, se evita, mas para o ter em conta de forma articulada e sensível, perante os imprevistos inevitáveis que o futuro traz consigo.

Embora as previsões sobre como as pessoas vão agir se apresentem neutras e não comprometidas - o que, decerto, não são - ainda assim, contêm, em si, uma chamada à nossa ação: o futuro, incluindo **o futuro do desporto, em última instância, é moldado por nós**.

Kurz (1986) apresenta um esboço do **significado do desporto**, sem ter em conta as diferenças entre modalidades desportivas e diversidade de praticantes, procurando o que têm em comum e não acentuando o que os diferencia. Sem chegar a uma estrutura definitiva, distingue **seis tipos diferentes do significado do desporto**, que apresenta da seguinte forma:

- Corporalidade, *Fitness*, Saúde.
- Impressão (efeitos nos órgãos dos sentidos), Experiência, Sensação.
- Expressão, Criação, Sentido Estético.
- Autoconfiança.
- Tensão, Aventura.
- Convivência, Sociabilidade, Comunidade.



Mais recentemente, Rudolph (2017) retoma os seis sentidos apresentados por Balz e Kuhlmann (2006), cujas fronteiras são fluidas entre si:

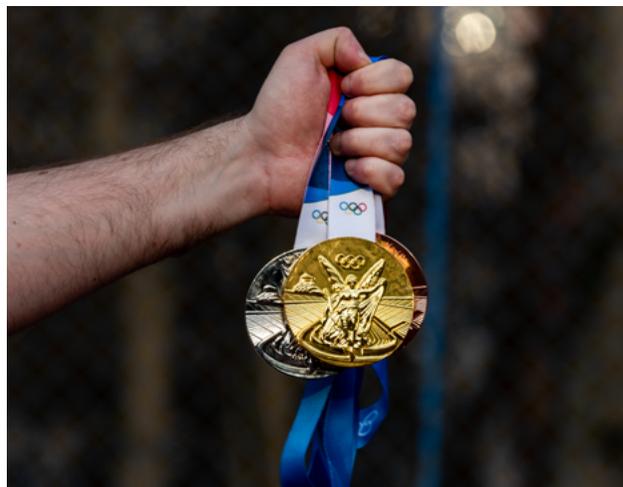
- Alcançar algo
- Viver saudavelmente.
- Experimentar algo.
- Representar algo.
- Expressar algo.
- Estar com os outros.
- Experimentar excitação e risco.



Para melhor esclarecer o tema do sentido do desporto, será **útil fazer uma distinção entre o desporto popular, de massas e o desporto de competição**, chamemos-lhes assim.

O desporto “popular” visa, sobretudo, a aptidão física, o equilíbrio pessoal, o contacto social, o divertimento e o prazer através da prática desportiva, ou seja: o rendimento esperado não se esgota no resultado estritamente desportivo, tem uma dimensão subjetiva, relativo a cada praticante.

No desporto de competição as razões principais são o rendimento desportivo (regulamentado) e o sucesso e o insucesso são determinados pela competição e pelos resultados desportivos. São, portanto, “mundos” diferentes, em que o significado do desporto se diferencia de igual modo. O desporto de alto nível, de elite, com a sua ligação ao espetáculo desportivo mais acentua esta distinção.



Persistem muitas **lacunas na compreensão do sentido do desporto de elite** atual, ou seja, **os significados do desporto de elite precisam de ser descobertos e interpretados de uma forma contemporânea**. Embora timidamente, começam a levantar-se vozes críticas quanto a esta falha: deve-se pensar no **significado** e no **objetivo do desporto de elite e não somente exigir medalhas ou títulos**.

A continuação da promoção do desporto de alta competição resulta da sua eficácia mediática como um importante cartão de visita de um país ou de uma empresa patrocinadora. Neste aspeto, o desporto de alta competição não é apenas um símbolo de realização individual e da capacidade humana, mas também uma expressão de competição entre nações e empresas, cujo foco está em ganhar o maior número de medalhas possível (Rudolph, 2017). Não é por acaso que o número de medalhas ganhas nos Jogos Olímpicos é mais valorizado do que uma ampla participação nos mesmos. Contudo,



tanto o **Estado**, como **amplios sectores da economia** e o **público** em geral interessam-se pelos **resultados** do desporto de alto nível **se estes forem alcançados nas condições de fair play e de um desporto competitivo humanizado: a má conduta moral prejudica a posição do desporto de alta competição na nossa sociedade**.

1.1.2.4. ASPETOS DO CONTEÚDO DO DESPORTO

Desporto integra *performance*, competição, saúde, socialização, sensações, tensão, risco e aventura, organização e expressão da pessoa (Matos, 2006).

Desporto é um conceito agregador, sintetizador e unificador de dimensões motoras, técnicas, táticas, mentais, espirituais, sociais e afetivas (Bento, s/data). Falamos de um **exercício inteligente e contínuo que, através da resistência e da harmonia do corpo, visa a perfeição**. Falamos de uma resposta a uma das principais reivindicações do corpo, que consiste na sua vontade de expansão.

O desporto é **atividade motora voluntária**, que **pode ser avaliada por padrões individuais ou sociais** e que **ocorre dentro do quadro de regras explícitas** que **delimitam as possibilidades fundamentais da ação**.



NO DESEMPENHO DESPORTIVO PODEMOS DESTACAR AS SEGUINTE CARACTERÍSTICAS:

- Existe um resultado objetivável. A qualidade da ação do praticante é interpretada por esse resultado. Ou se atinge ou não se atinge, ou, ainda, em que medida se atinge.
- O resultado está relacionado com uma escala de dificuldade ou com uma escala de qualidade e pode acontecer o sucesso e o fracasso, o melhor e o pior.
- O êxito da ação (o resultado obtido) resulta, essencialmente do esforço e da capacidade dos praticantes.
- O resultado é comparado com outros resultados. O padrão de referência pode ser individual ou social.
- Assume-se que o sucesso na ação diz alguma coisa sobre o valor da pessoa que pratica.



Podemos acrescentar **outros elementos que caracterizam**, de forma simples, as atividades que podem ser consideradas **desporto**:

1. **A ação não pode ser delegada.** Tem de ser praticada com o próprio corpo. Ninguém ganha forma desportiva, nem marca golo, nem faz um ponto ou corta a meta, por interposta pessoa.
2. **Os critérios de qualidade são, em parte, muito fáceis:** reduzir o tempo (nos 100 metros livres), maximizar os resultados (no basquetebol), aumentar a distância (no lançamento do dardo). Igualmente simples no processo de formação e desenvolvimento desportivo: aumentar as repetições, a duração do exercício, ou, somente, tentar realizar. Tudo isto torna muito acessível a compreensão do objetivo. [O que não nega a dificuldade e complexidade das questões técnicas e táticas mais elaboradas].
3. **Há testes, condições da competição e regras padronizados internacionalmente** que permitem elevar a prática desportiva a um nível de interação e comunicação entre pessoas e povos que poucas atividades humanas conseguem.
4. Permite, em parte, **comparações do desempenho com outros**, superando o espaço e o tempo e, assim, estabelecer *rankings* e recordes. Será difícil encontrar outro campo da vida social que permita, com tanta facilidade, que nos situemos perante os outros à escala mundial e ao longo do tempo.
5. **O ponto máximo do desempenho individual acontece mais cedo do que em qualquer outro âmbito da atividade humana.** Assim, o desporto tem possibilidades *sui generis* de comunicação e afirmação juvenil, que podem ajudar no processo de desenvolvimento e afirmação nestas idades, ao mesmo tempo que, no subsistema do desporto profissional, traz consequências concretas que é preciso ponderar: em relação ao tempo e qualidade de treino em idades baixas, à duração da carreira profissional, que acaba cedo, bem como obriga a lidar, de forma direta, com todos os desafios da popularidade, do estrelato, do fracasso, do sucesso, numa idade em que a personalidade ainda procura caminhos para se estruturar.

////////////////////////////////////
De forma muito sintética, vejamos efeitos possíveis da prática de desporto:

- **somáticos** – fortalecer os músculos, órgãos, ...;
- **motores** – melhorar as habilidades condicionais e coordenativas, aprender habilidades específicas das modalidades, ...;
- **sensoriais** – melhorar o sentido de percepção ...;
- **emocionais** – aprender a viver, dominar e fruir sentimentos ...;
- **motivacionais** – proporcionar interesses, estimular e desenvolver novas motivações ...;
- **sociais** – experimentar os comportamentos em grupo, sob a forma de cooperação e competição ...;
- **cognitivos** – construir imagens motoras e adquirir conhecimentos práticos.

////////////////////////////////////
Deste modo, através da prática desportiva, atingem-se **objetivos** em domínios muito distintos, com o **domínio desportivo motor, naturalmente, no topo:**

- objetivos desportivo-motores, desenvolvimento das qualidades desportivo-motoras;
 - objetivos afetivos;
 - objetivos estéticos;
 - objetivos sociais;
 - objetivos éticos;
 - objetivos centrados na saúde e bem-estar.
- ////////////////////////////////////



Quando falamos de desporto, esquecemo-nos frequentemente da riqueza que o termo possui e há a tendência para reduzir o seu âmbito ao desporto organizado em competições institucionalizadas. Mas podemos e devemos falar de um desporto mais abrangente: todos os **exercícios corporais e todos os jogos e formas de exercício, orientados pelo movimento**, praticado com ou sem regularidade, virado para o alto rendimento ou para a recreação e o lazer, praticado em qualquer instituição: clube, escola, empresa, ginásios, *health club* ou mesmo fora de qualquer contexto institucional.

Com efeitos de natureza tão rica, o desporto-prática e o desporto-espetáculo servem vários subsistemas da vida social, da educação ao entretenimento, nos níveis económico, político, ideológico, entre outros.

A diversidade de práticas e de sentidos reflete-se no campo de trabalho do treinador, com repercussão na afirmação na sua dimensão profissional, no seu contributo específico para a sociedade.



Enquadrar o papel do treinador tradicional numa compreensão abrangente de desporto não desvia o treinador da especificidade das suas funções, nem o distrai com aspetos menores. Pelo contrário, valoriza as funções específicas da sua atividade profissional, conferindo-lhe significado no quadro alargado da importância geral do desporto, o que só pode aumentar a proeminência e o reconhecimento públicos do trabalho do treinador.

////////////////////////////////////
Em suma:

- Na sociedade e na vida em geral, todo o fenómeno das “**atividades físicas e corporais**” ganha cada vez mais peso cultural e social.
- **O conceito de desporto alarga-se, é aceite não só no seu significado institucional, mas também na interpretação subjetiva dos praticantes**, é mais do que a soma das modalidades institucionalizadas e tem uma dimensão simbólica.
- Desporto pode significar: **performance, competição, saúde, sociabilização, sensações, tensão, risco e aventura, organização e expressão!**
- Desporto, sistema de realização de **competência motora**, vivida, sentida e **traduzida em rendimento** através

de **padrões e critérios inequívocos de avaliação do ser humano** portador de uma **mente consciente**, dotada de subjetividade que nos permite **saber quem somos e aquilo em que pensamos**.

- Embora continue **formalmente organizado em clubes e associações**, também **é praticado de modo informal**. O desporto está presente nas instituições pedagógicas e nas instituições orientadas para a saúde e existe uma oferta comercial de desporto.
- Nas culturas contemporâneas, a sociedade enquadra o significado do desporto em duas categorias principais: **desporto-entretenimento** e **desporto-prática**.



1.1.3. AS CATEGORIAS DO DESPORTO: CORPO, MOVIMENTO, JOGO E RENDIMENTO

A importância inequívoca do desporto assenta em muitas razões e explicações, mas no olhar, porventura menos discutido, que o liga à natureza humana e vê o **ser humano como um todo**, residem argumentos fundamentais para a sua compreensão. As justificações sociais, políticas, económicas, de saúde, sendo de outra natureza, elas próprias consubstanciam uma certa imagem de ser humano (Meinberg, 1990) e, por isso, no limite, derivam dessa justificação primeira.

Retomando o entendimento de **desporto como um termo geral que inclui todos os exercícios físicos ou todos os jogos e formas de exercício orientados pelo movimento**, na formulação de Grupe e Krüger (1994) podemos, desde já, conjecturar que, apesar do jogo ser um elemento fundamental do desporto, **nem todos os jogos são desporto, nem o desporto é só jogo**.

A partir daqui, Grupe and Krüger (1994) destacam **quatro categorias fundamentais do ser humano** intimamente ligadas ao desporto: **corpo, movimento, rendimento e jogo**.

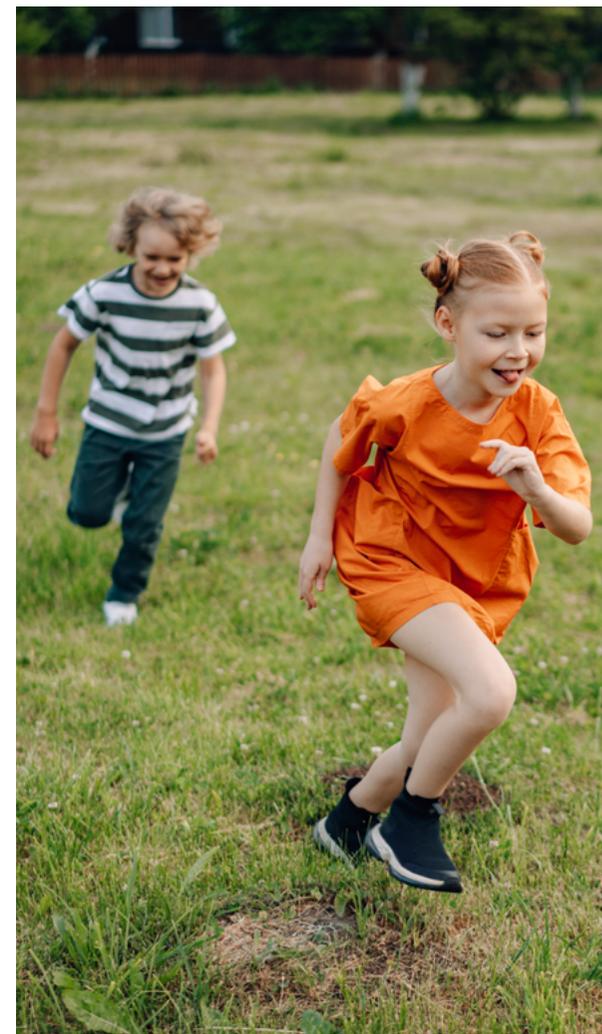
Para ajudar a compreensão do significado do desporto, embora de forma breve, especifiquemos **alguns significados destas quatro categorias** que, como será simples de comprovar, se refletem de maneira direta no próprio desporto e ajudam a clarificar muitas das suas potencialidades, muito do que significa e dos vários papéis que desempenha ou poderá desempenhar.

Corpo

Tendo em conta a delimitação do conceito de desporto apresentada, corpo e movimento são meios absolutamente necessários para se praticar desporto. O corpo é o mediador da pessoa com o mundo, com o envolvimento. É o poder fazer qualquer coisa, é a possibilidade de ter capacidades. **Nós “somos” o nosso corpo e, por isso, não nos “desligamos” dele no processo de ação motora.** Vejamos que, quando a inabilidade acontece, seja por doença, por lesão ou pela idade, **declara-se a experiência do indisponível e perde-se a unidade pessoa-corpo.**

Ultrapassada a velha dicotomia corpo-espírito sabemos que **não existem forças puramente biológicas nem forças puramente mentais** que sejam impenetráveis umas nas outras. Pelo contrário, são forças que se relacionam e variam numa certa relação dinâmica, que está dependente de circunstâncias e de condições variadas.

Nem mesmo enquanto organismo, o corpo humano é algo somente orgânico ou natural. O corpo humano é físico e mental ao mesmo tempo e tem qualidades de experiência, significado e sentido. A valorização e significado do corpo diferem de indivíduo para indivíduo, nas classes sociais e entre as culturas (Grupe & Krüger, 1996).



Movimento

Movimento é aqui entendido na aceção de “grande movimento”:

O movimento que exige capacidades, habilidades, aprendizagem e treino e se demarca do conceito de movimento como mera deslocação.

O movimento como fonte importante de conhecimento do mundo, através das experiências **materiais, corporais** e **personais** que proporciona. **Movimento como meio das relações sociais.**

Ter corpo e movimento “disponíveis” cria liberdade para agir e quanto maior for a disponibilidade para agir, mais possibilidades existem da pessoa se expressar.



Rendimento

Rendimento, conceito muito caro a treinadores, normalmente **é usado numa aceção muito restrita que faz corresponder rendimento a ganhar no sistema de competição oficial**. Porém, entendido em sentido lato, rendimento faz corresponder a cada ato o **ser capaz de fazer**.

No desporto profissional e no desporto federado em geral, tal como está expresso no quadro 2, **o rendimento está regulamentado** (quem marca mais ganha, quem chega em primeiro lugar ganha...) e **é confirmado na competição, cujo sucesso se mede pelos resultados estritamente desportivos**.

O conceito de rendimento que faz corresponder a cada ato o ser capaz de fazer é, contudo, útil não só para sistemas de desporto não profissional, mas também nas **etapas da formação desportiva**³. No desporto profissional, este entendimento pode mostrar a sua utilidade em processos de recuperação de atletas e no processo de treino que **nunca deixa de ser um processo pedagógico**.

Podemos, assim, olhar para o rendimento numa perspetiva:

- (i) mais centrada no objeto ou conteúdo da atividade – p.e. **“fez bem isto, conseguiu fazer”**;
- (ii) mais centrada na pessoa praticante – p.e. **“hoje foi melhor do que ontem”**;
- (iii) socialmente orientada – p.e. **“faz tão bem como outros”**.

³ Assim se percebe que, durante a formação, o resultado desportivo não seja tudo.

Desporto, seja qual for o seu âmbito, é um sistema de realização de competência motora, vivida, sentida e traduzida em rendimento através de padrões e critérios inequívocos de avaliação.

Seja desporto profissional, escolar, de recreação, ligado à saúde, de pessoas com necessidades especiais, todo o desporto é desporto de rendimento: não há prática desportiva sem rendimento, os padrões de avaliação é que mudam.

1.1.3.1. O JOGO COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL DO DESPORTO

Há uma relação íntima entre jogo⁴ e desporto que ajuda a aprofundar a compreensão do desporto, nomeadamente na sua dimensão simbólica. Muitas discussões sobre se determinada atividade é desporto acontecem por causa desta relação. Quando o jogo apresenta uma estrutura organizativa semelhante à das modalidades desportivas convencionais, tendo, por exemplo, uma federação e um sistema competitivo organizado, mais parece que estamos em presença de algo que merece discussão. O xadrez ilustra bem este caso, como vimos no ponto anterior.

³ No decurso da história da cultura ocidental, a literatura refere-se ao jogo em dois contextos distintos: jogo da criança e jogo (diversão) do adulto. Pelo menos desde a Idade Média, o jogo do adulto tem uma conotação claramente negativa. Tanto a Igreja como governos chegam a proibir o jogo, alegando que o jogo seduz, tornando a pessoa dependente (viciada). Deste ponto de vista, os jogadores têm uma imagem negativa. Paralelamente, desde a Antiguidade que o jogo da criança é considerado uma atividade boa. A partir da idade moderna o jogo adquire uma imagem mais positiva, sobretudo quando associado à educação (e à educação física e à educação lúdica).



O ser humano só joga (brinca) onde é humano no sentido pleno da palavra, e só é plenamente humano onde joga (brinca)⁵. Ou, dito de outro modo: o ser humano não está completo senão quando joga ou, ainda de outro modo, o ser humano só chega a ser humano se jogar (brincar).

Esta afirmação deu origem a várias descrições do jogo enquanto fenómeno essencial da existência humana, que não deriva de nenhum outro e deve ser visto como autónomo: **joga-se porque sim!**⁶

⁵ ...der Mensch spielt nur, wo er in voller Bedeutung des Worts Mensch ist, und er ist nur da ganz Mensch, wo er spielt? (Schiller, 1795)

⁶ O papel do jogo no desenvolvimento da criança é conhecido e Jean Piaget considera três fases principais: 1) Jogo como exercício (jogo funcional da criança); 2) Jogo simbólico (jogo - desempenho de papéis); 3) Jogo com regras. Para Piaget (1967), o jogo com regras cria os alicerces para o desenvolvimento moral das crianças.

De acordo com Huizinga (1972), o jogo não se realiza em virtude de uma necessidade física e, muito menos, de um dever moral. Porque:

- O jogo é uma atividade livre, delimitada, incerta, improdutiva, regulamentada, fictícia. Joga-se no tempo livre, não é uma obrigação.
- O jogo é livre, supérfluo, não se situa na vida corrente, pertence à esfera da festa, do culto e do sagrado.
- Se, para a criança, é uma função que esta abandona abruptamente quando deixa de lhe dar prazer, para o adulto é uma função que pode abandonar a qualquer momento.
- O jogo tem uma ordem própria – o jogo cria ordem.

Posto isto, o jogo é a ordem já que, **sem ordem, não há jogo**. A necessidade **de ordem e a tensão que essa ordem gera, conduzem à criação das regras** do jogo: por mais simples que seja a regra e só se aplique àquele jogo concreto, **só com regras se**

pode jogar, razão pela qual quem as infringe, deliberadamente, não é só batoteiro, mas também, porque interrompe o jogo, é um “desmancha-prazeres”.

VALOR SINGULAR DO JOGO:

- Situado num segundo nível de existência e com as suas regras próprias, o jogo a um tempo **liberta (da existência do dia a dia) e oprime (é imperioso cumprir a regra), arrebatada e eletriza.**
- Nenhuma **análise biológica explica a intensidade do jogo, quando é precisamente nesta intensidade, nesta capacidade de fazer perder a cabeça, que radica a sua essência primordial.**
- Qualquer que seja a sua natureza, de modo algum **o jogo é matéria, tudo o que o jogo produz é imaterial** (alegria, entusiasmo, divertimento, satisfação, frustração, tristeza, etc.).

Para Huizinga (1972), o jogo é formalmente uma ação ou ocupação livre, que se desenvolve dentro de determinados limites temporais e espaciais, segundo regras absolutamente obrigatórias, ainda que livremente aceites, ação que tem um fim em si mesma e é acompanhada de um sentimento de tensão e alegria e da consciência de “ser de outro modo” que a vida corrente.

O jogo é considerado um fenómeno antropológico fundamental que depende de fatores individuais, sociais e culturais, tal como esclarece Sutton-Smith (2008). Por isso, há jogos próprios de países, de regiões, de grupos sociais específicos. [O desporto, como universaliza as regras, não faz depender as habilidades desportivo-motoras dos fatores sociais e culturais locais, manifestando-se estes fatores na importância, no sentido, no significado e no papel que o desporto desempenha nos diferentes contextos onde acontece a sua prática].

Caillois sistematiza os jogos tendo em conta quatro componentes principais, **agon-competição**; **alea-sorte**; **mimicry-simulação** e **ilinx-vertigem** e imaginou estas componentes distribuídas entre dois extremos opostos:

Paidia – que se refere à diversão, turbulência, improviso, fantasia; manifestação espontânea do instinto do jogo. Reporta-se ao **poder original de improvisação do ser humano**, que acontece sem que, aparentemente, nada o determine ou exija. O conceito de **paidia** talvez ajude a perceber o que acontece, por exemplo, com um grupo de crianças deixadas sem ocupação nem material para utilizar e que, passado pouco tempo, entra numa algazarra frenética, gritaria, com brincadeiras mais ou menos organizadas, que entusiasma e ocupam o grupo.

Ludus – onde a aparente indisciplina é travada por uma necessidade imperiosa de se submeter a regras convencionais, e até incómodas, que exigem um número crescente de tentativas, de persistência, de habilidade ou de astúcia para realizar a atividade; refere-se ao **gosto do ser humano pela dificuldade gratuita** que sustenta a sua inquietude, a necessidade de se ultrapassar e de se transcender. O conceito de **ludus** talvez nos ajude a perceber **os desafios que impomos a nós próprios, sem qualquer necessidade aparente**.

24



Talvez nos ajude a explicar algo que faz com que (exemplos):

- (1) a bola que nos foge e que em frações de segundos decidimos que temos de apanhar antes que ultrapasse a linha amarela, a que acrescentamos de imediato o “castigo” para o caso de não sermos capazes de a alcançar e que pode levar a escoriar os joelhos na tentativa de o conseguir no último segundo.
- (2) à saída do treino, alguém grita que o último a chegar ao balneário é “ovo podre”, a correria desenfreada que se segue, descida de escadas a toda a velocidade, porventura contrariando todas as regras de circulação normal nas instalações. **Entre esta corrida espontânea, não organizada e uma prova de 100 m nos jogos olímpicos, o mesmo impulso lúdico, a mesma competição, a mesma vertigem, o mesmo empenhamento, o mesmo entusiasmo, a mesma contingência.** O que varia, na verdade, é a regulamentação da corrida, regras que sistematizam as dificuldades que foram sendo introduzidas, de forma crescente, no atletismo e que levam à necessidade de **treino aturado e conhecedor, para vencer essas mesmas dificuldades “criadas”**.



////////////////////////////////////

Em suma:

As atividades desportivas são uma criação do ser humano e resultado:

- (i) do seu poder de improvisação;
- (ii) da sua vontade de brincar, de jogar, de se divertir, de fazer coisas;
- (iii) da necessidade imperiosa de se desafiar, mesmo que isso implique submeter-se a regras, por vezes, incómodas.

////////////////////////////////////

Deste modo, se foram acrescentando cada vez mais dificuldades às práticas desportivas, sob a forma de regras cada vez mais exigentes, com recurso a habilidades cada vez mais elaboradas e sofisticadas, que acentuam a necessidade de trabalhar com persistência, de treinar, de melhorar, de as estudar e de as investigar.



A estrutura de experiência do jogo está sempre contida na estrutura de experiência do desporto, só que **a experiência do jogo, não é suficiente para caracterizar o desporto.** Numa modalidade desportiva **as habilidades motoras são determinantes e dominantes.**

Para um jogo ser considerado **desporto, as habilidades corporais têm de ser relevantes na execução desse mesmo jogo:**

- por um lado, o jogador não pode delegar noutra pessoa ou coisa a sua função de jogador, a sua ação de jogar;
- por outro lado, a execução motora e as habilidades motoras são determinantes para que o jogador realize a sua função;
- a que se junta a particularidade de desafiar o corpo numa extensão significativamente alargada.



Ou seja:

- O jogo de xadrez, para voltarmos ao nosso exemplo, pode desenrolar-se mesmo que um dos jogadores esteja impedido, por exemplo, de utilizar os membros superiores, desde que outra pessoa mude as peças no tabuleiro de acordo com as suas indicações.
- Se um jogador de basquetebol estiver lesionado e não puder utilizar os membros superiores, quem o substitui no jogo passa ser o jogador.

Por enquanto, um programa de computador “joga” xadrez, mas não joga basquetebol no campo, não corre numa pista, nem nada numa piscina! No dia em que jogar basquetebol, será sinal de que as transformações introduzidas na atividade praticada transformaram o desporto noutra coisa qualquer, que deixou de ser o desporto que nos mobiliza atualmente.

Há atividades que se situam na zona de fronteira e que são mais difíceis de catalogar. Contudo, pode-se muito bem imaginar um campeão mundial de xadrez imóvel, cujas peças são movidas por um ajudante, até mesmo pelo seu oponente, mas não se pode imaginar um mestre de bilhar que, por assim dizer, peça emprestadas as mãos de outra pessoa para realizar uma combinação de jogadas que ele mesmo planeou como jogador. Esta compreensão também inclui o desporto para pessoas com deficiência, que também é desporto, justamente porque cada praticante tem de realizar ele mesmo o desempenho corporal que lhe é possível, em função de sua deficiência (Hitzler, 1991).



Em suma:

- O desporto é uma atividade humana que requer corpo, movimento, jogo e rendimento e une dimensões motoras, técnicas, táticas, mentais, espirituais, sociais e afetivas.
- Desporto é um sistema de comportamento corporal, marcado por normas, regras e convenções socioculturais. É uma forma muito particular de lidar com a corporalidade. É uma resposta à vontade de expansão do próprio corpo, de sair de si, de ir ao encontro dos outros e do mundo.
- As experiências obtidas através do jogo são de importância crucial para o desenvolvimento da cultura e da sociedade e não só para a satisfação de necessidades individuais.
- O desporto está repleto de jogo. A atividade desportiva representa uma possibilidade de jogar e de desafiar o corpo, numa extensão particularmente vasta. A contingência e a incerteza do jogo tornam tudo mais emocionante no desporto.
- O desporto não se esgota no jogo, do mesmo modo que o jogo não se esgota no desporto. Os jogos considerados são os jogos orientados pelo corpo e pelo movimento.
- As atividades desportivas são uma criação do ser humano, resultado do seu poder de improvisação, da sua vontade de brincar, de jogar, de se divertir, de fazer coisas, bem como da necessidade imperiosa de se submeter a regras, por vezes incómodas e, por isso, se foram acrescentando cada vez mais dificuldades, sob a forma de objetivos e regras cada vez mais exigentes, com recurso a habilidades cada vez mais elaboradas e sofisticadas. Este processo acentua a necessidade de trabalhar com persistência, de treinar, de melhorar, de estudar e investigar.

Começa a desenhar-se que a importância do desporto para cada um e para a sociedade assenta na sua ligação a aspetos profundos do ser humano. A grande riqueza do desporto afirma-se na mobilização de dimensões fundamentais da pessoa, que raramente estão presentes, em simultâneo, noutras atividades humanas. Assim, o **desporto é uma prática lúdico-motora de elevado valor humano**, desde que devidamente orientada.



Quando se coloca a importância social do desporto em discussão, não raramente se resolve o assunto dizendo que o **desporto é importante socialmente porque movimenta muito dinheiro, atribuindo essa importância sobretudo ao seu peso comercial e económico**. Coloquemos, porém, a questão de outro modo: o desporto não é importante porque movimenta muito dinheiro, o desporto movimenta muito dinheiro porque é muito importante para as pessoas. Esta importância situa-se desde logo a nível dos benefícios da prática desportiva bem orientada, **mas também resulta do importante valor simbólico do desporto e da sua capacidade para criar identidade**. É desta riqueza de efeitos práticos e **simbólicos e de toda a capacidade que o desporto tem para transportar cada um para lugares de exceção e exaltação, que a vida do dia a dia não proporciona, que resulta a verdadeira importância do desporto e a sua versatilidade para servir objetivos de natureza tão diversificada**.



1.2. A dimensão cultural do desporto

Os animais jogam, mas nunca se viu um animal a fazer desporto.

(Savater, 2000, pp. 98-99)

Perceber o que está para lá dos aspetos mais triviais da contração muscular, da simples contagem, da medição sem parar, não pretende “endeusar” o desporto, mas elevá-lo a um patamar mais refinado, pela procura dos seus valores específicos que o enquadram no cenário cultural, sem paternalismos nem discursos moralistas.

O desporto com as suas medidas, regras, normas, campos, pistas, quantidades, é um exemplo particular da valorização cultural do movimento. O que se valoriza no movimento não depende só do sentido individual, daquilo que cada um entende, mas depende, também, das formas culturais que o movimento assume.

É muito comum a necessidade de consagrar o desporto como transcendente, assente num ideal humanístico de busca constante da perfeição total. É uma abordagem muito enraizada que é partilhada por diferentes sujeitos do desporto: o adepto consumidor do desporto quer legitimar o seu entusiasmo, o praticante quer legitimar a sua paixão, o jornalista desportivo quer perceber melhor o alcance do que escreve e comenta, o treinador quer reconhecer melhor o alcance daquilo que faz no exercício da sua profissão.

Esta procura de transcendência associa ao desporto elementos como compaixão, situa-o entre naturalidade e humanidade real, entre individualismo e espírito de comunidade, liga-o à saúde, ao autossacrifício, à autoconquista, à estética e ao êxtase, situa-o entre o eros, a morte e a transfiguração. Toda esta argumentação é válida, mas perde pertinência se não assentar no que o desporto realmente é e pode ser.

Estes elementos usados para promover o desporto a bem cultural, para lhe granjearem a importância merecida, preenchem o discurso de muitos intelectuais do desporto, de alguns papas do jornalismo desportivo, de publicitários arrojados, de membros de clubes e associações desportivas, nomeadamente quando tiram fotografias ao lado de políticos que, muitas vezes, veem mais possibilidades formativas no desporto do que num

compêndio inteiro de pedagogia do desporto. Podemos, ainda, acrescentar a esta adesão do entendimento do desporto, os anónimos sem enquadramento institucional que, gostando de desporto, precisam de uma justificação que não desmereça o seu estatuto intelectual e social.



Neste processo de procura de “valorização” e afirmação do desporto como atividade humana de superior qualidade, recorre-se a muitos elementos fora do desporto e **esquecem-se, de forma envergonhada, os elementos que distinguem o desporto de outras formas de expressão humana e que são, precisamente, os que lhe conferem o seu carácter excepcional.**

O desporto tem de ser colocado no plano cultural, ou seja, o seu significado e o seu valor para a vida das pessoas no **início deste séc. XXI**, tem de ser questionado:

- Seja como prática, seja como espetáculo, basicamente tem de se caminhar para que o **acesso à participação no desporto se enquadre nos propósitos gerais da criação de condições de uma vida com qualidade.**
- Por outro lado, e partindo do simbolismo de que o desporto igualmente se reveste, para além da promoção da qualidade de vida das populações, também **não se pode ignorar o seu papel como fator de promoção dos próprios países.**

Nem sempre este enquadramento está presente. Em artigo de opinião no jornal *Público* de 22 de novembro de 2020, José Manuel Constantino afirma categoricamente que, no caso português, **“a tragédia do desporto nacional é cultural antes de ser política. Pelo que se torna ilusório esperar que a política resolva sozinha o que a cultura desportiva dominante trava”.**

Mesmo para otimistas do desporto, esta afirmação não deixa de nos interpelar de forma intensa, nomeadamente quanto ao enquadramento e à orientação do desporto mais clássico, digamos assim, em que os treinadores realizam, normalmente, as suas funções.



1.2.1. DESPORTO É DESPORTO PORQUE É CULTURA

Tal como fizemos para o conceito de desporto, tentemos, de forma breve, delimitar o que significa cultura.

Tradicionalmente, e de forma sintética, cultura é um termo complexo que inclui o conjunto de conhecimento, crenças, arte, moral, lei, costumes e outros hábitos e capacidades adquiridos pelo ser humano, como membro de uma sociedade. Contudo, esta simplificação é muito conservadora e pode revelar-se demasiado rígida e exclusiva da cultura que, normalmente, está ligada ao refinamento das classes sociais e do pensamento dominantes, não abarcando manifestações menos ortodoxas, como pode ser o caso do desporto.

Pensemos em **cultura** tendo em consideração as várias conotações e, ainda, em dicotomias como **cultura de massas** e **cultura de elite**, **cultura popular** e **cultura erudita**, **cultura rural** e **cultura urbana**, **cultura regional** e **cultura nacional**, bem como subculturas em geral, nas suas múltiplas combinações.

Diferentes sentidos do uso da palavra cultura permitem-nos um exercício de **ligação ao desporto**:

- a) A emergência do desporto moderno tem elementos **da tradição e do património da cultura motora**, ou seja, decorre da interpretação contemporânea da cultura motora ao longo da história.

Por exemplo, os **jogos olímpicos da era moderna são inspirados nos festivais desportivos da Grécia clássica**, em que os jogos olímpicos se destacavam⁷.”



FIGURA 3 - Artigo O CR7 do ano 147.

“...Mas há coisas que se mantêm iguais: já havia uma cultura da celebração pelo desporto, já havia atletas a ganharem fortunas imensas, o mundo conhecido era bastante mais “globalizado” (ou integrado) do que imaginamos — e a maneira mais provável de um jovem deste canto do Império se tornar famoso já era também através do desporto” (Tavares, 2017).

- b) Quando nos situamos no **entendimento de cultura ligado a uma certa sofisticação intelectual, a cultura desportiva fica a perder** por se, frequentemente, considerar **uma cultura de segunda**. A ligação do desporto ao corpo é fator de diminuição, numa cultura que privilegia o intelectual, o teórico, num cenário antiquado do pensamento dualista sobre o ser humano, que entende o corpo subordinado ao espírito.

⁷ Tavares, R. (2017). O CR7 do ano 147. Retrieved from <https://www.publico.pt/2017/11/20/desporto/opiniaao/o-cr7-do-ano-147-1793141>

Contudo, mesmo neste sentido, podemos ver como o desporto pode subverter a sua catalogação de prática de elites. Vejamos, por exemplo, o **sport** inglês que começa por ser uma atividade ligada à aristocracia, mas que, rapidamente, é apropriado pelas classes populares.

- **Não é campeão desportivo quem quer, mas quem pode** e este poder precisa de recursos que não são exatamente os que derivam de se ter nascido em “berço de ouro”.
- **A sofisticação exigida a uma pessoa culta em termos desportivos, a um atleta, a um praticante de elite, é uma sofisticação especial**, muito diferente da sofisticação característica da “pessoa culta” no campo dos bens intelectuais.
- **Acresce** que, enquanto a sofisticação intelectual se adquire em crescendo, e se prolonga ao longo da vida, **a sofisticação desportiva atinge-se relativamente cedo, termina muito cedo, é precária, precisa de ser ganha e mantida diariamente**, num exercício de humildade perante a vida e perante os outros.
- A sofisticação desportiva precisa tanto do outro que o adversário é fundamental no desporto. **Aspetos como arrogância, ganância, avareza, snobismo, distanciamento, não cabem na sofisticação desportiva.**

c) O **desporto** é uma manifestação cultural da civilização humana: **faz parte da cultura humana**.

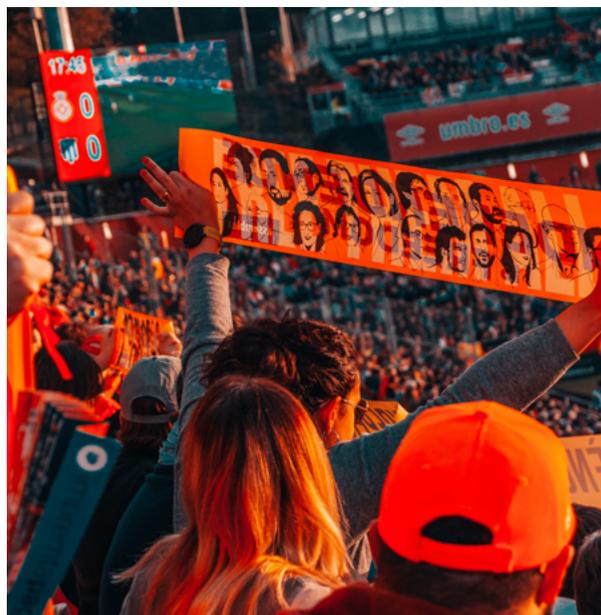
Todos os humanos sentem um profundo ímpeto para tornar mais agradável o seu tempo de vida (Araújo, 1990). Foi-nos dada a existência, mas, como refere Ortega Y Gasset de forma dramática, essa existência foi-nos dada vazia. A conduta universal do ser humano caracteriza-se pelo conceito de “abertura ao mundo”, em contraste com a vinculação ao meio que caracteriza a conduta dos animais. Por isso, Gehlen (1940) chama **ao ser humano** um «ser incompleto» ou “em busca permanente” que, por carência de adaptações morfológicas especiais, **foi constrangido a fabricar o seu próprio mundo de cultura, através da sua ação**. Para sobreviver, o ser humano tem de compensar a falta de especialização com a sua própria ação, a qual lhe permite **construir um mundo cultural**, onde surgem as suas **realizações espirituais e culturais mais elevadas**.

O desporto é uma das criações deste mundo cultural construído pelo ser humano.

O desporto é uma manifestação do ímpeto do ser humano para tornar mais agradável o seu tempo de vida:

- É um meio que preenche a “existência vazia” que lhe foi dada.
- O exercício desportivo vivido na sua plenitude, é uma enorme possibilidade de promoção de alegria, da felicidade e do prazer. Mesmo sendo útil, produtivo e fundamental para o bem comum, **o “céu” do ser humano precisa de outro tipo de caminhos**.

➤ O desporto, quer como prática, quer como espetáculo, tem-se manifestado um excelente caminho para que, nesta dimensão vivencial que partilhamos, por momentos que seja, **“sintamos o perfume do céu e a presença dos deuses”⁸**.



⁸ Que dizer da afirmação do cientista ilustre, ocupado com o estudo de uma proteína fundamental para a compreensão das doenças de Alzheimer e de Parkinson, de indiscutível valor para a humanidade, que responde a uma amiga que comenta com ele a subida de divisão do modesto clube da sua cidade: “I’m in heaven” (estou no céu).

Valores, ser relacional, corpo, movimento, jogo, função simbólica, tudo isto pode ser encontrado no desporto. Tudo isto alicerça e forra o lado de dentro do desporto, que lhe permite brilhar socialmente, interessando de forma vigorosa a sociedade. Deste ponto de vista, desporto é cultura.

O desporto é, pois, uma criação humana, inscreve-se no âmbito da ação (humana). A sua grande riqueza permite ao homem preencher uma parte especial da sua existência.

Em suma:

O desporto é intrinsecamente cultural, porque contém: **princípios, valores, atitudes, relações, normas, regras, obrigações, deveres, conflitos, desafios, exigências, ideais, objetivos, metas, criações, realizações...**

1.2.2. DESPORTO É (UMA) CULTURA

Quando se afirma que o desporto é cultura significa, por um lado, que o desporto enquanto criação do ser humano se inscreve na cultura, faz parte da cultura humana e, por outro lado, que o desporto, como um todo, **é uma cultura em si, entre outras que coexistem na sociedade. Há cultura musical, cultura literária, cultura desportiva...**

Nas sociedades modernas, estruturadas socialmente de maneira complexa, **coexistem diversos mundos**, percorridos mais ou menos voluntariamente todos os dias (do trabalho, à família, aos amigos, aos passatempos). Estes “pequenos mundos” condensam conteúdos que representam os seus desafios, as suas exigências, os seus significados. Entre os vários “pequenos mundos”, que percorrem a vida de cada um e dos grupos a que pertence, o **desporto é um desses possíveis “mundos”**.

Nenhum destes “pequenos mundos” tem um significado que abranja a totalidade da vida da pessoa, ao ponto de a governar completamente (Jarvie, 2012). Estes “pequenos mundos”, em que decorre a vida social, que permitem à pessoa experimentar sentidos e significados especiais, podem ser descritos como **(sub)culturas específicas**, não só de uma classe social, de uma idade ou de um género, mas também de grupos que se formam transpondo as fronteiras sociais.



Para agir na subcultura desporto recorre-se aos **padrões e esquematizações** que foram sendo **construídos ao longo do tempo**, que são **válidos para essa mesma subcultura** e, frequentemente, **somente são válidos nessa subcultura** (Hitzler, 1991).



Dito de outro modo, **a pessoa liberta-se dos outros “pequenos mundos”** em que decorre a sua vida, **recorre aos padrões de comportamento associados ao desporto**, que foram sendo criados ao longo do tempo e **atua de acordo com os seus critérios e princípios de vida**. Como bem refere Costa (1992), **o desporto provoca tanto mais entusiasmo quanto mais ele se apresenta como um mecanismo de compensação**.

Na medida em que não conseguimos dominar completamente a vida real, **tentamos, embora de maneira ilusória**, exaltar-nos e encontrar **satisfação** em atividades que se situam noutra plano.

No desporto em geral, os jogos que mobilizam largas massas da população não são somente passatempos, são canalizadores de intensas emoções coletivas. Os grandes rituais de uma cultura ligam permanentemente o que é vivido na

superfície e na profundidade da “alma de um povo”. A prática desses rituais **realimenta os indivíduos através da vivência dos símbolos do inconsciente coletivo**.

Assim, tanto mais rica será uma cultura quanto mais exuberantes e espontâneos forem os rituais que os seus indivíduos têm à disposição (Freitas, 2000, p. 36).



Aqui chegados, percebemos melhor o mecanismo que leva adeptos de uma equipa, insuspeitos quanto à sua elegância e seriedade no dia a dia, por exemplo, a chamar nomes ao árbitro, ou a hesitar na condenação de atos agressivos de adeptos incontrolados. Ou como as pessoas parecem transformar-se quando praticam ou veem a sua equipa de eleição em atuação.

Para entender **um acontecimento como o desporto**, é necessária a referência à **cultura que lhe está subjacente**, ou seja, **mostrar conhecimento de que existe conhecimento que nos diz o que fazer e o porquê**.

- i. **O espectador** de um acontecimento desportivo pode não conhecer todas as regras, não ter todo o conhecimento sobre o que fazer e porque o fazer, como tem um treinador ou, de outro modo, como tem um atleta, **mas esse espectador sabe que existem regras, quaisquer que elas sejam, mesmo que estas lhe escapem**. É esta consciência de saber que existe algo especial naquilo que os praticantes fazem que une o espectador ao desporto.



Aqui chegados, percebe-se melhor o equívoco que é pensar que um adepto inflamado, que ama muito a modalidade e sabe tudo acerca de contratações, estatísticas e erros de arbitragem... pode, só por isso, comentar o que quer que seja sobre desporto, sem cair na banalidade, na superficialidade e nos aspetos colaterais.



- ii. **Um praticante**, por outro lado, tem de conhecer pelo menos as regras básicas constitutivas da modalidade, que permitem realizar esse “algo” e a que se submete voluntariamente. É interessante verificar que, quando há vontade de praticar mesmo que haja limitações motoras dos praticantes, ou limitações das condições materiais, ou ainda porque a vontade de praticar é momentânea, de forma muito natural se **criam regras ad hoc que, se não permitem a expressão mais sofisticada da modalidade, permitem que essa modalidade se pratique**, nessas condições particulares, **sem beliscar o “algo” fundamental da modalidade**.



Aqui chegados, percebe-se melhor como podemos utilizar formas adaptadas da modalidade tanto na formação como no processo de treino em geral, formas essas que sejam adequadas às condições concretas da etapa de desenvolvimento, sem comprometer aquilo que podemos considerar a gramática da modalidade. No fundo, esta característica do desporto sustenta um olhar interessante sobre o tratamento didático metodológico dos desportos, no processo de formação.



São os elementos culturais (as regras, os rituais, as técnicas, o conhecimento específico...) que dão sentido ao que se desenrola no estádio, no pavilhão, no tatami, nas pistas de *ski*, de *skate*, de atletismo, ou na piscina e que justificam a presença de quem pratica e de quem assiste.

Façamos um exercício diferente: retiremos ao desporto o propósito, o objetivo, o conhecimento, as regras, as técnicas e os meios que dão um sentido comum ao ato de praticar e que criam condições para que seja partilhado, cooperando ou concorrendo, e verifiquemos o que resta. O que resta é um comportamento que contradiz todo o bom senso, um comportamento sem sentido.



Se retirarmos ao desporto os elementos culturais que lhe temos vindo a atribuir, o fenómeno pura e simplesmente desaparece.

Em suma:

- O desporto tem uma finalidade específica e um ritmo próprio.
- O desporto apresenta estruturas próprias de interação e de comunicação, que formam estruturas de conhecimento com uma importância diferente das estruturas de outros “pequenos” mundos que cada um frequenta.
- Isto permite uma comunicação e uma identificação com pessoas e grupos que, nos outros mundos da vida da pessoa, seriam impensáveis.

1.2.3. MODALIDADES DESPORTIVAS
– CULTURAS PARTICULARES

O desporto é um “pequeno mundo” que agrega um complexo de significados muito particulares, enquanto contém, em si, uma infinidade de mundos ainda mais pequenos, estruturalmente semelhantes, organizados e voltados para propósitos idênticos: as **modalidades desportivas**.



Cada modalidade desportiva é um mundo particular dentro do mundo do desporto, com significados, manifestações, rituais e comportamentos específicos.

O mundo do desporto que, como vimos, é, em si mesmo, um mundo muito particular, com crenças, valores e normas próprias e que representa uma dimensão peculiar da vida das pessoas, subdivide-se nos **pequenos mundos das modalidades desportivas, em que se aplicam regras diferentes às diversas modalidades (habilidades motoras) com o propósito comum que é praticar desporto.**

Aqui chegados percebemos melhor a necessidade de juntar à compreensão do desporto enquanto conteúdo com **sentidos, exigências e desafios muito próprios e específicos, a compreensão da cultura particular de cada modalidade desportiva**, com os seus **rituais, ambiente social característico, proveniência e recrutamento dos praticantes, tipo de adeptos, patrocínios**, significado social da modalidade quer a nível nacional, como local...



FIGURA 4 - Haka – ritual de rugby da Nova Zelândia.



A cultura não é qualquer coisa alheia que molda o desporto e que se expressa no desporto, pelo contrário, **o desporto é desporto porque é cultura**, com o seu sentido próprio e as suas formas de expressão particulares construídas ao longo do tempo e em constante evolução. Por isso, **as modalidades desportivas são uma prática social com padrões de excelência delineados pelo processo histórico e sociocultural ao longo do tempo.**

Em suma:

- O desporto é intrinsecamente cultural, porque contém: princípios, valores, atitudes, relações, normas, regras, obrigações, deveres, conflitos, desafios, exigências, ideais, objetivos, metas, criações, realizações...
- O desporto é uma forma especial de interpretação sistematizada da realidade e, nessa medida, é cultura.
- É esta interpretação sistematizada que informa o que se deve fazer e como deve ser feito para praticar desporto, que o torna um bem cultural.
- É a cultura que transforma o “desporto” em desporto.
- Desporto é sempre, um sinal, uma referência, uma expressão de alguma coisa.
- Desporto não só faz parte de uma cultura, como é uma cultura.
- As críticas feitas ao desporto por ser uma cultura de segunda, parecem ignorar a dimensão criadora e cultural do próprio desporto, assim como parecem excluí-lo da sua noção de sublime.



FIGURA 5 - Jogo de polo.



FIGURA 6 - Curling.

Apesar de terem regras diferentes, em todos esses “mundos” (em todas as modalidades) domina a mesma motivação desportiva do **desempenho corporal** e em todas elas **existem regras de comportamento explícitas e explicáveis que são voluntária e temporariamente aceites como obrigatórias pelos intervenientes.**

Apesar das diferenças entre as modalidades desportivas, o que se faz ao praticá-las é definitivamente desporto, pois o que é “imposto”, seja pelo sentido dessa modalidade, seja pelas suas regras constitutivas ou, mesmo, pelo regulamento disciplinar, **informa o praticante não só do que ele está a fazer, mas também, como é que o que está a fazer, deve, em princípio, ser feito.**

O desporto enquanto cultura não significa, portanto, nenhum tipo de referência estranha, nem a mais-valia do desporto, aquilo que torna o desporto sublime, é algo esotérico de difícil compreensão.

Até porque: **quando se quebra a barreira do entendimento do corpo como um fardo menor que o ser humano carrega para poder existir e se entende que o corpo e o movimento são meios fundamentais para a compreensão, apropriação e transformação do mundo**, o desporto, enquanto manifestação de excelência dessa capacidade de realização e expressão, **ganha valor por si só!**

1.2.4. DESPORTO E CULTURA DE MASSAS

A ideia de cultura de massas, muito forçada pelos meios de comunicação de massa, parte do princípio de que a população das sociedades modernas pode ser culturalmente uniformizada pelos efeitos dos meios de comunicação de massa e que a liberdade de tomada de decisão das pessoas é severamente condicionada e controlada externamente (Jarvie, 2012).

////////////////////////////////////
Deste modo, o desporto entendido somente como elemento ou veículo da cultura de massas leva ao caminho da falta de sentido e da alienação.

Enquanto a massificação da prática desportiva tem a vantagem de aumentar as oportunidades de prática desportiva para diversos grupos e idades, o espetáculo desportivo, enquanto cultura de massas, aumenta as oportunidades comerciais que o desporto oferece aos organizadores do espetáculo desportivo, pelo que interessa, sobretudo, aos produtores e distribuidores de bens de consumo de massa, associados ao desporto.

Ou seja, o espetáculo desportivo aumenta de tal modo os interesses não desportivos que, muitas vezes, o perigo está nos interesses exteriores ao desporto se sobreporem de tal modo aos interesses desportivos, que se tornem inimigos do próprio desporto. Não é difícil arranjar exemplos que ilustrem este verdadeiro massacre da “galinha dos ovos de ouro”. A perda de autonomia e independência do desporto pode atingir um ponto de não retorno.



Uma das tendências do futebol globalizado é a opção clara pela mediatização, em detrimento do espetáculo ao vivo – sacrificam-se tradições, calendários, horários, em nome das transmissões televisivas. Vende-se o jogo como espetáculo televisivo, procurando-se conquistar audiências, em vez de espectadores. Ao ponto de vermos estádios novos cujas cadeiras multicores também servem o propósito de fazer parecer as bancadas cheias, mesmo que o recinto esteja vazio – o espetáculo televisivo está acima de tudo.

Coelho e Tiesler (2006).

EXCLUSIVO

Estádios perderam 1,2 milhões de espectadores



! Pontos-chave da subunidade

1. Delimitação do conceito de desporto e sentidos do desporto moderno.
2. Desportivização da sociedade e diferenciação do desporto, modelo plural de desporto.
3. Desporto e as categorias corpo, movimento, rendimento e jogo elemento fundamental do desporto.
4. Desporto é desporto porque é cultura.
5. Especificidades da cultura desportiva.

DESPORTO, SOCIEDADE E CULTURA

Zélia Matos

Índice

CAPÍTULO II.

2. DESPORTO E MUDANÇA SOCIAL	37
2.1. MUDANÇA NA ESTRUTURA SOCIAL	38
2.2. DESPORTO E VALORES DA SOCIEDADE ATUAL	49
2.3. DIMENSÃO POLÍTICA	55
2.4. DESPORTO E IDENTIDADE	60
PONTOS-CHAVE DA SUBUNIDADE	65
SINOPSE DA UNIDADE CURRICULAR	84
AUTO VERIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS	85
RECOMENDAÇÕES DE LEITURA	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87

- 1. DESPORTO NA DIMENSÃO CULTURAL
- 2. DESPORTO E MUDANÇA SOCIAL
- 3. DESPORTO, CULTURAS E GRUPOS

2.

DESPORTO E MUDANÇA SOCIAL



Competências de saída

1. Liga mudanças na sociedade em geral e mudanças no desporto.
2. Identifica valores do desporto importantes para a sua afirmação como elemento de forte intervenção social.
3. Identifica dificuldades éticas do desporto atual.
4. Interpreta o papel dos eventos desportivos na ligação desporto-política, nomeadamente dos Jogos Olímpicos.
5. Identifica a relação desporto e identidade.
6. Considera problemas da governação desportiva em geral e da necessidade de regulamentação.



CrITÉRIOS de evidência

1. Relaciona aspetos do desporto global com o desporto nacional.
2. Caracteriza megaeventos desportivos enquanto estratégia de múltiplos interesses ligados ao desporto
3. Ilustra o papel desempenhado pelo desporto nos processos de afirmação de grupos e nações
4. Identifica consequências do impacto do poder não desportivo no desporto.

37



2.

DESPORTO E MUDANÇA SOCIAL

2.1. Mudança na estrutura social

2.1.1. ACERCA DA RELAÇÃO DO DESPORTO COM A SOCIEDADE

Os vínculos estreitos que o desporto constrói com a sociedade moldam-no e conferem-lhe um significado simbólico (Weiss, 2017). Acresce que, se a mudança social nem sempre é gradual ou previsível, existem transições que se podem perceber com clareza.

Enquanto fenómeno complexo, o desporto de hoje, plural de formas, sujeitos, manifestações e sentidos, fenómeno de importância cultural manifesta, é congregador de interesses muito diversificados e, por vezes, contraditórios. O desporto afirma-se como um dos fenómenos mais importante do

século XX, mantendo-se intocável a sua importância no início deste **século XXI**. Acontecimento que percorre todas as culturas, as práticas desportivas transcendem os sistemas políticos, sociais e económicos, desempenhando uma **função social** muito particular, sendo, também por isso, considerado uma **lente de aumento da própria sociedade** (Costa, 1992).



Visto de forma positiva, o desporto cumpre muitas vezes a função de um cimento social e pode reforçar a consciência coletiva e a coesão social. Por outro lado, e a precisar de análise crítica continuada, existe a possibilidade, sempre presente, de uma possível instrumentalização do desporto.

A complexidade crescente da vida social em geral, o desenvolvimento do fenómeno desportivo e a sua influência na sociedade em particular, forçam a clarificação das relações já estabelecidas, bem como das novas relações que vão firmando com instituições e organizações da sociedade, com que o desporto se relaciona.



A necessidade de relacionar o mundo do desporto com a sociedade reside, em parte, na **mudança constante que se opera a nível social** e que **põe à prova a dimensão social do desporto** quanto à sua **capacidade de adaptação às mudanças** e de **enxergar as áreas em que o desporto deve ajudar e estimular a mudança**:

↳ O desporto liga-se a outros subsistemas da vida social, nomeadamente a estruturas dos níveis económico, político, ideológico, entre outros.

↳ O papel do desporto na vida social deve ser procurado nas relações que estabelece com outros subsistemas, **a partir da riqueza intrínseca e única do desporto** e, deste modo, **acautelar que as relações que estabelece, mesmo que o vão transformando, não o descaracterizam**.

↳ Parte da riqueza do desporto pode ser avaliada pela **diversidade de efeitos que provoca** e, por conseguinte, pela **pluralidade de objetivos** que pode ajudar a atingir, tanto a nível individual de quem pratica, como do ponto de vista coletivo.

////////////////////////////////////

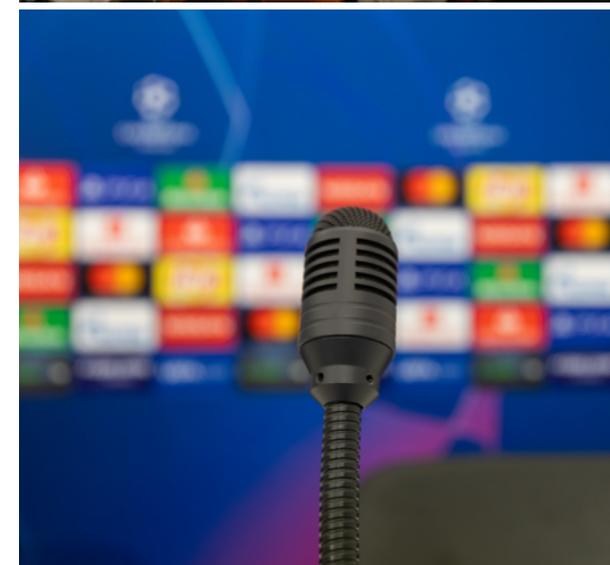
O desporto oferece numerosas oportunidades de desenvolvimento social, tais como:

- formação de competências sociais;
- prática do trabalho em equipa;
- vivência do *fair play*;
- igualdade;
- redução de preconceitos;
- oportunidade de construção de sentidos, nomeadamente do empenhamento e entrega pessoal;
- fortalecimento de contactos;
- possivelmente contribuir também para a integração social, compreensão internacional ou reconciliação.

////////////////////////////////////

Por outro lado, exclusão, racismo, xenofobia, antissemitismo, homofobia, propensão para a violência no desporto, corrupção e comercialização exacerbada de eventos desportivos, bem como o perigo de nacionalismo exagerado que é transmitido através do desporto (Jäger, 2005), são aspetos do lado negativo que pode acompanhar o desporto.

O desporto cumpre funções essenciais na política, nos negócios e nos meios de comunicação social: os políticos utilizam os grandes eventos desportivos na procura de popularidade e simpatia, as empresas ganham milhões em negócios relacionados com o desporto, e os meios de comunicação social e o desporto também mantêm uma relação estreita com vínculos muito fortes.



2.1.2. MUDANÇA SOCIAL E EXPANSÃO DO DESPORTO

É numa sociedade marcada por **profundas transformações culturais sociais e tecnológicas** que temos de pensar o **papel do desporto**, que perdeu o seu sentido único e acrescentou outros sentidos à sua força simbólica tradicional.

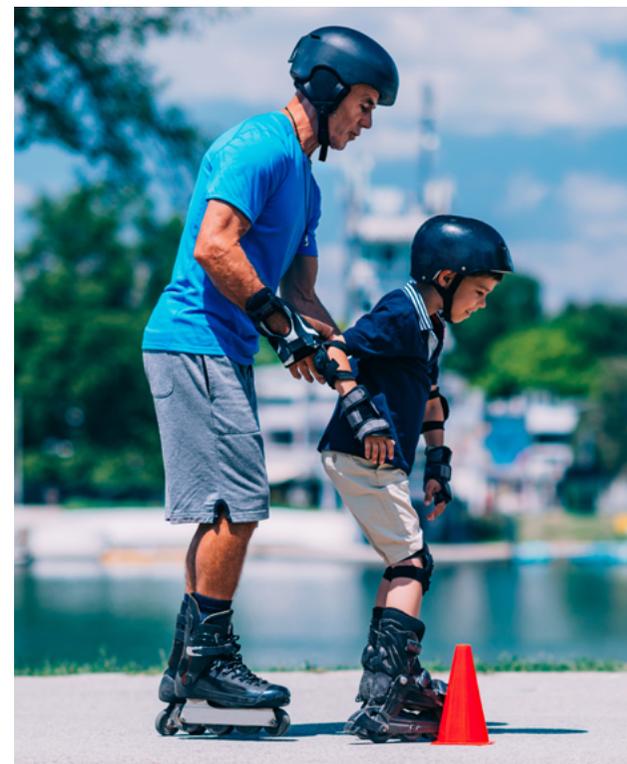
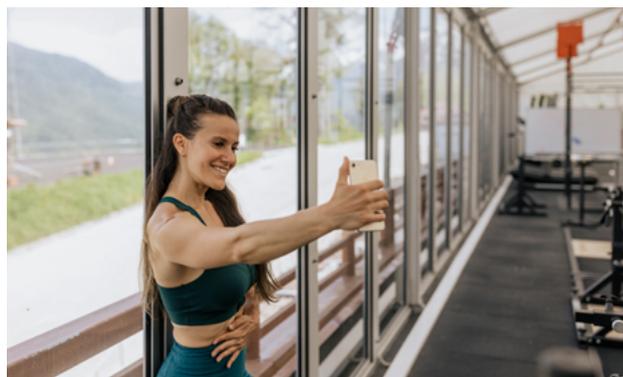
Na atualidade, o desporto possui um impacto internacional tão amplo que, seja nos *media*, seja nas conversas do dia a dia, a atualidade desportiva é comentada tanto a nível local, como a níveis regional, nacional e internacional. Como afirma Chora (2021), o desporto assume-se como uma instituição social e cultural que toca pessoas das mais variadas origens de uma forma única, sem paralelo noutras instituições.



A abertura e expansão da prática desportiva enquadra-se num ambiente de profundas mudanças na sociedade, marcada pela complexidade crescente da ambiência cultural, pela individualização, pela redescoberta do corpo e das suas novas culturas, por novos estilos de vida, pela globalização (Bento, 1999).

A sociedade contemporânea é atravessada por valores como **o relativo, a diversidade, o subjetivo, o prazer, o light, o presente, a secularização, o sentimento, a estética, o humor, o agnosticismo, a casualidade**. Em concomitância, a **cultura pós-moderna** apresenta as seguintes características: cultura de rua; incide sobre a população geral e multivariada;

mais possibilidades de formação coletiva; procura o conhecimento cultural do presente; novas formas culturais ainda não codificadas; quer-se experimentar ou experienciar, participação cultural ativa; possibilidade participativa, criativa e de liberdade, projeção cultural como ação vital; possibilidade do prazer cultural (Gervilla, 1997; Queirós, 2002).



As mudanças profundas operadas no desporto, tanto ao nível dos **propósitos** como dos **domínios** resultam em alterações sentidas em quatro vetores principais (Heinemann, 1992):



1. O desporto perde a sua unidade interna - aos atletas tradicionais, juntam-se novos grupos da população que passam a praticar desporto. Instalam-se modelos distintos de desporto com formas diferentes de o entender e organizar. À oferta do tradicional clube desportivo, juntam-se novas ofertas comerciais para a prática desportiva pelo que, deste ponto de vista, se altera a importância do clube desportivo, na sua forma tradicional.

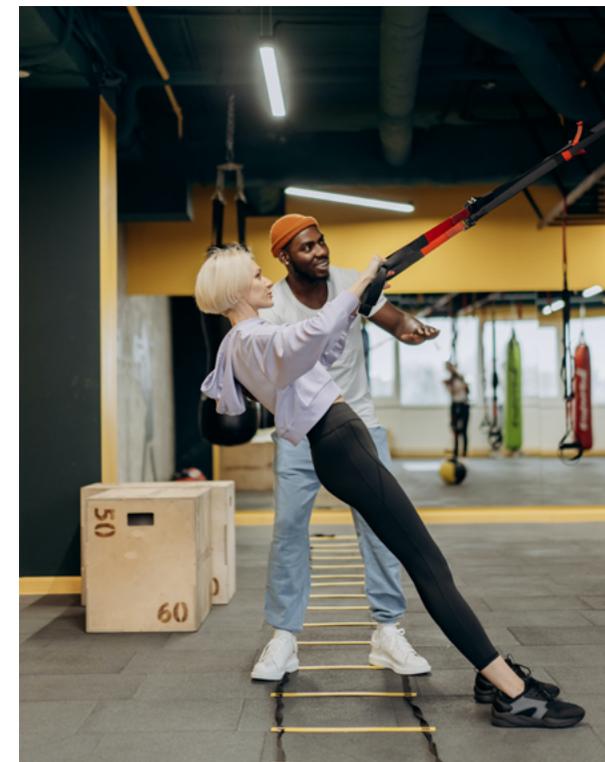
2. O desporto perde a sua identidade fechada – as fronteiras das modalidades desportivas com outras formas de expressão do corpo e do movimento são cada vez menos nítidas e novas formas de expressão motora são consagradas como modalidades desportivas. O desporto garante a sua antiga ligação à educação, volta a ligar-se em força à saúde, enquanto se liga a novos âmbitos como o lazer e turismo e se aproxima de tantos outros campos e subsistemas sociais como a economia, a comunicação social, a indústria de material desportivo, a tecnologia, entre outros.

3. Gradualmente o desporto perde autonomia e independência – o desporto relaciona-se cada vez mais com organizações do meio envolvente. Consagra-se a interdependência entre desporto e desenvolvimento tecnológico e científico. O desporto passa a servir interesses económicos, programas de ocupação de tempos livres, sistemas terapêuticos. Aberto a satisfazer necessidades, motivações e interesses distintos, ao desporto colocam-se agora problemas do meio ambiente e da natureza, bem como desafios culturais e sociais específicos. Estas ligações do desporto a instâncias exteriores vão impor condições que acabam por influenciar o desporto em si e interferir na própria prática desportiva.

4. O desporto cada vez mais se concretiza ao nível da:

- (i) **prática** propriamente dita;
- (ii) crescente **comercialização e tecnologia** que, por sua vez, de certa maneira, pré-determinam e influenciam o modo como o desporto é praticado.

A complexidade do desporto acentua-se quando se liga ao comércio e *mass media*, à saúde, ao desejo e à estética, aos aspetos psicológicos e somáticos, nacionalismo, educação e administração, ordem social ou luta de género, tudo ao mesmo tempo (Jarvie, 2012).



O modelo de desporto tradicional evoluiu para um modelo plural, em que o desporto tradicional, representado pelo modelo piramidal, (ver fig. 1) tem uma enorme evolução, convivendo o desporto profissional com outros modelos (ver fig.2) que, entretanto, se afirmaram e estruturaram em representação de novos âmbitos de prática desportiva que foram ganhando importância. Digamos que, no desporto profissional, as características do desporto moderno sintetizadas por Guttman (1978), se desenvolveram e refinaram.



Ainda hoje, o desporto não é verdadeiramente compreendido como cultura no que poderemos chamar “sociedade civil”. Apesar da dimensão adquirida pelo fenómeno desportivo, apesar dos avanços das ciências do desporto, apesar do potencial formativo do desporto e da sua ajuda nas questões da saúde, **ainda hoje se memoriza o desporto a ponto de se achar banal que não tenha voz própria e só tenha voz na medida em que é um instrumento de outros subsistemas, sobretudo da dimensão política e económica e mediática.**



Entender o desenvolvimento desportivo como um processo global e integrado na sociedade, supõe também **transformações de mentalidade, transformações materiais e sociais que percebam o desporto enquanto elemento da cultura atual**, com um contributo único e específico para a promoção da qualidade de vida das pessoas e para o bem comum (Constantino, 2020). Posto isto, é imprescindível perceber-se que:

- A contemporaneidade chegou ao desporto e os objetivos que presidiram à institucionalização do desporto já não são os mesmos. Neste início do século XXI, temos de **problematizar o papel do desporto à luz de novos valores e ambientes sociais.**
- As mudanças socioculturais na sociedade, a modernização contínua da vida quotidiana e os novos estilos de vida vão, inevitavelmente, **influenciar o praticante, seja de que nível for e, muito particularmente, os jovens em formação.**

- Existem **atletas pop stars**, a desempenhar papéis sociais tradicionalmente guardados para galãs de Hollywood ou ídolos da música pop. Neste processo de “glamorização” já se incluem alguns treinadores. Podendo parecer um aspeto lateral, a dimensão *pop star* de atletas, muitas vezes à escala planetária, coloca novos desafios, nomeadamente a nível da sua formação desportiva e da gestão das carreiras.

////////////////////////////////////
Aqui chegados percebemos como o desporto se complexifica enquanto reforça a sua posição de **elemento preponderante da vida social.**
////////////////////////////////////

2.1.3. O DESPORTO GLOBAL

O **desporto** é uma **linguagem universal**, muito partilhada. Se os jogos têm um carácter nacional, regional e mesmo local, o desporto, ao uniformizar as regras que o orientam, permite uma **partilha global**. Esta característica está na base, por exemplo, da possibilidade:

- da realização de eventos mundiais, com a participação alargada das diferentes comunidades e países;
- da circulação de protagonistas e sujeitos do desporto entre culturas desportivamente mais e menos avançadas.



////////////////////////////////////
Todos os dias há notícias do desporto global: atletas, treinadores, diretores desportivos, diferentes sujeitos do desporto que atuam fora do seu país, bem como agentes desportivos e companhias e empresas ligadas ao espetáculo desportivo que atuam globalmente.
////////////////////////////////////

Acompanhando a globalização acelerada no século XXI nos “países em desenvolvimento”, o desporto desempenha mesmo um papel crucial na abordagem da transformação social, económica e política dos diferentes países (Burnette, 2017). Não podemos, pois, continuar a olhar a nova realidade com instrumentos e pressupostos antigos. O chamado desporto global estabelece-se com processos que refletem, no desporto, a **interdependência das nações, das regiões e das próprias localidades dentro da política global e da economia mundial** (Jarvie, 2012).



Compreender esta globalização é **compreender a natureza mutável do desporto, da cultura e da sociedade**. Podemos elencar, de acordo com Jarvie (2012), algumas características do desporto global:

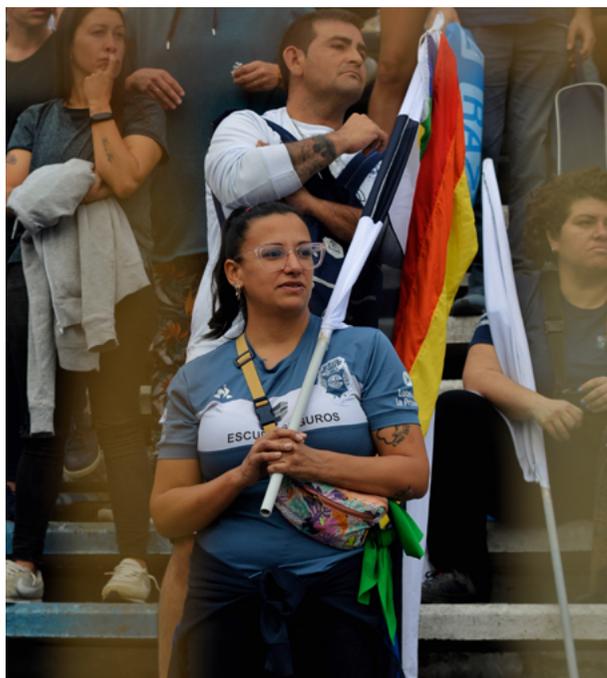
- **aumento do fluxo migratório** de atletas, treinadores, agentes, gestores, diretores desportivos, sujeitos do desporto em geral;
- **financiamento** do desporto feito à escala global;
- **divulgação** do desporto pelos meios de comunicação social realizada à escala internacional;
- **aumento da partilha** de ideias e conhecimento sobre desporto em todo o mundo;
- **aparecimento de organizações** desportivas transnacionais;
- diferentes culturas desportivas apresentam **níveis de consumo diferentes**.

Nas últimas décadas, **as indústrias desportivas** globais passam por transformações radicais, à medida que muitos

Usando a abordagem de Appadurai (2004) nos seus trabalhos sobre globalização, na análise do desporto global, é importante:

- identificar os processos que passam por cima das fronteiras nacionais, nas várias dimensões em que o desporto intervém;
- conhecer o posicionamento em relação ao desporto dos vários protagonistas e das diferentes instâncias:
 - países com as suas leis próprias;
 - multinacionais com os seus objetivos;
 - modo como se situam grupos políticos, económicos, religiosos;
 - modo como se situam as regiões, cidades, vilas e os próprios familiares dos atletas.

Todos estes grupos e instâncias devem ser tidos em conta, na apreciação das formas de interação já existentes, bem como das novas formas de interação mais fluidas e “sem território” que se vão estabelecendo.



desportos profissionais se integram no mercado, caracterizado por uma competição acirrada não apenas por talentos desportivos, mas também pela captação de telespectadores e canais de televisão. Essas transformações vão da abertura dos canais televisivos na década de 1980, à chegada da televisão por satélite aos cantos mais remotos do mundo (Besnier, 2017): os **interesses não desportivos aumentam à volta do espetáculo desportivo** e, muitas vezes, a influência desta interdependência no desporto, sobrepõe-se de tal modo que poderá tornar-se **“inimiga” do próprio desporto**.

Nas mudanças operadas, identifica-se a **indissociável e interdependente relação das dimensões desportiva, económica e simbólica** na determinação da orientação da ação para a vitória (*tout court*), com a consequente **radicalização dos interesses concorrentes e a intensificação da competição** (Marivoet, 2018).

////////////////////////////////////

Tal provocou:

- **Mudanças no ethos da interação desportiva, que fragilizaram o princípio do fair play**, assistindo-se ao aumento das práticas que o quebram.
- **As desconfiças e as dinâmicas de vigilância e de fiscalização**, encetadas nos anos noventa, contribuíram para **acionar solidariedades mecânicas no seio de grupos de interesse**, num contexto de oposição e confrontação ou de radicalização propício a manifestações de revolta violenta coletiva (Marivoet, 2018).

////////////////////////////////////

Exemplos da **relação das dimensões desportiva, económica e simbólica** na determinação da orientação da ação para a vitória (Besnier, 2017):

- Neste contexto hipercompetitivo os **principais clubes e equipas procuram os talentos desportivos, também por todo o mundo**, nomeadamente nos países com condições de vida mais precárias e onde **as condições de recrutamento de atletas** são mais fáceis.
- Em países onde existe uma possibilidade extremamente limitada de sucesso, a possibilidade de **emprego nas indústrias do desporto tem um efeito transformador na vida dos jovens**, sobretudo dos jovens rapazes, que arquitetam **sonhos de sucesso desportivo**, na tentativa de passar por cima da precariedade das formas tradicionais de vida adulta das economias locais.

A globalização reforça, pois, as indústrias do desporto cada vez mais mercantilizadas, dominadas pelos órgãos de comunicação social e por empresas que transformam os atletas profissionais migrantes em sujeitos encarregados dos seus destinos, num mercado de trabalho cada vez mais exigente e imprevisível. Senão vejamos:

- Neste contexto, **o glamour do desporto atrai muitas pessoas que, por todo o mundo, têm vidas difíceis**.
- Neste contexto, também, não raras vezes **chegam notícias da exploração destas pessoas por entidades sem escrúpulos** que as arrastam para processos criminosos de emigração ilegal e tráfico de seres humanos.

44



EXCLUSIVO

Dezenas de clubes de futebol investigados por imigração ilegal e tráfico humano

Diário de Notícias 06 de Janeiro de 2021

SEF detém empresários de futebol Sul-americanos por tráfico de seres humanos

Clube ██████ e o seu presidente são também arguidos. Aos atletas era prometida a legalização e a celebração de contratos profissionais.

Diário de Notícias 15 de Março de 2021



Que entidades alheias ao desporto o façam é grave, mas é assunto de polícia em geral. Que entidades ditas desportivas, como clubes de futebol ou outras, participem nestas atividades criminosas, acrescenta-lhes um crime de lesa desporto, por minar a credibilidade do desporto no seu capital mais importante: a sua base humanista em que o respeito e a promoção do ser humano em todas as circunstâncias não são negociáveis.

Em relação ao desporto global, o desafio que o mundo do desporto enfrenta tem de ter em conta:

- (i) a **influência da corrupção** que tem acompanhado o desenvolvimento do desporto internacional;
- (ii) a **premência de se reformar a governação do desporto, que ocorre em níveis diferentes**, raramente é coordenada e escapa muitas vezes à justiça internacional⁹;
- (iii) o **poder dos modelos europeu e americano** de desporto profissional e a **questão de saber se formas não ocidentais de desporto** se podem modernizar e tornar-se elementos poderosos na arena internacional, se continuam ligados a valores, crenças e tradições diferentes dos valores ocidentais.

2.1.3.1. O CASO DOS MEGAEVENTOS DESPORTIVOS

Vejamos o caso dos megaeventos desportivos, compreendendo com Erten (2004) o conceito de **megaevento**:

⁹ Governança desportiva: uma inflexão da governança global? <https://www.redalyc.org/journal/927/92754537009/html/>

- Os **megaeventos** são organizações em **grande escala**.
- Têm um **significado global** e atraem o **interesse das massas**.
- São acontecimentos extraordinários, com **sentido de festa**, que vão para além da rotina da vida quotidiana.
- Acontecem num **tempo e num espaço exclusivos**.
- Precisam de uma **cidade para os acolher**. Assim, precisam de um espaço especial, com **requisitos que podem mudar o ambiente urbano da cidade anfitriã**.
- Em geral, alternam entre diferentes cidades de todo o mundo.
- Exigem uma **organização e institucionalização** complexas a vários níveis: **local, nacional e internacional**, bem como uma **elevada divisão do trabalho**.
- Têm uma **dimensão económica significativa**.
- Estão intimamente **relacionados com o desenvolvimento tecnológico**.

Hospedar **megaeventos desportivos** é frequentemente usado em termos políticos, na procura da afirmação dos países e do desenvolvimento económico, tomando-se o **desporto como força mobilizadora muito importante** (Burnette, 2017). O desempenho desportivo (*performance*), digamos assim, **fica comprometido com níveis elevados de comercialização, profissionalização e efeitos económicos**, que se multiplicam com a ligação desses megaeventos à promoção do **turismo desportivo**, do **desenvolvimento de infraestruturas** e de **serviços especializados**.



Deste modo, podemos afirmar com Erten (2004) os seguintes processos e estruturas relacionados com o **conceito de megaevento**:

- O megaevento é uma porta de entrada que funciona como um processador de dupla face, entre escalas económicas globais e escalas económicas locais.
- A economia de escala global tem uma dinâmica que precisa de novos lugares para libertar mais-valias e para abrir novos mercados.
- A economia de escala local tem uma dinâmica que requer um certo desenvolvimento económico, possível através da construção de novas redes e da sua articulação com as redes existentes.
- Na natureza de um megaevento existem sempre intenções de crescimento e progresso.

- Nem todos os locais podem sediar um megaevento.
 - Exige um certo nível de capacidade urbana, ou seja, capacidade de uma localidade lidar com uma organização complexa e todos os seus recursos.
 - Partes desta capacidade podem ser desenvolvidas a curto prazo - infraestrutura técnica, por exemplo.
 - Outras partes requerem um enraizamento cultural e histórico - cultura desportiva e práticas institucionais, por exemplo.
 - Na capacidade urbana há certos critérios que são estáveis, não estão abertos a modificações a qualquer avanço, como, por exemplo, aspetos religiosos e fechados a modificações, como por exemplo, a geografia física e o clima. (Não é por acaso que o campeonato do mundo de futebol no Qatar precisou de muitos ajustamentos, desde o calendário, às exigências comportamentais feitas ao público. Chega a ser paradoxal!!)

Os **megaeventos desportivos** são, também, de acordo com Chora (2021) a principal estratégia usada no desporto enquanto plataforma de afirmação internacional. Um conjunto de exemplos é reunido por Chora (2021):

- Nos anos 30, quer a Itália fascista de Mussolini quer a Alemanha Nazi de Hitler, utilizaram respetivamente o Mundial de Futebol de 1934 e os Jogos Olímpicos de 1936 para enaltecer internacionalmente o seu regime.
- Durante a década de 1970, o famoso combate entre Muhammad Ali e George Foreman conhecido por “The Rumble in the Jungle” realizado em Kinshasa foi fruto de intermediação dos Estados Unidos, tendo permitido uma projeção internacional ao regime de Mobutu no Zaire. Estima-se que a transmissão tenha chegado a mil milhões de espetadores.
- Outro caso prende-se com a organização alemã do Mundial 2006, que concluiu um longo processo de afirmação da nova Alemanha moderna, tolerante e apelativa no cenário internacional.

46



////////////////////////////////////
O empolgamento da comunidade e alguma comoção nacional provocados pela realização destes megaeventos podem ser mobilizadores, mesmo que, passados alguns anos, se percebam alguns exageros cometidos.
////////////////////////////////////

SEGUNDO O SOCIÓLOGO ANTÓNIO SILVA E COSTA

Euro 2004: o acontecimento mais importante desde os Descobrimentos

Nelson Marques
14 de Maio de 2004, 18:36

Jornal Público

Os benefícios associados à hospedagem destes eventos são os assumidos **efeitos em cascata na sociedade**, se bem que o custo para os contribuintes e o escoamento de recursos para estes megaeventos, quando os recursos são escassos, encontram resistências na sociedade. De qualquer modo, **os efeitos “não desportivos” levam sempre a melhor, quando se fala dos benefícios destes megaeventos.**

////////////////////////////////////
Aqui chegados, uma questão se coloca: **como se articulam estes poderes que operam com o desporto, com a salvaguarda do próprio desporto e dos valores que tradicionalmente lhe estão associados?**
////////////////////////////////////

Corrupção, exploração laboral, jogos no inverno. O que mais falta acontecer no Mundial do Qatar?

Quando analisamos o que se passa com a atribuição das realizações dos grandes eventos desportivos, não basta perceber que são interesses económicos ou políticos que estão na sua base, **é preciso clarificar quais são esses interesses económicos e esses interesses políticos.** Não só porque o olhar principal na análise do mundo em que o desporto opera é dominado pelo ponto de vista dos países mais influentes na cena mundial, como por causa **dos poderes desterritorializados das grandes empresas, que operam no mundo do desporto.** E há que questionar o modelo seguido pelas “potências” globais do desporto, do Comité Olímpico Internacional (COI) às federações desportivas nacionais e internacionais, nas escolhas e modelos que têm seguido.

No âmbito do desporto global, um dos intervenientes com mais poder são os **media**, em particular a **televisão, sobretudo por causa do aumento das possibilidades de comercialização associadas à mediatização do desporto**, assim como as **organizações desportivas internacionais**, com o seu *marketing*, administração e controle global que têm do desporto ou da sua modalidade (FIFA, COI, ETC). (Freitas, 2021; <https://jumperbrasil.lance.com.br/nba-busca-novo-acordo-tv-us75-bilhoes/>).

Outro interveniente de peso é o **poder das empresas globais ligadas às indústrias do desporto que recrutam mão de obra**



Os seus ténis foram feitos por mão-de-obra escrava? É provável!

Executive Digest, 19 de Outubro de 2019

barata, muitas vezes infantil e escrava, na produção de artigos desportivos, o que tem gerado muitos protestos internacionais, nomeadamente de organizações ligados aos direitos humanos e aos direitos da criança.

Por exemplo, a realização dos Jogos Olímpicos tem sido cada vez mais determinada por considerações comerciais, tendo atingido o seu primeiro pico em 1984 em Los Angeles, quando empresas como a Coca-Cola, Levis e outras se tornaram patrocinadores dos Jogos. Pela primeira vez, foi possível obter lucros. As receitas televisivas cresceram rapidamente: em 1980, ainda ascendiam a 110 milhões de dólares para os Jogos de Verão e de Inverno; nos Jogos de Verão de 2000 em Sydney, já ascendiam a mais de 1,3 mil milhões de dólares. (Para a venda dos direitos televisivos associados para os Jogos de Inverno de 2014 e para os Jogos de Verão de 2016, o COI recebeu mais de quatro mil milhões de dólares. (1) *Focus on-line*).

47

2.1.4. DESPORTO GLOBAL E DESPORTO NACIONAL

Não é estranho presumir que a influência crescente do desporto global afeta o desporto nacional de cada país. É importante avaliar **criticamente as consequências deste desporto globalizado, por exemplo ao nível da representação nacional** (seleções nacionais), da **transparência das fontes de financiamento**, nomeadamente dos grandes eventos desportivos, da garantia dos **direitos dos atletas**, da salvaguarda dos **valores fundamentais do desporto e do seu papel nas comunidades**.

“Não sou adepto de jogadores naturalizados na seleção”

Sem fugir ao tema dos jogadores não portugueses, o selecionador nacional, Fernando Santos, não escondeu que tudo fará para os não convocar.

“Por princípio, não sou um fervoroso adepto de jogadores não portugueses, mas há casos e casos”, começou por referir Fernando Santos, selecionador nacional, à SIC Notícias, ao ser confrontado com um tema muitas vezes comentado e que se prende com as naturalizações.

O Jogo, 29 de Setembro de 2014

19 Março 2021 - 22:19

Jornal Record

Otávio na seleção? Fernando Santos não é “adepto fervoroso” de naturalizados mas 7 já jogaram

Médio do FC Porto requereu nacionalidade portuguesa e pode representar Portugal

BASQUETEBOLO

Travante Williams naturalizado português: “Estou preparado para lutar por este país”

Dyego Sousa é o sétimo naturalizado na seleção portuguesa

Avançado brasileiro do Sp. Braga foi chamado por Fernando Santos para os jogos com a Ucrânia e a Sérvia. Atualmente a dar nas vistas pelos golos no Sp. Braga, a sua história em Portugal começou aos 18 anos nos juniores do Nacional da Madeira.

Diário de Notícias, 15 de Março de 2019

Igualmente importante é admitir e estudar hipóteses de articulação entre o global e o local e não pensar que as duas dimensões se excluem mutuamente.

Mais avisado será estudar **formas de articulação que garantam os princípios e valores nacionais e não se rendam à inevitabilidade dos princípios de entidades sem morada nem território que fluem pelo mundo do desporto como se este fosse terra de ninguém.**

Jarvie (2012) refere-se à **crise de confiança existente em relação ao desporto global** e questiona que possibilidades existem para uma governação do desporto mais inclusiva e cooperativa. Como pode e deve ser regulamentado?



Urge derrotar os poderes invisíveis e o silêncio que os aconchega garantindo ao desporto o seu sentido humanista, também no modo como é governado e arbitrado.



2.2. Desporto e valores na sociedade atual

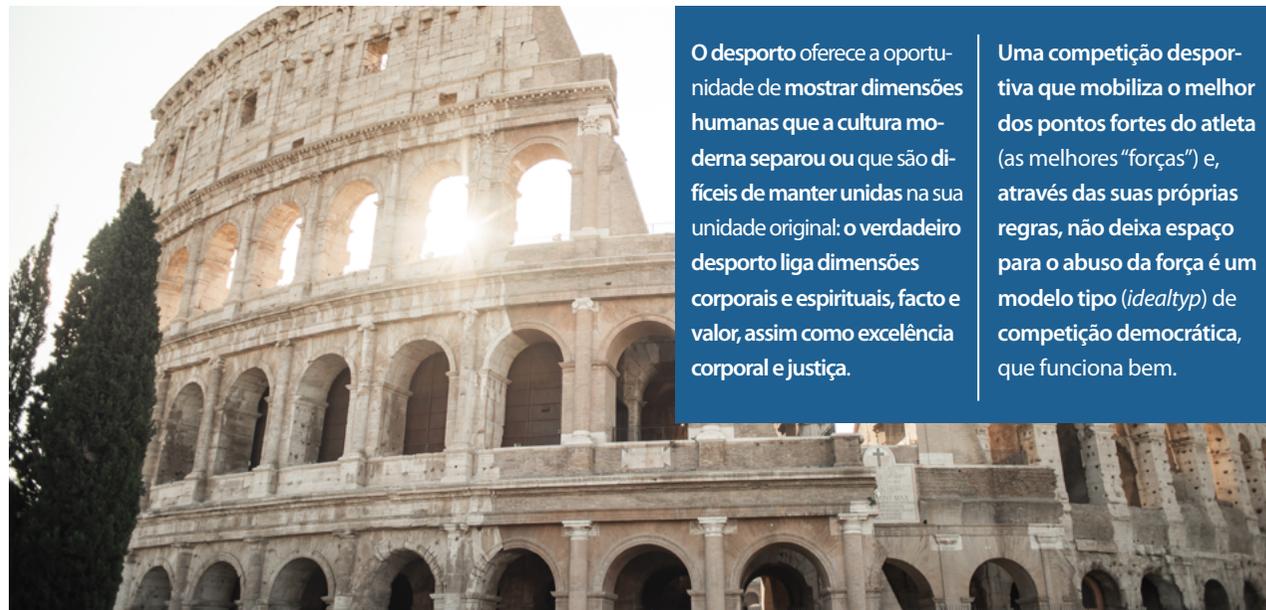
O desporto é intrinsecamente cultural, porque contém: princípios, **valores**, atitudes, relações, normas, regras, obrigações, deveres, conflitos, desafios, exigências, ideais, objetivos, metas, criações, realizações. Nesta medida se compreende que o desporto não precise de muito trabalho para ser educativo, para o que basta respeitar a sua matriz cultural. **Dá trabalho, sim, torná-lo antieducativo.**

- **O desporto oferece abundantes experiências sociais.** Cooperação; solidariedade; pacifismo; tolerância; capacidade de integração:
 - de gerações diferentes;
 - de pessoas com capacidades de rendimento desportivo diversas; e
 - de pessoas oriundas de diferentes ambientes sociais e culturais.
- **O desporto junta as pessoas em interação, tendo assim um papel de relevo nos objetivos sociais e na aprendizagem social.** Neste contexto, salientamos os **valores integrativos** do desporto que incluem: comparação, competição, rendimento, sucesso e recriação. Para se realizar, o desporto convoca ainda: aceitação, tolerância, ajuda, comunicação, cooperação, interação e integração.
- **O desporto possui um compromisso social**, ao pretendermos que inclua todas as pessoas, que seja para todos, adquirindo responsabilidades e obrigações com todos e com cada um.

Tal como refere Vermes (2011), **o desporto é uma atividade social** em que predominam, **ao mesmo tempo, a equidade e a aptidão física. A aptidão física refere-se à capacidade de mobilizar toda a nossa força** (usar o corpo numa larga extensão, ou mobilizar níveis artísticos de coordenação motora) **para atingir os objetivos da atividade praticada.**

O contexto de **valor da aptidão corporal** está enraizado na **interpretação antiga da virtude entendida como “força”**. (Não se pode ser completamente justo se não se tiver força para lutar pela justiça). **Virtude sem força é inabilidade**, tal como nos in-

forma o conceito antigo de virtude, (*arête*), que liga a **ação ativa ao fazer o bem**. Deste ponto de vista, por exemplo, **o desejo de ganhar sem verdadeiro *fair play*, a pretensão de tornar o desporto espetacular sem uma conduta moral interior levará de novo aos circos bárbaros do império romano em declínio** (Vermes, 2011). O desporto autêntico transporta a integridade dos dois conjuntos contraditórios, mas coerentes, de valores da cultura ocidental, a força e o respeito pelo outro, nomeadamente pelo mais fraco (por isso se criam regras que “igualam” as condições de competição e a diferença valorizada é a que resulta do esforço do(s) atletas).



O desporto oferece a oportunidade de mostrar dimensões humanas que a cultura moderna separou ou que são difíceis de manter unidas na sua unidade original: o verdadeiro desporto liga dimensões corporais e espirituais, facto e valor, assim como excelência corporal e justiça.

Uma competição desportiva que mobiliza o melhor dos pontos fortes do atleta (as melhores “forças”) e, através das suas próprias regras, não deixa espaço para o abuso da força é um modelo tipo (*idealtyp*) de competição democrática, que funciona bem.

Desporto e valores são associados desde sempre, contudo, existem alguns mitos sobre o desporto que realçam a importância de um olhar crítico que torne consciente o real papel do desporto na sociedade, em que medida o desporto contribui para desempenhar os papéis que normalmente lhe são associados.

O desporto é frequentemente considerado como uma “moeda cultural”, um meio para veicular valores humanistas e preocupações sociais. No entanto, isto também contrasta com o lado do desporto que é marcado pela violência, discriminação, escândalos de *doping*, bem como da influência económica e política desmesurada (Haupt & Wagner, 2018).



Aqui chegados, algumas questões se colocam:

- Em que medida o desporto ajuda, ou não, a combater as desigualdades?
- Como é que o desporto trata as questões do género?
- Qual o impacto do desporto nas populações menos favorecidas?
- Como equacionar o papel do desporto na política social e do bem-estar da comunidade?
- Qual a contribuição do desporto nas campanhas de direitos humanos?
- Como se situa o desporto em relação ao racismo?
- Como trata as questões da corrupção e da falta de transparência nas instituições desportivas?
- Que desafios éticos enfrenta?
- Como se relaciona com o poder político?
- Como se relaciona com o poder económico?

////////////////////
Usando palavras de Bauman e May (2001) poderemos afirmar que **compreender estas relações é criar um discurso próprio do desporto capaz de intervir na mudança, libertar o desporto das pressões e das vontades alheias e de um bom senso resignado e submisso.**
////////////////////

Os **domínios ético e moral, associados aos objetivos sociais**, são domínios em que o desporto pode desempenhar um papel importante: sempre existiu a forte convicção de que, através da prática desportiva, pode haver uma **influência decisiva na**

formação moral da personalidade. O desporto é visto como uma boa possibilidade de exercitação moral: *fairness* (característica moral do desporto), renúncia, ascese, entrega, atenção ao adversário.

Contudo, é no desporto de alto rendimento, onde a “criação” atinge níveis mais elevados, que se colocam os maiores exageros, geradores, por isso, dos maiores “ataques” morais e que podemos sintetizar com (Meinberg, 1990):

- a perda de humanismo;
- o *doping* (não será porque se torna frequente que passaremos a considerá-lo um delito secundário de cavalheiros. A competição de injeções e comprimidos não serão muito favoráveis nem à saúde dos atletas, nem à ética e deontologia dos médicos que participam em tal competição, nem, obviamente, à moral no Desporto);
- a brutalidade crescente dos vários atores que tornam a agressão corrente no desporto;
- a comercialização crescente que torna difícil harmonizar o desporto com a ideia de bem;
- o desporto de (alto) rendimento de crianças.

É neste quadro que entendemos que o desporto é um puro desafio moral. **A tradicional ética do desporto de competição é insuficiente** pelo que falar de ética em desporto é assumir este **pluralismo moral** (Meinberg, 1990): **moral hedonista; moral da saúde; moral da condição física; moral do desporto de alto rendimento.**

Impõe-se, assim, uma **reflexão ética no desporto** porquanto **a tradicional ética do desporto, baseada no fair play já não basta** (Meinberg, 1990). De facto, não é difícil reconhecer que os **principais desafios éticos atuais não se situam somente a nível do comportamento do atleta**. O **sujeito do desporto é plural**, há muitos **protagonistas** além do atleta e do treinador, tais como dirigentes, árbitros, público, agentes desportivos, clubes, sociedades desportivas, jornalistas, patrocinadores, meios de comunicação, etc., com profunda influência no decurso do processo desportivo, que devem igualmente conferir uma dimensão ética às suas ações.

Normalmente, **o fair play é o discurso do oficial do desporto de alto rendimento** (de tal modo que, em alguns contextos, a expressão saltou do domínio estritamente desportivo e alargou-se ao *fair play* financeiro), acompanhado pelo discurso humanista, pelo discurso dos valores e pelos exemplos positivos do desporto que vêm à liça, sempre que parece conveniente. Mas, **estes valores colidem muitas vezes com o mundo real**. Digamos que a contradição entre esta imagem do desporto de alto rendimento e a realidade é óbvia: subornos para a atribuição de Jogos Olímpicos ou Taças do Mundo de futebol, nepotismo, conluio, manipulação de apostas, gestão danosa, *doping* sistémico, são atestados por inúmeros estudos sociológicos e históricos, a partir de casos registados e de inúmeras confissões de dentro das estruturas (Aechimann, 1991).



A ética e a moral do desporto, vindas do tempo em que o desporto tinha pouco significado social e era mais elitista, apresenta-se frequentemente com fórmulas ocas perante a realidade atual.



Mas o desporto tem de ser humanamente digno!

Se, por toda a parte, o próprio homem é o pior estorvo para o seu destino e o impulso que o leva a pretender a sabedoria é do mesmo modo aquele que o desvia para o erro, a falsificação ou o disparate, também no desporto nem sempre a sabedoria tem acompanhado o homem no restaurar na sua humanidade.

Continua a ser verdade no desporto atual:

- A perda de humanismo (com destaque para o *doping*).
- A brutalidade crescente dos vários atores (que tornam a agressão corrente).
- Os sistemas de transferências limitativos do direito de opinião dos atletas.
- A comercialização crescente (tornando difícil harmonizar o desporto com a ideia de bem).
- O desporto de alto rendimento de crianças.
- Os episódios de corrupção.
- A iniquidade no acesso ao desporto (questões de etnia, deficiência).
- A existência de subculturas e práticas desviantes tais como o hooliganismo, a fraude no desporto, o abuso sexual, o *doping*.
- Desporto lugar de exploração e abuso de crianças; homofobia (McNamee & Parry, 1998).
- A relação da *fairness* (ou da moral) com o desporto, estudada desde sempre, é tão complexa e multifacetada, que nos convida a uma pluralidade de abordagens sempre renovada (Pawlenka, 2005).
- A crítica às regras dos jogos desportivos (porque exigimos sempre mais das atividades comuns da vida e somos capazes de encontrar caminhos para as melhorarmos).

////////////////////////////////////

Aqui chegados há que assumir que **os desportos não são perfeitos, têm falhas reveladoras da sua criação pelo homem que se manifestam nas irregularidades que acontecem durante a competição, nos enigmas éticos, nas questões estéticas e na adequação das regras constitutivas de cada desporto** (Kretchmar, 2005, pp. 36-37).

////////////////////////////////////



De facto, muitas críticas aos desportos permanecem:

- Há modalidades enviesadas em relação ao género.
- Outras são perigosamente distorcidas pela lógica da ideologia política ou dos imperativos da economia.
- Outras, ainda, promovem valores no mínimo discutíveis.

Além de novas possibilidades de questionar problemas tradicionais existem **tarefas novas relacionadas com os novos problemas do desporto** cuja realidade se alterou. À pluralidade de contornos e sentidos no desporto atual, sucedem-se diferentes culturas desportivas, que clamam por aconselhamento ético atualizado.



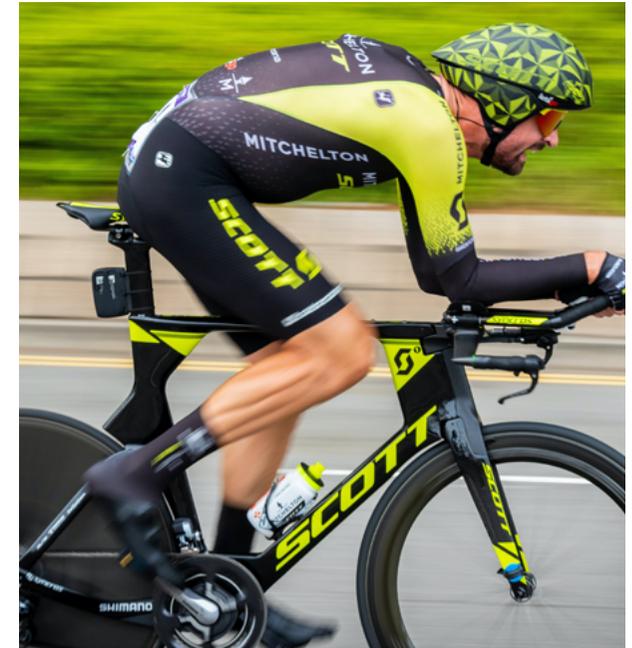
A ética tradicional do desporto de competição e do desportista tornou-se insuficiente

Acresce a esta ética um conjunto de novos tópicos: uso da engenharia genética no desporto; lugar das atividades de aventura numa cultura que previne o risco; papel do desporto no apoio e mudança de comunidades; identidades e sexualidades; ética ecológica para o desporto num mundo global; intervenções éticas das organizações e culturas do desporto (McName, 2022).

O desporto, como acompanha as mudanças sociais, económicas, políticas e os ambientes culturais, **não fica imune aos problemas que marcam a sociedade:** às guerrilhas, às lutas, ao assédio, aos compromissos instáveis, ao desrespeito pelos valores humanistas.

A questão é saber se, apesar de todo o desgaste induzido por condicionantes sociais externas ao próprio desporto (mas das quais não se pode desligar porque o desporto não é praticado no vazio social), **o desporto resiste e preserva o papel único e especial que pode desempenhar numa certa alegria de viver, numa vida melhor.**

Podemos sempre olhar para o desporto, nomeadamente para o desporto espetáculo, como um palco competitivo que imita toda a competição existente na vida em geral, com todos os problemas que lhe estão associados: da batota à agressão.



Fazer o diagnóstico dos males do desporto, mais precisamente, dos males de alguns aspetos do mundo do desporto é útil e deve ser feito regularmente, numa atitude questionadora e reflexiva, porque:

- **Não é ignorando o lado sombrio que, por vezes, o desporto assume, que se defende o desporto**, mas sim enfrentando esse lado mais escuro, os ódios que desperta, os exageros que provoca, os desvios éticos que defronta.
- Este esforço interpretativo permite **destapar os problemas e enquadrá-los no melhor conhecimento disponível**, de modo a iluminar a construção das soluções práticas necessárias.



Ao homem não basta nascer é necessário também aprender a ser humano e, o que ainda não somos, pode, pois, ser de várias maneiras. Também no desporto. Se, por toda a parte, o próprio homem é o pior estorvo para o seu destino e o impulso que leva os homens a pretenderem a sabedoria é do mesmo género do impulso que os desvia para o erro, a falsificação ou o disparate, também no desporto nem sempre a sabedoria tem acompanhado o homem no restaurar na sua humanidade. E o desporto tem de ser humanamente digno!

O desporto é uma criação humana e, como tal, pode e deve ser objeto da sua reflexão transformadora.

Pensar a realidade é sentir a falta do que pode sempre ser melhor, sabendo que o desporto não escapa ao que acontece com muitas outras atividades humanas, que apresentam consequências discutíveis quanto à sua utilidade para o ser humano.



Caberá aqui a reafirmação de que **o desporto, em si, não é bom nem é mau**. O desporto, dada a sua natureza única, rica e completa, que convoca todas as dimensões da pessoa, dos grupos e das sociedades, pode ser um **excelente instrumento de construção de humanidade, de realizações extraordinárias, de desempenhos maravilhosos, de construção de beleza e eficácia, mas só se for devidamente orientado nesse sentido e com essa finalidade**.



Aqui chegados há que interpelar sobre:

- **Como questionar o papel do desporto nesta construção humanista** da sociedade, se à volta do desporto se geram fenómenos colaterais indesejáveis? Esse facto anula a discussão sobre o valor do desporto, ou, pelo contrário, realça a necessidade de um aprofundamento do seu sentido humano, também afirmada à luz de critérios éticos? **Não será a ética um passaporte para a sobrevivência do desporto?**

- Refletir e agir eticamente no desporto pode dar segurança para se **enfrentar a interferência dos subsistemas exteriores com que o desporto se relaciona, na tentativa de preservar a integridade do que lhe confere e justifica o valor sociocultural que tem**.

Se o desporto tem um lado escuro, como qualquer atividade humana, **importa realçar o seu lado luminoso: desporto enquanto ação catalisadora das virtualidades humanas, seja numa perspetiva individual, seja social**.

Usando palavras de Marina (1996) poderemos afirmar em relação ao desporto que: se a inércia nos mantém no nível zero da humanização, muito próximo do pasmo e da violência onde funcionam apenas linguagens vitais de rotina, pensemos **que ninguém é desportista através da inércia**.

Desporto concorda mais com coragem e ânimo do que pactua com desânimo e desalento, estes sim condutores ao pântano da desmoralização (Marina, 1996). Ninguém faz desporto desmoralizado ou desanimado.





Também no desporto a perspetiva ética nos impele a transformar **normas em motivos e preguiça em coragem**. Aquela preguiça que leva ao desleixo e esta coragem que inclui dois princípios: aquilo que se deseja e aquilo que se quer. Fazer coincidir desejo e razão, ou seja, uma coragem que resgata a velha união entre razão e desejo.

Também no desporto teremos de evitar institucionalizar: a mania; a melancolia; o cálculo de interesses; a produtividade desumanizadora; a segurança organizada que não arrisca; a lógica egocêntrica que não aproveita a riqueza da colaboração. Evitar a pseudoneutralidade legal, melhorando sempre as leis e normativos que, sendo obra humana, podem sempre ser melhorados.

Dado que as modalidades desportivas têm valências diferentes e, muitas vezes, a irracionalidade acompanha o mundo do desporto, uma questão interessante será discutir se existem modalidades que necessitam de uma maior vigilância ética e, a haver, qual é a razão!

 O desporto tem de ser uma possibilidade de ser-no-mundo interessante, animosa, agradável e digna.

Teremos então de **desportivizar o ser humano, humanizando o desporto**. Um desafio importante será criar¹⁰ a **consciência das alternativas**. Esta atitude poética criadora não precisa da crença na chamada inspiração. A inspiração sem trabalho pura e simplesmente não se manifesta. Ao discurso banal, dominado por aspetos exteriores, e muitas vezes alheios ao desporto, há que contrapor um **discurso lúcido, fundamentado e que faça justiça aos desafios que o desporto coloca**.



O desporto não pode embarcar na estupidez enquanto categoria moral.

Não há ninguém mais interessado do que as pessoas eticamente interessadas. Não há éticas de renúncia. Só se sacrificam uns valores para se promoverem outros. É preciso construir consciências alternativas.

¹⁰ A criação não é entendida como o favorecer de acasos, mas, como dizia Severiano Ballesteros quando lhe referiam a sorte que tivera num torneio: "É verdade que tenho muita sorte de cada vez que treino muito".



 O esforço desportivo seja ele de que natureza for, o árduo, o difícil esforço do desporto **torna-se muito valioso não por ser difícil em si, mas porque concorre para criar pessoas e não desalmados!**

2.3. Dimensão política

A importância do desporto na sociedade moderna é de tal modo indiscutível e preponderante que se torna um desafio político de enorme interesse transformar, em decisões políticas adequadas, as possibilidades reais do desporto como instrumento ao serviço da melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, nos múltiplos aspetos em que se realiza.

Na atualidade, o desporto possui um impacto internacional tão amplo que, seja nos *media*, seja nas conversas do dia a dia, a atualidade desportiva é comentada tanto a nível local, como a níveis regional, nacional e internacional. Como afirma Chora (2021) o desporto assume-se como uma instituição social e cultural que toca pessoas das mais variadas origens de uma forma única, sem paralelo noutras instituições.



2.3.1. EVENTOS DESPORTIVOS E POLÍTICA

Se na génese do desporto moderno existia uma preocupação de o demarcar da política, a relação do desporto com a política tem-se firmado de modo indelével, pelo que o impacto político das dinâmicas geradas pelo desporto, não pode ser ignorado (Allison, 2022; Chora, 2021).

A relação entre **desporto e política** mudou fundamentalmente nos últimos anos. Embora durante muito tempo tenha havido apelos para que o desporto fosse mantido livre de influência política, começa a tornar-se evidente que a relação entre desporto e política está a ser reformulada. Um papel central é desempenhado pelos grandes eventos desportivos¹¹, que se tornam, cada vez mais, um palco político (Mittag, 2021, p. 3).

¹¹ Pereira e Burlamaqui (2022).



Chora (2021), a partir da prática (base empírica), organiza em cinco categorias a heterogeneidade do papel do desporto nas relações internacionais:

1. **DESPORTO CONFLITUAL** – o antagonismo e o confronto entre estados “também se desenvolvem através do desporto. As relações desportivas têm sempre a lógica da lei do mais forte. Ora, assim se entende que “países periféricos” aproveitem os momentos desportivos para tentarem vencer os “países do centro”. Tal como exemplifica Jarvie (2003), quando em 1986 a Argentina venceu a Inglaterra no campeonato mundial de futebol, a vitória foi vista como uma desforra da guerra das Malvinas.
2. **DESPORTO CONCILIADOR** – destaca o **papel relevante de diversos momentos desportivos** para restabelecer (ou estabelecer) **relações diplomáticas** entre Estados. Um caso legendário aconteceu durante a aproximação de Washington a Pequim nos anos de 1970 com a chamada “ping-pong diplomacy”, Chora (2021): foram jogadores de ténis de mesa os primeiros cidadãos dos Estados Unidos a visitar a China desde 1949, abrindo caminho para, no ano seguinte, o presidente Nixon visitar a China (Cha, 2016; Kissoudi, 2008).
3. **DESPORTO ENQUANTO PLATAFORMA DE AFIRMAÇÃO INTERNACIONAL** – o desporto visa neste caso representar uma estratégia de **política externa** relacionada com o conceito de “*soft power*” >>

verificável, por exemplo, em casos em que Estados com pouca relevância internacional utilizam o **desporto para se afirmarem**. Em 1984 a seleção de cricket do Sri Lanka jogou contra Inglaterra. Esse momento permitiu a paragem momentânea da guerra civil bem como exponenciou a atenção internacional que lhe passou a ser dada. Como vimos, uma das formas mais marcante de concretizar esta estratégia é através da **organização de megaeventos desportivos**.

4. DESPORTO E CONSTRUÇÃO DAS NAÇÕES - a quarta categoria referida por Chora (2021) considera o desporto como possibilidade de “nation building” já que o sucesso desportivo pode servir como fator de identificação de uma população com um determinado regime ou liderança.

5. DESPORTO COMO PLATAFORMA DE AGÊNCIAS NÃO ESTATAIS – a última categoria referida por Chora (2021) sublinha que o desporto também serve de plataforma para o reforço da ação de agentes não-estatais. Em diversos casos o desporto permitiu que indivíduos isolados tivessem um papel fulcral na esfera internacional na defesa e afirmação de causas variadas. Um exemplo emblemático acontece quando Jesse Owens conquistou 4 medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, em plena Alemanha Nazi, tendo contribuído para derrotar o propósito de afirmação da raça ariana de Hitler. >>

>> Ainda de acordo com Chora (2021) **as principais instituições desportivas** além de administrarem as regras de cada modalidade desportiva em termos internacionais, também **têm influência na realidade económica interna de certos Estados, nomeadamente quando ocorrem processos de atribuição de competições internacionais**. Refere ainda o destaque dado à relação entre a ONU e o Comité Olímpico Internacional (COI).



Durante décadas, o discurso dos dirigentes das instituições desportivas ia no sentido de que desporto e política não se deviam misturar. Este discurso derivava de uma **leitura literal da regra 50.3 da Carta Olímpica, que proíbe “qualquer manifestação ou propaganda política, religiosa ou racista”** nos recintos desportivos olímpicos.

No passado, as violações a este preceito eram punidas, por vezes de forma drástica, como no caso dos dois corredores negros de 200 metros Tommie Smith e John Carlos, que se manifestaram contra a discriminação racial nos EUA, com punhos levantados na cerimónia de entrega dos prémios dos Jogos Olímpicos de 1968, na Cidade do México e que, na sequência deste gesto, foram banidos da aldeia olímpica, tiveram de abandonar a equipa olímpica dos EUA e já não receberam financiamento (Mittag, 2021, p. 3).

Atualmente, a relação entre desporto e política é diferente¹². Mittag (2021) apresenta alguns exemplos reveladores de alguma mudança:

- No campeonato europeu de futebol masculino de 2020 (UEFA EURO), realizado em 2021 devido à pandemia Covid-19, várias equipas nacionais e equipas de arbitragem ajoelharam-se antes dos jogos para fazer uma declaração contra o racismo.
- O capitão da seleção alemã de futebol, Manuel Neuer, usou uma braçadeira arco-íris durante os jogos, para promover a diversidade, abertura e tolerância.

>>

¹² Rosa, 2021.

- >>
- A equipa da Ucrânia competiu com uma camisola que mostrava os contornos do país, incluindo a península da Crimeia anexada pela Rússia.
 - A UEFA aceitou estas manifestações, no entanto, quando a cidade de Munique solicitou que o estádio fosse iluminado com as cores do arco-íris e o fabricante de automóveis VW, enquanto patrocinador, planeou igualmente colorir o seu espaço para publicidade no local, em Baku, Azerbaijão, a UEFA proibiu estes pedidos. Depois apresentou o seu próprio logótipo nas cores do arco-íris.



Como devem ser entendidas estas decisões? E como se pode explicar a mudança na relação entre desporto e política aqui expressa?

2.3.1.1. O CASO DOS JOGOS OLÍMPICOS

Um aspeto concreto da ligação política e desporto é a história da realização e participação nos Jogos Olímpicos (JO), condicionadas por razões políticas. Enquanto **megaevento desportivo por excelência**, acolher os JO pode significar um ganho de prestígio para o país anfitrião que vai muito além do nível desportivo (Güldenpfennig, 2008).

Os primeiros Jogos celebrados como um evento de massas profissional, cuidadosamente encenado no sentido atual, foram os JO de 1932 em Los Angeles e que serviram de modelo aos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim.

- Desde os **jogos da XI Olimpíada em 1936 em Berlim que a dimensão política dos jogos não mais se escondeu**. As quatro medalhas de ouro ganhas por Jesse Owens surpreenderam **as teses mortíferas da supremacia da raça ariana**.
- Os JO de Berlim, em 1936, foram explorados para fins de propaganda durante o nazismo. O ceticismo inicial dos nacional-socialistas em relação aos ideais olímpicos foi ultrapassado quando o Ministério da Propaganda do Reich, sob a direção de Joseph Goebbels, começou a ver os Jogos como um meio adequado para implementar os seus objetivos políticos.
- O objetivo era principalmente convencer o mundo de que a Alemanha era um membro sólido da comunidade internacional, de um mundo em paz.
- Internamente estes Jogos destinavam-se a criar um sentido de unidade e a provocar distração das queixas domésticas:
 - As federações desportivas da oposição foram proibidas e muitos dos seus atletas e oficiais foram mortos.
 - O controlo da imprensa foi intensificado.

- Foram admitidos dois atletas judeus para apaziguar as críticas estrangeiras.
- Durante os Jogos, Hitler felicitou pessoalmente os atletas alemães.
- O mais notável atleta dos Jogos, o afroamericano Jesse Owens, foi deliberadamente ostracizado devido à cor da sua pele, pois contrariava o principal propósito dos jogos: glorificar, acima de tudo, a “raça pura”.
- O Comité Olímpico Internacional (COI) desempenhou um papel controverso na atribuição dos Jogos à Alemanha, bem como Avery Brundage, presidente do Comité Olímpico Americano (USOC) e mais tarde presidente do COI, que se certificou de que os EUA não boicotariam os Jogos de 1936.
- Por último, mas não menos importante, a participação dos USA, a nação mais importante do ponto de vista desportivo, contribuiu para que os nacional-socialistas organizassem os jogos com sucesso desportivo, de tal modo que foram considerados o maior evento desportivo de sempre, até essa altura.



Após a Segunda Guerra Mundial, os Jogos Olímpicos foram um palco público no qual a Guerra Fria podia ser travada de forma simbólica e relativamente segura.

- **As vitórias** de cada nação ou a vitória no *ranking* nacional foram sempre interpretadas como prova da superioridade do respetivo sistema político ou cultural sobre a dimensão social e política da parte contrária.
- Consequentemente, os JO no período pós-guerra foram também marcados pelas rivalidades da Coreia do Norte e da Coreia do Sul, bem como da (ex) RFA e (ex) RDA.
- **Os atletas dos EUA e da União Soviética ocuparam o primeiro plano**, mesmo que não tenham conseguido competir entre 1976 a 1988, devido aos boicotes aos JO de 1980, em Moscovo e aos JO de 1984, em Los Angeles: houve o “sacrifício da participação olímpica de toda uma geração de atletas” (Güldenpfennig, 2008).
- Destaca-se que o boicote **aos JO de Moscovo, em 1980, teve a ausência de 62 países.**



Игры
XXII Олимпиады
Москва
1980



Games of the XXIIIrd Olympiad Los Angeles 1984

A sombra da Segunda Guerra Mundial nos JO prolongou-se pelo século XX:

- O Japão e a Alemanha recebem os JO no seu próprio país (Tóquio em 1964 e Munique em 1972) como uma **oportunidade - pelo menos simbólica - para a sua reabilitação política.**
- **Conflito do médio oriente:** em 1972, em Munique, os jogos da XX Olimpíada, foram ensombrados por um ataque mortífero contra atletas israelitas por elementos palestinos. Como resultado deste acontecimento trágico, os JO seguintes foram realizados com um esforço de segurança aumentado (Güldenpfennig, 2008, p. 7).

Outros conflitos políticos também vieram à tona durante os Jogos Olímpicos.

- A **exclusão da África do Sul dos Jogos Olímpicos** durante muitos anos, em protesto contra a política do *apartheid*, colocou a **questão do racismo na agenda olímpica.**
- O racismo também foi abordado no JO no México, em 1968, como vimos, com a **saudação do Black Power**, feita pelos dois campeões olímpicos Tommie Smith e John Carlos na cerimónia da medalha, para chamar a atenção para a discriminação contra os afroamericanos nos EUA. Os dois atletas foram subsequentemente excluídos dos Jogos porque a sua “manifestação política” tinha violado a alegação de Jogos “apolíticos” (Heaming, 2008).



Coloca-se a questão de saber até que ponto atletas, funcionários e políticos que acompanham os JO, não seriam obrigados a tomar uma posição sobre **questões políticas** nos Jogos Olímpicos, de forma recorrente, nos JO seguintes. Haupt e Wagner (2018) dão os seguintes exemplos:

- questões de direitos humanos em Pequim em 2008;
- discriminação contra atletas homossexuais em Sochi em 2014;
- aproximação entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul em Pyongyang, em 2018.

O caso dos JO poderia ser replicado com outros eventos desportivos, sejam de dimensão global ou local. Didion (2021) para ilustrar a interação entre o futebol e a política, refere-se a quatro jogos internacionais de futebol, realizados entre a França e a República Federal da Alemanha, entre 1952 e 1962, numa altura em que estava bem viva a condição de antigos “inimigos hereditários”. Conclui que estes jogos foram um símbolo para o desenvolvimento das relações diplomáticas entre as duas nações nos “longos” anos cinquenta. A estratégia política evoluiu durante este período de uma política preventiva para evitar quaisquer consequências prejudiciais, para uma instrumentalização política crescente do futebol (Didion, 2021).



A dimensão política dos JO articula-se com a sua crescente comercialização. A realização dos JO tem sido cada vez mais determinada por considerações comerciais, que, de acordo com Haupt e Wagner (2018) atingiu o seu primeiro pico em 1984, em Los Angeles, quando empresas como a Coca-Cola, Levis e outras se tornaram patrocinadores dos JO:

- Pela primeira vez, foi possível obter lucros.
- As receitas televisivas cresceram rapidamente:
 - em 1980, ainda ascendiam a 110 milhões de dólares para os Jogos de Verão e de Inverno;
 - nos Jogos de Verão de 2000 em Sydney, já ascendiam a mais de 1,3 mil milhões de dólares (Kistner & Weinreich, 2000);
 - para a venda dos direitos televisivos associados para os Jogos de Inverno de 2014 e para os Jogos de Verão de 2016, o COI recebeu mais de quatro mil milhões de dólares.
- Os Jogos Olímpicos tornaram-se um evento global mediático e de massas.

Como resultado desta crescente comercialização, o desporto torna-se cada vez mais uma mercadoria, os rumores de *doping* aumentam. Os casos de *doping* foram sistematicamente ocultados, para não se pôr em perigo a realização dos JO e melhorar a própria imagem dos JO, com novos recordes e desempenhos de alto nível (Hackforth, 1999).

Desde os anos 80 têm sido gastas somas de dinheiro cada vez maiores e tem havido, cada vez mais, relatos de concorrência desleal na adjudicação dos JO (Kistner & Weinreich, 2000).

2.4. Desporto e identidade

Tal como afirma Weiss (2017, p. 30) **“Quem sou eu?”** é a questão que define a **identidade**. Na sociedade moderna, a resposta a esta pergunta tem-se tornado cada vez mais importante. No âmbito do desporto não é exceção, se bem que o desporto tenha uma característica distinta, que o diferencia de outras áreas da vida: **a unidade de ação e representação**.

Contrastando com a sociedade moderna (que é uma estrutura complexa que exige a cada indivíduo cada vez mais competência, conhecimentos, talento, mestria, no desempenho de diferentes papéis e na qual, muitas vezes, há pouco espaço para criar uma identidade), **os símbolos significativos do desporto reforçam a identidade dos seus participantes**.



Não existe instituição que dê a tantas pessoas, independentemente da religião, sexo ou idade, acesso a um sistema de validação social e reconhecimento por outrem, como o desporto.

A importância crescente deste tema ganha importância num tempo em que, do ponto de vista **político, cultural e das mentalidades, já são aceites as possibilidades do desporto poder funcionar como símbolo de pertença, de afirmação de rebeldia, de integração** (isto é, de recuperação do sentido de exclusão) **e da procura de representação**.

Vejamos os seguintes casos:

- (i) **A abertura de iniciativas políticas para minorias, para as mulheres e para muitos outros grupos específicos** da população que, tradicionalmente, não tinham voz no desporto, deu ao desporto um significado muito próprio neste processo identitário.
- (ii) **A pressão criada pela chegada de novos “públicos”, que levou à “abertura” do desporto e conduziu à valorização** do que poderemos considerar formas alternativas de desporto e exercício motora.



Tal como a noção de cultura pode ser operacionalizada em níveis diferentes (nacional, local ou comparativamente) também se pode operacionalizar em relação a subgrupos da população (Jarvie, 2012).

- O desporto tem um **lugar diferente e desempenha um papel distinto** para os diferentes **segmentos da população** com um **padrão cultural próprio**.
- É assim para **grupos juvenis**, onde o desporto funciona, muitas vezes, com motivações de **contracultura**. (Recordemos as comunidades do surf, nos anos 60 e 70 do século XX, que reuniam jovens na procura de um estilo de vida alternativo ao modo mais convencional).
- O papel do desporto em **escalões sociais desfavorecidos**, pode representar um **elevador social para o atleta e para a família**.
- De igual modo, existem **ambientes diferentes consoante a modalidade desportiva**.
- O ambiente dos “desportos de elite” ou dos desportos ditos “populares” também é muito diferente.

Ou seja, dentro da mesma sociedade, do mesmo país, estes e outros âmbitos precisam de esclarecimento próprio, que responda **às questões específicas da motivação para a prática, do significado da prática, do papel do desporto para os seus praticantes concretos, do papel que o desporto desempenha na comunidade**. A importância destas reflexões tem um alcance profundo nas decisões relativas, por exemplo, ao recrutamento e motivação para a prática desportiva. As próprias instituições,

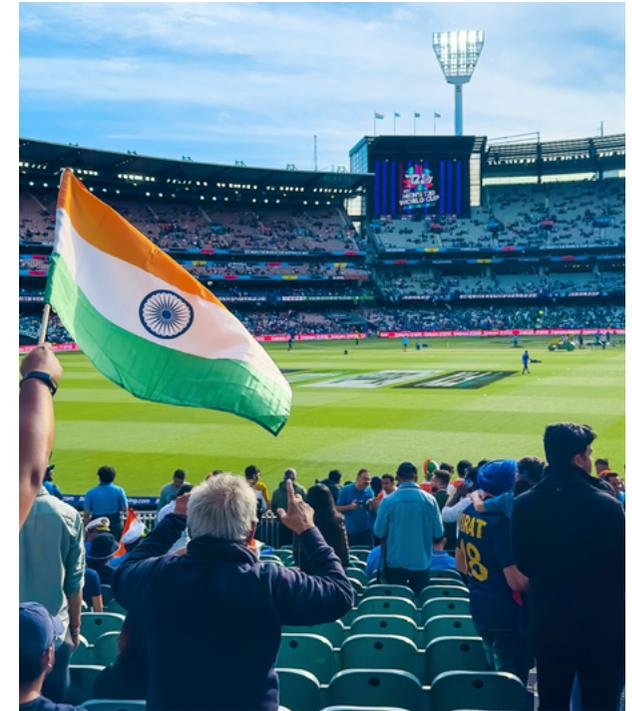
clubes, associações ou outras, que tutelam a prática desportiva têm todo o interesse em ponderar este conhecimento para poderem delinear, com mais sentido prático e com objetividade, o seu plano de desenvolvimento. Investigar estes aspetos e partilhar os resultados com o mundo do desporto será tarefa nobre da comunidade científica relacionada com o desporto.



////////////////////////////////////
Seja como prática ou como espetáculo, o desporto é uma força capaz de mobilizar os sentimentos de um povo, de uma forma inigualável e, paralelamente, pode ser veículo de promoção social, pode ser promotor de solidariedade na comunidade, pode ser um pretexto para obter uma bolsa de estudos, pode ser um recurso de esperança e divertimento duradouros, entre outras possibilidades.
////////////////////////////////////

Acresce que, como os valores e normas da sociedade podem ser observados e vivenciados no desporto muito mais claramente do que noutras atividades, **o desporto é um meio muito apropriado para a transferência simbólica e para o diálogo.** Na verdade, o desporto permite que os seus atores percebam e confirmem quem são e confirmem a sua identidade a vários níveis (Weiss, 2017).

////////////////////////////////////
Contudo, para se compreender totalmente o desporto num determinado contexto, é **necessário compreender os processos e padrões de atuação quer nacional quer internacionalmente, bem como o conteúdo distinto das políticas desportivas nacionais ou, ainda, critério de seleção para as seleções nacionais.** Por exemplo, quem pode pertencer a uma seleção nacional? Quem pode treinar uma seleção nacional?
////////////////////////////////////



2.4.1. DESPORTO E IDENTIDADE NACIONAL

É neste nível de análise que se interpretam os **diferentes lugares e significados que o desporto ocupa**, por exemplo, na cultura portuguesa ou nos países árabes, o significado do futebol no Brasil, do críquete na Índia ou Inglaterra, do *rugby* na África do Sul, do *Boxing Day* inglês, bem como o papel do desporto na afirmação internacional de países que se pretendem legitimar na cena internacional.



Embora não se conheçam todas as questões complexas sobre o modo como o desporto contribui para a identidade nacional, cívica e étnica, neste esforço de enriquecimento da compreensão do desporto é útil refletir **sobre os contornos dos processos e os padrões da mudança nacional e internacional no desporto, bem como sobre o conteúdo distinto das políticas desportivas nacionais**. Mesmo que de forma breve, é a análise das especificidades de cada país que permitirá construir uma posição mais sólida, por exemplo em relação aos critérios de recrutamento de atletas e treinadores para as seleções nacionais (Jarvie, 2012), ao papel específico das modalidades, à disputa entre regiões...

O lugar do desporto na sociedade varia de país para país, de nação para nação. Existem, inclusive, **formas de nacionalismo associados a diferentes modalidades desportivas**.

Perceber o papel do desporto na formação da identidade nacional permite uma avaliação mais clara do estatuto do desporto e das potencialidades de intervenção através do desporto em cada sociedade concreta. Dito de outro modo: **clarificar o papel do desporto numa sociedade concreta, permite estimar melhor as possibilidades de intervenção através do desporto**.

Uma forma muito celebrada da relação entre desporto e nação pode ser ilustrada pelo **significado que um evento desportivo concreto tem para essa nação**¹³.

¹³ Oliveira (2018).

Neste nível de análise cabe também:

- a interpretação de como as **representações dominantes de cultura**, nomeadamente as veiculadas pela comunicação social, **reforçam certas mensagens sobre o significado e o papel do desporto** na sociedade atual;
- bem como **o estatuto conferido ao desporto nos contextos particulares dos países, das regiões ou mesmo das localidades**.

A natureza das nações e dos estados-nação é variada, assim como as formas de nacionalismo frequentemente associado a diferentes modalidades desportivas.

Fazendo a distinção entre estado e nação, Skille (2022) afirma que o desporto pode contribuir para o **fortalecimento identitário de uma nação**, incluindo o argumento de que o desporto **pode facilitar a construção de nações**. Apresenta o exemplo referido por Jarvie (2003), da afirmação de uma “região”, através de uma modalidade “mainstream”: **o FC de Barcelona que funciona como um símbolo relativamente à Catalunha, dentro do território de Espanha**. Acrescenta, também, as conclusões do seu próprio estudo relativamente às comunidades indígenas, que mostra como os **seus clubes desportivos a nível local se podem ligar a uma comunidade indígena nacional** para além das fronteiras do estado. Especialmente quando se encontram com outros povos indígenas em eventos internacionais, **o desporto, de facto, cria consciência e dá apoio relativamente às nações específicas dos povos indígenas** e aos processos de construção de nações separados dos Estados-nação vizinhos (Skille, 2022).



Embora o papel do desporto, em geral, e das modalidades em particular na formação das nações seja um tema muito discutido, permanecem em aberto muitas perguntas sobre a contribuição do desporto para a identidade nacional, cívica e étnica nomeadamente quanto a:

- compreender o papel, a função e a importância das seleções nacionais, compreender o papel, a função e a importância das delegações aos Jogos Olímpicos;
- papel social atribuído a campeões como, por exemplo, Rosa Mota;
- no modo como se apoiam, ou não, os clubes e os atletas individuais, em competições internacionais.

As **modalidades desportivas têm simbolismos diferentes** e aquilo que cada modalidade representa e a que grupos é associada são aspetos importantes para compreender os elementos da sua cultura específica. Podemos destacar a importância de se compreender:

- qual o seu significado nacional;
- qual o significado para determinada comunidade local, no contexto nacional;
- quais os rituais particulares;
- quais as rivalidades estabelecidas;
- quais os atletas que se destacaram;
- ...



As rivalidades clássicas entre clubes desportivos, mais não são do que manifestações do seu poder identitário.

2.4.1.1. O CASO DA ÁFRICA DO SUL

- O sucesso da África do Sul no desporto tem sido uma verdadeira fonte de orgulho para os sul-africanos. Por sua vez, **o rugby** sempre foi visto na África do Sul, como um jogo da população branca. Quando o *apartheid* foi finalmente derrubado em 1994, o novo governo de Nelson Mandela inicia a reconstrução de uma nação que precisa, desesperadamente, de unidade entre os diferentes grupos étnicos.

- Um ano depois, em 1995, a África do Sul sedia o campeonato do mundo de *rugby* e, embora a *Springboks*, **equipa nacional de rugby sul-africana apenas integre um jogador não-branco, conquista apoiantes de todos os matizes**, na sua caminhada improvável até à final, onde derrotou a favorita e arquirrival Nova Zelândia. Quando o próprio Mandela se dirige para o centro do campo, envergando a camisola da *Springboks* e **aperta a mão do capitão da equipa sul-africana, cria um momento fundamental, em que duas nações se tornaram numa só**, momento de profundo significado para o **processo de unidade da África do Sul**. O filme *Invictus*, ainda que com uma linguagem própria do cinema, mostra o que aconteceu durante este campeonato do mundo de *rugby* (de 1995, na África do Sul) revelando que **Nelson Mandela reconhecia no rugby um elemento-chave da identidade e estilo de vida sul-africano branco**. Mesmo tendo consciência da associação do *rugby* à segregação, em vez de tentar anulá-lo, **Mandela viu o rugby para lá das dimensões táticas, técnicas, físicas e motoras, e explorou** uma das **funções sociológicas** mais importantes que promove, justifica e legitima a existência da prática desportiva, a saber, a **capacidade de integração social**. Por isso Mandela¹⁴ pugnou para que o *rugby* passasse a ser reivindicado como um símbolo nacional para todos os cidadãos.

¹⁴ Nauright (2013).

Durante a **vigência do apartheid**, muitos dos ativistas negros do país foram detidos na famosa prisão de segurança máxima para presos políticos, na ilha de Robben, perto da Cidade do Cabo. Alguns destes prisioneiros **organizam uma liga de futebol na prisão, preocupados que estavam com a má nutrição e com as condições adversas que os afetavam**. Sedick Isaacs, impulsionador desta liga de futebol, sublinha o potencial da prática de futebol, para ajudar no longo tempo de prisão, quando afirma “Eu sabia que há efeitos de longo prazo na prisão, como vazio mental e apatia. E pensei que precisávamos de nos manter vivos e evitar que essas coisas acontecessem connosco, ... E, assim que fomos libertados, precisávamos de ter saúde suficiente para retomarmos nossos lugares...”. O documentário *More than Just a Game* mostra esta prática do futebol entre os presos e como estes consideram que o desporto salvou as suas vidas.



Archive

South African Moovie Shows How Football Unified Apartheid Prisoners

October 27, 2009 08:25AM

During South Africa's apartheid era, many of the nation's black activists were detained in a notorious island prison near Cape Town. A new film is revealing a bit of hidden history about prison life. The moovie is about football, and how many prisoners feel the sport save their lives. For VOA, Terry FitzPatrick reports.



64

Os prisioneiros demoram três anos para obter permissão para jogar futebol aos sábados. Quando as autoridades acabaram por ceder, **os presos organizaram uma liga formal**, com oito equipas, árbitros treinados, regras do torneio e troféus, a que chamam *Makana Football Association*¹⁵.

Dos homens que jogaram na liga de futebol da prisão, um número surpreendente tornar-se-ia figura importante na formação da África do Sul pós-*apartheid*. **Mandela nunca participou nos jogos, assistiu aos primeiros a partir de um bloco de isolamento até que as autoridades construíram um muro para obstruir a sua visão.**

Mais tarde, em 2010, a realização do campeonato do mundo de futebol na África do Sul continua a mostrar como o **desporto**

foi um instrumento importante no processo de afirmação do país. Mandela via o desporto como um caminho para unir a África do Sul [“Mandela saw sport as a way to bring South Africans together”] e não é em vão que afirma **“o desporto tem o poder de mudar o mundo”** [“Sport has the power to change the world”].

Este exemplo permite-nos, ainda, verificar outros aspetos do desporto como **meio de afirmação pessoal e política, mesmo em cenários muito adversos.**

¹⁵ Chuck Korr, da Universidade do Missouri afirma que “Os prisioneiros da Ilha Robben pertencem a uma geração que acredita fervorosamente nos valores vitorianos do desporto e que constrói o carácter. **Eles usavam o futebol como uma forma de recuperar a sua dignidade e impunham-se através dele. Sempre que as autoridades tentavam interferir, paravam, ameaçavam falar com a Cruz Vermelha Internacional, ameaçavam fazer greve de fome. O futebol era deles**”.

////////////////////////////////////
Em suma:

De acordo com Cha (2016) a história do desporto está inextricavelmente interligada como orgulho nacional, o prestígio internacional e a política mundial. O desporto arrasta consigo efeitos que vão para além dos resultados desportivos:

1. Primeiro, desempenha um papel importante na construção da nação e como referência de identidade nacional.
2. Em segundo lugar, tem servido para que nações e pessoas afirmem a independência política e expressem uma identidade distinta.
3. Em terceiro lugar, atua como um condutor de poder, permitindo às nações melhorarem a sua posição na cena mundial.
4. Por último, o desporto constitui um meio de enquadrar a renovação ou o renascimento de uma nação, como sucedeu com os JO de Tóquio em 1964, no Japão do pós-guerra.

////////////////////////////////////
Esta dimensão não é isenta de problemas! São inúmeras as notícias de problemas que **conjugam a utilização política e a económica do desporto, em função de interesses que são alheios aos valores do próprio desporto.**



! Para treinadores e outros profissionais ligados ao desporto é útil considerar os significados, os símbolos, os rituais e as relações de poder que estão em jogo no ambiente em que desenvolvem o seu trabalho.

Qual o lugar do desporto na cultura do país? Como é representado na comunicação social? Qual o papel e o peso na vida social das seleções nacionais, da participação nos jogos olímpicos, dos campeões? Qual é a importância dos clubes desportivos no contexto do país? Há eventos desportivos representativos do país como um todo?

! **Pontos-chave da subunidade**

1. A crescente mercantilização do desporto. Poderes não desportivos que operam no desporto e salvaguarda do desporto.
2. Relação desporto global e desporto nacional.
3. Objetivos sociais e valores associados ao desporto. A insuficiência da ética tradicional do desporto de competição e do desportista.
4. Relação desporto e política, o caso dos Jogos Olímpicos.
5. Desporto e identidade: identidade “individual” e identidade nacional.

DESPORTO, SOCIEDADE E CULTURA

Zélia Matos

Índice

CAPÍTULO III.

3. DESPORTO, CULTURAS E GRUPOS	67
3.1. IDENTIDADES DESPORTIVAS E RECONHECIMENTO	68
3.2. SUBCULTURAS E GRUPOS ESPECÍFICOS DA POPULAÇÃO	70
3.3. CULTURA INSTITUCIONAL: O CASO DO CLUBE DESPORTIVO	73
3.4. DESPORTO, MEDIA E TELEVISÃO	74
3.5. VIOLÊNCIA E DESPORTO	78
3.6. DESPORTO, ESTILOS DE VIDA E CULTURAS ALTERNATIVAS	79
3.7. O CASO DOS E-GAMES	81
PONTOS-CHAVE DA SUBUNIDADE	83
SINOPSE DA UNIDADE CURRICULAR	84
AUTO VERIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS	85
RECOMENDAÇÕES DE LEITURA	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87

1. DESPORTO NA DIMENSÃO CULTURAL
2. DESPORTO E MUDANÇA SOCIAL
3. DESPORTO, CULTURAS E GRUPOS

3.

DESPORTO, CULTURAS E GRUPOS



Competências de saída

1. Compreende a mudança na procura das modalidades desportivas e relaciona os elementos identificados com as exigências do trabalho do treinador.
2. Reconhece os significados, símbolos, rituais, relações de poder específicos de segmentos da população e lugar do desporto nesses grupos.
3. Reconhece o papel e as limitações dos órgãos de comunicação social no processo de intermediação entre desporto e sociedade.
4. Esboça argumentos relativos à pretensão dos e-games para serem incluídos no programa olímpico.



Critérios de evidência

1. Reconhece o papel de modalidades radicais e alternativas.
2. Questiona o papel do clube desportivo, perante novos valores e estilos de vida.
3. Ilustra a importância do desporto para os meios de comunicação social.
4. Identifica casos que ligam o desporto à violência na sociedade e reconhece a possível duplicidade do desporto.

3.

DESPORTO, CULTURAS E GRUPOS

3.1. Identidades desportivas e reconhecimento

A ideia de cultura pode ser interpretada a nível geral, nacional, regional e local, assim como pode ser usada para fazermos comparações. Para relacionar estes níveis de interpretação no desporto, também temos de considerar os **diversos modelos de desporto, as diferentes modalidades desportivas e os vários segmentos de população**.

A **contribuição do desporto na criação da identidade individual ou de grupos**:

- Parte do princípio de que todos os grupos sociais têm aspetos chave que os distinguem de outros grupos, isto é, têm uma **identidade própria**.
- Reconhece ao desporto possibilidade de funcionar como **símbolo de pertença, de afirmação de rebeldia, de integração** (de recuperação do sentido de exclusão) e da **procura de representação**.



Perceber o **modelo global do desporto pode ser insuficiente** já que, na sociedade, existem **segmentos da população cujo padrão cultural se distingue** do padrão cultural da sociedade em geral.

Por isso, **compreender os significados, os símbolos, os rituais, as relações de poder específicos desses segmentos da população**¹⁶ é muito importante para se perceber o lugar que o desporto ocupa nesses grupos.

¹⁶ Independentemente do que se designe como subcultura, estamos a referir-nos ao sistema de crenças, valores ou normas partilhadas por um grupo significativo de pessoas.



////////////////////////////////////
Vejam os exemplos das **modalidades desportivas**:

têm uma linguagem que permite a comunicação fácil em termos motores e corporais, independentemente do lugar de origem dos praticantes. Com as suas regras universais, permitem organizar competições e torneios à escala global, com participantes das mais diversas proveniências culturais, sociais e geográficas.

Contudo, o sentido e o significado que a prática e o espetáculo desportivo têm para as comunidades nacionais e locais e para cada um em particular é muito diversificado. **O desporto não é praticado num vazio, o desporto acontece num ambiente carregado de representações de valor, das instituições e tradições ativas.**



No **último quartel do século XX** as lutas pelo reconhecimento da diferença no e através do desporto parecia, inclusive, carregar um **potencial emancipatório** (Jarvie, 2012):

- Jackie Robinson **quebrou a barreira da cor no beisebol em 1946-1947** e é geralmente considerado um **pioneiro da igualdade racial**, especialmente pelos atletas afroamericanos.
- Na década de 1970, Billy-Jean King pugnou pela **igualdade dos sexos e o reconhecimento das mulheres no circuito internacional de ténis profissional aumentou e abriu o caminho para uma redefinição do mundo do ténis.**

Com a mudança de século, as questões de reconhecimento e identidade tornaram-se ainda mais centrais e o caráter e escala da luta por reconhecimento através do desporto mudou muito. O ténis profissional feminino em 2002 teve pelo menos **tanto apoio dos fãs quanto o ténis masculino**, tendo em conta as audiências televisivas nos Estados Unidos.

 Aquilo porque se luta atualmente ultrapassa as tradicionais questões de género, etnia, religião, classe social e outras formas múltiplas de divisão social e de identidade (Jarvie, 2012).



Tal tem vindo a passar por:

- Adotar um olhar atual sobre o desporto que reconhece que o desporto **acomoda toda a complexidade das identidades sociais e não é mais visto como algo que promove a coisificação, que trata as pessoas como meros objetos e que promove a segregação,**
- Identificar aspetos da **identidade e dos estilos de vida moderna** são pontos-chave da análise pós-século XX da relação desporto, cultura e política.

3.2. Subculturas e grupos específicos da população

A análise da subcultura refere-se ao lugar que o desporto ocupa dentro de **qualquer segmento da população** com um **padrão cultural particular**, numa determinada sociedade.



Um subgrupo cultural pode distinguir-se pelo **estato**, pela **origem étnica**, pela **zona de residência**, pela **religião** ou por outro tipo de fatores, **como o desporto**, que conferem uma unidade funcional ao grupo e influenciam cada membro desse grupo.

As subculturas existem no seio da cultura dominante e, de um certo modo, opõem-se-lhe, como no caso do lugar do desporto nas contraculturas juvenis dos anos 60 e 70 do século passado. Chegam ao desporto os denominados **desportos radicais**, não raras vezes associados a **modos de vida alternativos**, enquanto alguns desportos tradicionais foram perdendo significado. Com alguns desportos tradicionais **em declínio há mais espaço para os desportos alternativos colidirem com a cultura desportiva convencional** (Jarvie, 2012).

- Em certas partes do mundo, durante as décadas de 1960 e 1970 do século XX, as subculturas do *surf* mundial estavam associadas a **grupos em busca de alternativas para um modo de vida convencional**.
- Todo o ambiente do **surf nos anos 60 e 70 do século passado** e a **breakdance atual**, é muito diferente da **cultura desportiva tradicional**.

Podemos falar das muitas comunidades, subculturas, que vivem lado a lado nas sociedades modernas e que apoiam diferentes modalidades desportivas, equipas e clubes, por **razões sociais, culturais e políticas** muito particulares.

- Podemos falar de **grupos étnicos ou linguísticos que se encontram predominantemente numa modalidade, numa região ou num clube**.
- Com a amplitude do termo subcultura continuamos a referir-nos a **adeptos específicos de clubes de futebol e de desportos alternativos, a subculturas dos desportos radicais e desportos de alto risco**, que coexistem com a **cultura mais tradicional do desporto**.

Movimentos sociais ou grupos de pessoas que partilham estilos de vida comuns afirmam-se como forças poderosas de mudança nas sociedades: as **subculturas que partilham permitem espaços de liberdade onde as pessoas expressam e agem de acordo com suas opiniões, esperanças e crenças**. Referimo-nos, pois, às **crenças, valores ou normas partilhadas por uma minoria considerável de pessoas dentro de uma cultura particular**.



70

////////////////////////////////////
Em suma:

- O desporto tem um lugar diferente e desempenha um papel distinto em diferentes segmentos da população com um padrão cultural próprio.
- É assim para grupos juvenis, muitas vezes com motivações de um estilo de vida alternativo ao modo mais convencional.
- Também o papel do desporto em escalões sociais desfavorecidos, pode representar um elevador social para a sua família.
- Existem ambientes diferentes consoante a modalidade desportiva; o ambiente dos “desportos de elite” ou dos desportos ditos populares.
- **Sem cair em modismos, é preciso atender às novas atividades, aos novos desejos e objetivos**, tendo em conta os valores presentes nos novos estilos de vida contemporâneos¹⁷.

////////////////////////////////////

Qual é o significado atribuído aos desportos alternativos e às culturas motoras alternativas? O seu desenvolvimento é um reflexo de uma mudança no estilo de vida ou a busca por emoção, risco e a quebra da alienação? Como é que o desporto contribui para a procura do risco, da emoção e do individualismo? (Wheaton, 2004).

¹⁷ A evolução das modalidades olímpicas pode ser um indicador da alteração das práticas com que a sociedade se vai identificando. Informação recente dá conta de que a *breakdance* fará parte do programa dos Jogos Olímpicos de 2024.



3.2.1. MULHER E DESPORTO

Um dos subgrupos que tem despertado muita discussão é **a mulher e o desporto**.

Historicamente o desporto têm sido, desde há muito tempo, associado à construção da masculinidade. Características como resistência, força, determinação, fama e agressividade foram atribuídas principalmente à identidade masculina. No entanto, as mulheres exigiram a sua participação logo numa fase muito precoce, mesmo que a sociedade, durante muito tempo, as ameaçasse com consequências desagradáveis como masculinização, danos físicos, histeria, etc. (Haupt & Wagner, 2018, p. 6).

Apesar das mulheres terem sido autorizadas a competir desde os JO de 1900, muitas das modalidades desportivas permaneceram reservadas aos homens durante muito tempo. A divisão em “desportos típicos masculinos” associados à força física e ao combate e “desportos femininos graciosos” também persistiu (Zeilinger, 2000, p. 11).

Tal como outros campos sociais e culturais, o desporto é permeado por relações hierárquicas de género. De acordo com Dorer (2007), podemos elencar estas desigualdades nas seguintes áreas:

- Restrições ou proibições no acesso das mulheres a certas modalidades desportivas.
- Os regulamentos que regulam o vestuário acentuam as diferenças de género ou, como no caso do voleibol de praia, contam com o olhar *voyeurista* de um público masculino.
- As mulheres são largamente excluídas dos processos de tomada de decisão, de modo que uma boa parte do poder de decisão e definição permanece em mãos masculinas.
- Os patrocinadores, sejam privados ou públicos, não raro fazem distinções entre atletas do sexo feminino e masculino.

As diferenças também são evidentes no modo como as mulheres são consideradas nos “países ricos” e nos “países pobres”. Há sociedades que dificilmente aceitam o desporto feminino, envolvem as jovens mulheres precocemente no trabalho, geralmente doméstico, o que deixa às raparigas pouco tempo para se envolverem em atividades desportivas. Além disso, a participação das mulheres no desporto falha frequentemente devido à falta de meios.

Mesmo em sociedades mais igualitárias, o desporto “ocidental” pode ainda ser considerado como “dominado pelos homens”. As equipas femininas são menos conhecidas, as estrelas femininas do desporto ganham consideravelmente menos do que os seus colegas.

TRIBUNA
Expresso

SICRE

FUTEBOL FEMININO

Justiça dos EUA não dá razão às 28 jogadoras da seleção que se queixaram de desigualdade de pagamento

Há pouco mais de um ano, 28 futebolistas da seleção feminina dos EUA apresentaram uma queixa contra a federação do país, alegando discriminação de género e apelando à igualdade de prémios de jogo. Este sábado, um juiz rejeitou as queixas de que as jogadoras são sistematicamente mais mal pagas do que a seleção masculina. “Nunca vamos parar de lutar pela igualdade”, já garantiu Megan Rapinoe, capitã da equipa e principal cara e voz da campanha

DIOGO POMBO | 02.05.2020 AS 16H35

Esta representação desigual das mulheres no desporto, em última análise, resulta do lugar diferente que a mulher ocupa na sociedade, que se manifesta desde logo na diferente socialização de raparigas e rapazes desde a infância. Enquanto os rapazes estão mais motivados a explorar o seu espaço de vida,



as raparigas estão frequentemente sujeitas a uma supervisão mais forte e têm menos probabilidades de aprender a conquistar espaços.

Não se trata só de tomar consciência das desigualdades existentes: é necessário que, no desporto, **a formação seja sensível às questões de género, de modo a contribuir e participar ativamente na mudança de mentalidades e das práticas diárias.**

Outro fator que realça a hierarquia e as relações de poder assimétricas existentes no desporto é manifestado nos incidentes em que **as mulheres são vítimas de violência e assédio sexual.** A partir de 2017, em termos internacionais, a campanha **#MeToo** localizou este problema estrutural não só nas indústrias do entretenimento e do cinema, mas também nos clubes desportivos e no ambiente de trabalho das atletas femininas de topo, em que treinadores, médicos, colegas, entre outros, são os possíveis agressores. Em Portugal também já vieram a público alguns casos de assédio, nomeadamente com raparigas futebolistas.



Não se pode ignorar que o papel atribuído à mulher numa determinada sociedade se reflete nos próprios padrões da prática desportiva das mulheres e no estatuto do desporto feminino. O desporto pode contribuir para a mudança que consagre papéis igualitários.

Como o tema mulher e desporto será tratado noutra unidade curricular deste curso de formação, deixamos só esta breve nota.

Como pretexto para reflexão:

- A discussão sobre salários das mulheres no desporto profissional revela a disparidade de tratamento do desporto feminino e masculino.
- O estatuto do treinador altera-se em função da valorização diferente do desporto feminino.

3.3. Cultura institucional; o caso do clube desportivo

O clube desportivo, **entidade fundamental do modelo tradicional de desporto** (sistema fechado), sofre mudanças, nomeadamente no que toca ao **desporto de elite**. As sociedades desportivas entram em campo, alterando, desde logo, todo o edifício organizativo que enquadra a prática do desporto profissional ou semiprofissional, bem como as ditas “modalidades amadoras”. **O clube desportivo** passa a conviver com as sociedades desportivas e com outras instituições de desporto comercial.

As condições dos clubes variam muito consoante o seu tamanho, pelo que a sua realidade e a função social dos clubes dependem, também, da sua dimensão. Por isso, é um equívoco tratar os clubes como se de uma realidade única se tratasse.

De um modo geral, existem limitações na evolução dos **clubes desportivos** para, atualmente, poderem chamar a si **novas respostas** exigidas por uma **prática desportiva atualizada, que responda aos vários modelos de desenvolvimento do desporto: a oferta de atividades desportivas continua a ser seletiva**, tradicional, só há lugar para os melhores praticantes e existe segregação económica; Permanece a oferta de modalidades tradicionais, deixando as modalidades emergentes muito ligadas à oferta comercial.

Se os pequenos e médios clubes **mantêm a sua matriz associativista, não podem ser olhados com os mesmos parâmetros dos grandes clubes**. O aparecimento das **sociedades anónima desportivas (SAD)** com objetivos diferentes, um quadro normativo próprio e a sua ligação com o clube tradicional, contribui para o aumento da diferenciação dos clubes e para a complexidade do tema.

Constantino (2021) chama a atenção **para a opacidade das SAD e a dificuldade do seu escrutínio**, notando a **necessidade de empregar recursos que estão claramente fora do alcance das estruturas desportivas**.

 Os problemas acontecem no mundo do desporto, mas a sua génese situa-se no mundo dos negócios, da finança, dos investimentos.

A **inevitabilidade da ligação do desporto a estes domínios** não pode justificar que o desporto não tenha voz própria nessa relação. Para isso é importante que **os seus profissionais tenham um discurso próprio e robusto**, capaz de se fazer ouvir nas instâncias que, em última análise, **desenham o quadro normativo e legal que enquadra o desporto**.





AQUI CHEGADOS TEMOS MAIS PERGUNTAS DO QUE RESPOSTAS:

- ↘ Como é que os **clubes podem evoluir de modo a integrarem os desafios colocados pelos novos valores e estilos de vida**?
- ↘ Como **participar ativamente na promoção da prática desportiva** como um elemento da qualidade de vida de todos?
- ↘ Como **modernizar a oferta desportiva**?
- ↘ Como melhorar os processos de **recrutamento de profissionais competentes**?
- ↘ Como podem **reforçar a sua importância social** ao lado das poderosas sociedades desportivas?
- ↘ Que **transformações necessitam** para aumentarem o **número de sócios** e reforçarem o seu **vínculo à comunidade**?
- ↘ Que **ligações preferenciais** estabelecer, para diversificarem as fontes de **financiamento**?
- ↘ Como se devem articular com o **sistema educativo**?
- ↘ E como estabelecer **formas colaborativas com as instituições que estudam o desporto**?
- ↘ Como **colaborar nos trabalhos de investigação** e, assim, ajudar a robustecer o conhecimento e a voz própria do desporto?



3.4. Desporto, *media* e televisão

O desporto, fenómeno social muito influente, tem uma ligação aos média desde sempre, numa relação em que existem benefícios mútuos:

- Por um lado, as modalidades precisaram e continuam a precisar de divulgação; os atletas precisam do apoio dos meios de comunicação social para chegarem e inspirarem o maior número de pessoas possível; os patrocinadores beneficiam com as audiências.
- Por outro lado, os meios de comunicação social dependem de eventos desportivos que possam transformar em conteúdos.

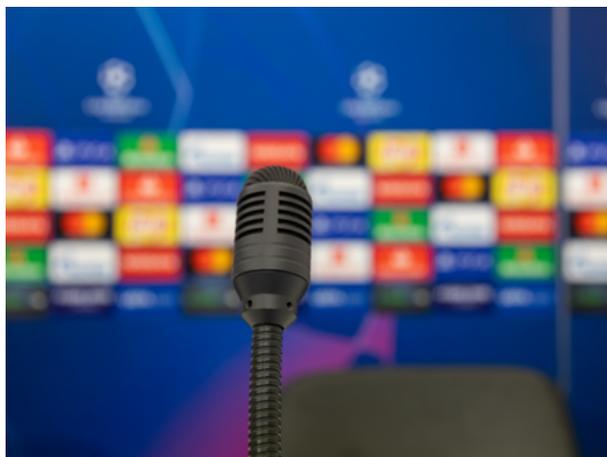
Uma visão muito crítica da atual relação desporto e média é partilhada por Jarvie (2012), ao considerar que **os meios de comunicação social prometem muito ao desporto, mas propõem-lhe uma relação problemática**.

Marschik (2007) também vê um desenvolvimento contraproducente na interação entre os *media* e o desporto, na medida em que, **frequentemente**, são os meios de comunicação social que medeiam a crescente *desportivização* da sociedade, ou seja, **os media são os principais intermediários das normas e dos valores do desporto que são aprendidos e adotados na sociedade**.

- Muitos aspetos nunca estão presentes no discurso, seja oral ou audiovisual, ampliam-se minudências e assuntos paralelos ao desporto.
- As **preocupações sociais e a defesa de tudo o que não se refere aos mais fortes, ocupam um lugar muito secundário**, nomeadamente em relação a valores do desporto como: **cooperação; solidariedade; pacifismo; tolerância; capacidade de integração, superação, compromisso social.**



Nomeadamente, na **comunicação social portuguesa** há um afunilamento do discurso que **reduz o desporto praticamente ao desporto profissional nos ditos “clubes grandes”**, nas modalidades mais populares, sobretudo o futebol masculino.



- A partir desta redução, na maior parte dos casos **entregue a pessoas com formação indiferenciada no que toca ao desporto**, o discurso tem muitas lacunas que contribuem para a menorização do desporto, **amplificam as manifestações negativas** que o acompanham e, muitas vezes, resulta em sucedâneos de programas desportivos que, de desporto, quase nada têm.
- O **sentido humanista, cultural e pedagógico do desporto** como pano de fundo é negligenciado, o que retira força à sua afirmação na cultura contemporânea e ao papel social que desempenha.



Mas poderá um país negligenciar um fenómeno que percorre toda a sociedade e a mobiliza de formas tão diferentes?

É relativamente fácil referir a influência dos media na relação desporto sociedade, **mais difícil é saber em que termos essa influência se faz e qual é exatamente a sua profundidade.**

Os meios de comunicação social colonizam o desporto de muitas maneiras, o que faz com que o **desporto espetáculo se tenha tornado dependente das regras da comunicação social**, em vários níveis. **Os espetáculos desportivos dominam a televisão em muitas partes do mundo** e o tempo dos principais eventos desportivos mundiais são influenciados pelos **horários nobres da televisão** nos diferentes países, por todo planeta.



- Dos diários desportivos, à televisão, ao cinema e à Internet, vivemos num mundo em que os meios de comunicação e as redes têm uma profunda influência sobre o desporto e a forma como este é moldado, representado, apresentado, consumido e desafiado.
- Os heróis e heroínas do desporto são criados e destruídos também com a influência dos meios de comunicação.
- A forma como determinados eventos desportivos são difundidos influencia o que as pessoas pensam sobre determinadas ações ou eventos desportivos.
- A lógica dos *media* continua a permear o desporto dos pontos de vista económico, social e cultural, sendo uma das influências mais poderosas sobre o desporto e a vida social em diferentes partes do mundo (Jarvie, 2012, p. 416).

Este entendimento é concretizado por Marschik (2007) que afirma que:

- as modalidades desportivas que são noticiadas e o horário das emissões, têm influência na popularidade da modalidade.
- os meios de comunicação social estão significativamente envolvidos na popularidade:
 - de “estrelas do desporto”;
 - das modalidades desportivas; e
 - no modo como o desporto é visto pela sociedade.



A dependência dos *media* do espetáculo desportivo verifica-se, também, pela **interferência das indústrias desportivas globais** que competem, de forma renhida, não só por talentos desportivos, mas também pela captação de telespectadores e canais de televisão. Desde a abertura dos canais televisivos na década de 1980, à chegada da televisão por satélite aos cantos mais remotos do mundo, como afirma Besnier (2017) já referido no ponto Desporto global.

Fica claro, como tem sido referido, que os **interesses não desportivos aumentam à volta do espetáculo desportivo** e, muitas vezes, a sua influência no desporto, sobrepõe-se de tal modo, que se pode tornar **“inimiga” do próprio desporto**, com a consequente **radicalização destes interesses que concorrem com o desporto e a intensificação da competição** (Marivoet, 2018). A realização do campeonato do mundo de futebol masculino no Qatar é um bom exemplo.

Atualmente temos de distinguir o impacto dos **media tradicionais**, com particular destaque para a **televisão** e o impacto dos **novos meios tecnológicos de transmissão**, na análise da forma como se relacionam com o desporto, sabendo que essa relação influencia a forma como a sociedade vê o desporto.

Continuamos com Jarvie, (2012) quando afirma que a evolução da relação complexa do desporto com os *media* tem sido desafiada pelas novas possibilidades e limites trazidos pelo advento de uma era da informação e de um mundo desportivo cada vez mais ligado em rede. Compreender e mapear a natureza mutável do poder numa sociedade em rede é uma tarefa necessária para a explicação da relação entre o desporto e os *media*. O poder já não reside simplesmente em **instituições desportivas individuais, mas em agregadores através dos quais as redes regulam as condições de entrada e privilegiam ou excluem interesses ou posições**. Como tal, é importante não perder de vista que **a nova era da informação oferece novas oportunidades**:

- não só para o domínio, propriedade e **estruturação do desporto**;
- mas também para a realização de campanhas em rede, proporcionando uma voz maior a partir de diferentes partes do mundo.

Os meios de comunicação social enfrentam o seus próprios e significativos desafios, mas alguns dos desafios imediatos exigidos pela relação do desporto com os meios de comunicação social, na salvaguarda de um desporto digno, incluem: **transparência, conhecimento, inovação, regulamentação, responsabilidade, propriedade, cidadania, acesso e uso do poder** (Jarvie, 2012, p. 417).

Marschik (2007) acentua que com a transmissão de eventos desportivos, os meios de comunicação social também apoiam uma das funções essenciais do desporto, **a identificação**: seja com **a sua própria nação** ou com **os heróis desportivos nacionais**.

Nos meios de comunicação social, os heróis desportivos são repetidamente equiparados à nação, quase se confundem com ela. Isto é expresso, por exemplo, em manchetes do tipo: *somos campeões europeus; o nosso primeiro ouro, o resultado salvou a nossa honra, rainha da maratona...* que **contribuem para a identificação dos espectadores com os feitos das estrelas do desporto, como que reclamando um pedaço do sucesso para si próprios**. Este aspeto também pode ser ilustrado com a relevância que é dada a atletas e treinadores portugueses que participam no desporto fora do país: *joga o nosso, a equipa é treinada pelo nosso, a equipa alinha com três portugueses...*

A celebridade desportiva pode ter um papel a desempenhar na promoção e facilitação de mensagens em diferentes partes do mundo.

A Internet promete não só o aumento das oportunidades do jogo e de aproveitamento das competições, mas também o desenvolvimento de numerosos fóruns sociais e grupos de discussão sobre questões e problemas desportivos.



Talvez um dos maiores desafios que o desporto enfrenta hoje seja, até que ponto, participa e tem uma palavra a dizer nos media e não é, simplesmente, um parceiro passivo da política dos media e da política dos negócios.



AQUI CHEGADOS, DUAS QUESTÕES SÃO INEVITÁVEIS:

- ↳ Até quando o desporto aguenta a pressão destas entidades externas sem se transformar ao ponto de perder a sua identidade?
- ↳ Como enfrentar a política dos media e o seu modo de comunicação, marcados por uma política unidimensional, de irrelevâncias do ponto de vista desportivo, com programas e linguagem que se servem do “chapéu acolhedor” que é o desporto, mas que, de desporto, têm muito pouco?

Estamos perante um discurso dominante que esquece os âmbitos essenciais que dão importância ao desporto, em que há uma mistificação e um aproveitamento do desporto que o afunila e lhe retira grandeza.

“Engorda-o”, mas não o robustece! Dá argumentos a quem o despreza!

Parafrazeando uma expressão popular, o desporto tem as “costas largas” e, continuando com a sabedoria popular, “quem não se sente não é filho de boa gente”.

O desporto tem de se sentir, porque é filho da criação humana, uma das realizações mais interessantes do ser humano e não pode ser desbaratado por visões oportunistas, limitadas e egoístas.



3.5. Violência e desporto

A **violência associada ao desporto** tem sido muito estudada em diferentes culturas e sociedades. O caso do **hooliganismo no futebol**, ilustra este interesse.

Vejamos como Young (2002) agrupa os âmbitos em que se manifesta a violência no desporto:

1. **violência de multidões** associadas a eventos desportivos;
2. **violência do jogador**, o que inclui contacto corporal brutal e a violência que ultrapassa as regras oficiais do jogo;
3. **agressão e assédio sexual, violações laborais** de jovens atletas e perseguição de heróis e heroínas do desporto;
4. **violência no desporto e nos órgãos de comunicação social de massa** e, em particular, o **papel** dos meios de comunicação de massa na **produção, legitimação e reforço da violência** e formas de comportamento associadas ao desporto.

 A **duplicidade do desporto** é tal que o desporto é visto como **fonte de violência e crime**, mas também como **cura parcial para certos problemas**, nomeadamente os relacionados com a **violência e criminalidade juvenil** (Jarvie 2012).

O desporto tem potencialidades para evitar a violência, mas também pode ser **pretexto para a exercer**.

- Mais uma vez se reforça a ideia de que **o desporto não é bom ou mau**, dependendo da **orientação que lhe é dada e do aproveitamento** que dele é feito.
- Fica clara a necessidade de uma **orientação que vincule o desporto a formas de intervenção** que visem melhorar ou mudar as **taxas de criminalidade** entre certos grupos.
- Em nome do desporto, é imperioso que a violência esteja ausente dos comportamentos de qualquer sujeito do desporto. Qualquer agente desportivo, seja atleta, dirigente,... ou treinador que recorre à violência tem um comportamento anti desporto.



- No mundo do desporto os **comportamentos desviantes e violentos** que coexistem no jogador, no espetador, nas instituições, na violência corporal, nomeadamente pelo **abuso de drogas**, nos desportos particularmente violentos, são alguns dos temas a merecer profunda reflexão.
- A **violência no desporto feminino** tem aparecido, sobretudo, sob a **forma de violência de género** (Jarvie, 2012).

As explicações da relação entre desporto e violência, cujo argumento contra a violência no desporto é meramente económico e se centra no risco de lesões e perdas financeiras, como resultado de jogo sujo, são manifestamente limitadas.

Olhar a violência só por este lado é comprometer o próprio desporto que, no dia em que se perder o horizonte da sua dimensão humanista, acaba por se perder ele próprio. Transformar-se-á, porventura, noutra “coisa”, mas perde, de modo irreversível o seu sentido humanizador.



AQUI CHEGADOS, UMA GRANDE QUESTÃO SE IMPÕE:
Como gerir o desporto que permite identificação, prazer, integração, entusiasmo, fruição, reconhecimento social, beleza, mas também pode ser campo de manifestação de violências várias e de comportamentos desviantes?

3.6. Desporto, estilos de vida e culturas alternativas

A história de culturas de desportos alternativos inclui o exame de atividades como *windsurf*, *snowboard*, *skate*, *surf* e um rápido crescimento em desportos radicais.



Desportos alternativos são definidos como **ofertas alternativas à prática de desporto convencional e aos valores do desporto tradicional**, bem como o processo através do qual **estilos de vida alternativos se tornam atividades convencionais**.



A escolha de alternativas ao desporto convencional pode envolver escolhas **sobre risco, incerteza, sexualidade, liberdade, expressão, universalismo e modo de encarar a vida** (Jarvie, 2012). Este modo de encarar a vida não é um jogo de oportunidades de vida, mas são **estilos de vida com identidades próprias** o que poderá incluir **consumir desportos alternativos**. A geração Y, também conhecido como os novos *millennials*, mostra supostamente um **maior grau de individualismo** do que as gerações anteriores. **Não há mais uma cultura juvenil, mas culturas juvenis plurais** (Jarvie, 2012).



A natureza da geração Y é definida por algum desdém pela autoridade e o desejo pelo desporto, em parte, não se caracteriza pelos valores tradicionais do desporto de equipa, mas **pelo desejo de assumir riscos com denominadores comuns, com a experiência da procura da emoção a culminar numa onda de adrenalina**.

A escolha de desportos dos futuros líderes do século XXI pode, de facto, ser menos baseada no gosto dos desportos tradicionais, individuais e coletivos, com preocupações de segurança e um elevado grau de cooperação, **e mais no gosto pelos desportos radicais, mais individualistas e com a probabilidade de serem perigosos facilitadores de potenciais lesões**.¹⁸

O desporto radical, rotulado como alternativo, extremo ou aventura prolifera transnacionalmente (Rinehart & Sydnor, 2003).

- Na natureza fundamental dos desportos alternativos está a dimensão individual, em oposição à abordagem de equipa. O capital empresarial e a promessa de patrocínios lucrativos invadiram muitas dessas atividades.
- A **imagem de liberdade**, que muitas vezes está associada a certas atividades radicais, quando é mostrada como **mercadoria cultural no cinema, na fotografia e na publicidade**, é frequentemente uma **ilusão, se não uma imagem enganosa**.

¹⁸ O surgimento de desportos alternativos também teve impacto no Comité Olímpico ansioso por desenvolver o apelo dos jovens e assumir uma postura dura em relação ao desporto tradicional especializado de minorias, desejo de tornar os jogos num evento mais verdadeiramente global ou internacional.



 A história de muitos desportos radicais ilustra o seu potencial para ameaçar o monopólio do desporto convencional e, ao mesmo tempo, a sua luta para evitar serem absorvidos pelo desporto convencional.

O exemplo do *skate* esclarece bem as diferenças entre desporto convencional e desporto tradicional. A subcultura do skate, enquanto alternativa ao desporto convencional apresenta três fatores principais (Jarvie, 2012):

- **controlo do desporto pelo próprio participante;**
- **desejo de individualizar o desporto como algo separado do patrocínio empresarial** e, sendo assim, um símbolo de autodeterminação e definição;
- **a desvalorização da competição**, na medida em que o que tende a definir o *status* elevado não é a competitividade, que é vista como negativa, mas a habilidade e a vontade de cooperação na partilha de experiências e conhecimentos com os membros do grupo (Jarvie, 2012, p. 272).

Em boa verdade, os **desportos alternativos tornaram-se tão populares que rapidamente as empresas multinacionais aproveitaram a oportunidade de capitalizarem a sua comercialização.**

Posto isto, a chegada de **novos desportos alternativos** no sentido mais amplo da palavra:

- continua a colocar novas questões, novos problemas e a exigir novas ideias para a sua explicação;
- ao mesmo tempo que é necessária uma avaliação das escolhas sociais concretas, possíveis com os novos desenvolvimentos característicos dos mercados mundiais e das empresas transnacionais.



A sede de risco, a adrenalina da incerteza, o acaso e o a busca da emoção não é nova; os limites e possibilidades apresentados pelo desporto, estilos de vida e as **culturas alternativas** no **século XXI são equiparadas à imprevisibilidade e à incerteza dos desportos tradicionais.**

3.7. O caso dos e-games

Na argumentação para justificar que os *e-games* não sejam aceites no programa olímpico¹⁹, a crítica principal referia que não respeitavam os valores olímpicos.

Ora, poder-se-á alegar que, antes de não respeitarem os valores olímpicos, os *e-games* não reúnem as características de base que fazem com que um jogo seja considerado desporto, de acordo com os parâmetros que delimitam o conceito de desporto: nem as características que apontamos no ponto 1.2, nem os valores referidos no ponto 2.2.

¹⁹ Forrester, 2018; Reed, 2018; Webb, 2019.



////////////////////////////////////
Vimos no ponto 1.2, em que delimitamos o conceito de **desporto**, que, num **entendimento lato**, desporto se refere a **jogos ou exercícios que fazem uso do corpo** (numa grande extensão) e **do movimento** (na aceção de “grande movimento”, enquanto trabalho motor que exige capacidades, habilidades, aprendizagem e treino e que se demarca do conceito de movimento como mera deslocação). **Desporto refere-se, pois, a jogos e competições em que o corpo e o movimento são determinantes**. Acentuamos, ainda, que desporto além de ser uma atividade relacionada **com o corpo e com o movimento, com efeitos fisiológicos específicos**, também é uma **atividade social**, no âmbito da qual se realizam **interações especiais, através das quais têm lugar processos de desenvolvimento da identidade**.
////////////////////////////////////



As características “**atividade motora, corporal**” [“atividade física”] e **atividade social** com os seus efeitos particulares, são, assim, reconhecidas como características necessárias para que uma atividade seja considerada desporto.

////////////////////////////////////
Por outro lado, tal como vimos em 2.2, o **desporto oferece a oportunidade de mostrar dimensões humanas separadas na cultura moderna** ou que são difíceis de manter unidas na sua unidade original: **mobiliza a pessoa por inteiro, (corpo e espírito), requerendo em simultâneo a dimensão corporal e a dimensão moral**. Não há desporto sem corpo e movimento, e o rendimento e o jogo acontecem em condições de igualdade e respeito pelo outro.
////////////////////////////////////



Os *e-games* acenam com a **competição e os termos herdados da linhagem militar como tática e estratégia, como se o espetáculo da competição organizada ao mais alto nível, só por si, caracterizasse o desporto**. Não caracteriza! Se assim fosse, e por absurdo, qualquer atividade em que existe competição organizada, poderia ponderar pedir a adesão aos Jogos olímpicos.

////////////////////////////////////

Dado o **poder económico das companhias gigantes com interesses nos e-games**, é possível que um dia estes venham a fazer parte dos festivais desportivos, jogos olímpicos ou outros.

Contudo, se e quando isso acontecer, já o desporto como o valorizamos atualmente, a **prática vibrante e única, que liga a totalidade da pessoa num exercício global²⁰**, que é o **desporto estará, se não completamente definhada, pelo menos com sérias dificuldades de relevância**.

////////////////////////////////////

²⁰ Prática que mobiliza a pessoa em todas as dimensões e a exercita do ponto de vista corporal e motor a um nível de excelência técnica que justificam o desporto como cultura, que promove valores de convivialidade, de relação e aceitação do outro.



A circunstância dos JO serem megaeventos, que consomem recursos materiais muito elevados, pode ajudar a essa estranha aceitação. Porém, convém ter em atenção que **não será uma decisão neutra**, só com implicações a nível do espetáculo, porque:

- **Mais horas das crianças** e jovens em frente aos **écrans?**
- **Menos horas** da já reduzida **exercitação corporal?**
- Menos oportunidades **de interações sociais?**
- Mais problemas de adição que levam ao isolamento e abandono escolar?
- Aumento dos jovens com problemas na utilização da internet?
- Abandono dos benefícios da prática desportiva?
- ...

É neste quadro que o desporto deve elevar a sua voz, para afirmar a **sua valia única e insubstituível na formação das pessoas e na construção de uma vida melhor**.



Reflexão final

Compreender o desporto é considerá-lo na sua multiplicidade de aspetos e procurar várias perspetivas de análise que possam ajudar a perceber melhor o fenómeno que, já nas palavras de Ortega Y Gasset, é um dos fenómenos mais importantes do mundo contemporâneo.

Olhar para o desporto para lá da observação da prática ajuda a fazer uma interpretação mais abrangente, que permite traçar quadros diagnósticos mais amplos do lugar do desporto na cultura e na sociedade.

Um olhar mais alargado sobre o desporto usa ferramentas menos comuns entre treinadores, nomeadamente pelo recurso a teorias e áreas do conhecimento cujo foco não é o processo de treino desportivo propriamente dito. Essa circunstância, porém, não deve fazer com que a compreensão do desporto conseguida através dos olhares sociológico, cultural, filosófico, antropológico seja uma prerrogativa só de académicos, de investigadores ou de professores, e, pelo contrário, demonstrando a sua utilidade, faça parte do património dos treinadores (e de outros atores do mundo do desporto).

Deste modo, os treinadores poderão incorporar esses argumentos na interpretação das suas tarefas concretas nas instituições em que se enquadram (nos seus contextos sociais específicos, clubes, academias, federações...), para atingir os objetivos que traçam, os valores em que acreditam e os interesses que partilham.

Situar o desporto nos domínios cultural e social, pode ajudar os treinadores a conferir ao seu trabalho um alcance e uma utilidade sempre crescentes.

Quando se fala de cultura e desporto é muito comum despertar sentimentos contraditórios. Haverá quem pense que será uma abordagem pouco útil para quem está na prática e ligado à realidade concreta do processo de treino e que, porventura, essa abordagem deveria ficar para aqueles que não têm de resolver os candentes e sérios problemas que a prática apresenta todos os dias. Contudo, nem o tratamento e compreensão destes temas está destinado a génios da teoria ou a académicos esforçados em sobressair perante a sua falta de atuação na prática, nem estas abordagens discutem aspetos esotéricos ou distantes de quem trabalha no chamado terreno.

Estas abordagens ajudam a esclarecer aspetos sobre o desporto que, de outro modo, não seriam clarificados e cuja compreensão pode melhorar o modo como nos situamos, como interpretamos e como atuamos na prática do dia a dia.

Estas reflexões mais não pretendem do que ajudar a equipar e a iluminar a competência do treinador atraído pelo valor da sua profissão, fascinado com o poder e o potencial do desporto e cativado pela paixão pelo desporto e aquilo que o rodeia.

Ainda que de forma breve, tentamos identificar preocupações do nosso tempo, bem como identificar alguns silêncios, já que, o que não é dito, muitas vezes, indica tanto sobre o desporto, quanto aquilo que é dito.

Estamos cientes de que se pode atuar no desporto com sensatez, mesmo sem entender que o interesse último pelo desporto ou por determinadas modalidades desportivas é uma manifestação da situação social ou socioeconómica de quem pratica, assim como se pode operar no desporto sem, necessariamente, estar preocupado com o lugar do desporto na sociedade, ou com o entendimento do desporto como um elemento da cultura e da cultura de massas, mas temos presente que o treinador moderno quer entender mais do que apenas superficialmente a popularidade, a importância e a relevância do mundo do desporto na vida dos dias de hoje.

O carácter introdutório destas notas leva-nos a abordar vários tópicos presentes num olhar cultural e social do desporto principalmente através da apresentação de aspetos básicos que conduzam à reflexão e convidem a leituras diversificadas. Não se pretende dar lições fechadas de matéria mais ou menos estruturada a partir de cânones académicos, mas, tão só, sensibilizar todos quantos, tocados pelo valor do desporto, fazem do treino desportivo a sua ocupação profissional.

Enquadrar o papel do treinador numa compreensão abrangente de desporto, não desvia o treinador da especificidade das suas funções, nem o distrai com aspetos menores. Pelo contrário, valoriza as funções específicas da sua atividade profissional, conferindo-lhe significado no quadro da importância geral do desporto, o que só pode aumentar a proeminência e o reconhecimento públicos do seu trabalho. Desporto, Sociedade e Cultura procura elevar o desporto a um patamar de reflexão mais refinado, na busca do seu valor específico no cenário social e cultural.

Pontos-chave da subunidade

1. Potencial emancipatório do desporto.
2. A mulher e o desporto: desafios no sentido da igualdade.
3. Cultura institucional - o clube desportivo e novos desafios.
4. Desporto, média e televisão: os média mediadores entre desporto e sociedade.
5. A interferência das indústrias desportivas globais e outros poderes não desportivos.
6. Âmbitos da violência associada ao desporto
7. Relação desporto convencional e desportos radicais.
8. *E-games*: impossibilidade de serem enquadrados no desporto, de acordo com os parâmetros utilizados para delimitar o que entendemos o que é desporto.



SINOPSE DA UNIDADE CURRICULAR



- ↘ Delimitação do conceito de desporto. Do modelo tradicional e características do desporto moderno ao modelo plural de desporto.
- ↘ Sentidos e conteúdos do desporto.
- ↘ Categorias do ser humano, ligadas ao desporto: corpo, movimento, rendimento e jogo para reconhecer argumentos do valor do desporto.
- ↘ Desporto é uma cultura e cada modalidade desportiva uma cultura particular.
- ↘ Elementos culturais que dão sentido ao que se desenrola na prática desportiva
- ↘ Desporto e valores na sociedade atual.
- ↘ A ética tradicional do desporto de competição e do desportista, do tempo em que o desporto tinha pouco significado social, é insuficiente.
- ↘ Aspetos da complexificação do desporto. Desporto, elemento preponderante da vida social.
- ↘ Desporto global e natureza mutável do desporto, da cultura e da sociedade.
- ↘ A relação desporto global – desporto nacional.
- ↘ Ligação do desporto a subsistemas da vida social e a indissociável e interdependente relação das dimensões desportiva, económica e simbólica.
- ↘ Interesses não-desportivos nos megaeventos desportivos. Características e exigências de um megaevento desportivo.
- ↘ Relação desporto-política, expressa nos eventos desportivos, com destaque nos Jogos Olímpicos.
- ↘ Significados, símbolos, rituais e relações de poder do ambiente em que o treinador desenvolve o seu trabalho.
- ↘ Desporto e identidade - diferentes lugares e significados do desporto; papel do desporto na afirmação internacional de países que se pretendem legitimar internacionalmente.
- ↘ Modalidades desportivas com simbolismos específicos. O “caso” África do Sul.
- ↘ Desporto e identidade individual e de grupos, papel em subculturas e grupos específicos.
- ↘ Mulher e desporto; cultura institucional; o caso do clube desportivo. Desporto, *media* e televisão; violência e desporto; desporto, estilos de vida e culturas alternativas. *E-Games*.



AUTOVERIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

1. Com base em que condições, características e indicadores consideramos algo como desporto?
2. Apresente uma delimitação do conceito de desporto.
3. A que se refere o sentido do desporto?
4. Todo o desporto é desporto de rendimento. Comente a frase.
5. Quais as principais características do desporto moderno?
6. Se a experiência do jogo está contida na experiência desportiva, porque é que nem todo o jogo é desporto?
7. Distinga o papel do desporto prática, do desporto espetáculo e dos aspetos simbólicos do desporto na sociedade, identificando aspetos com implicações diretas no trabalho do treinador.
8. Porque é que, muitas vezes, o desporto funciona como um mecanismo de compensação na vida das pessoas?
9. Refira elementos que conferem ao desporto um estatuto de cultura.
10. Refira os vetores principais em que foram sentidas as mudanças profundas operadas no desporto, tanto ao nível dos propósitos como dos domínios.
11. Elenque características do desporto global e comente duas à sua escolha.
12. Identifique aspetos do desporto global que interferem no desporto nacional.
13. Relacione desporto local, nacional e internacional e desafios colocados ao treinador.
14. Identifique valores e papéis desempenhados pelo desporto.
15. Apresente dois casos ilustrativos que ligam o desporto à violência na sociedade.
16. Refira formas como o desporto é utilizado para combater o desvio e a prevenção do crime.
17. Apresente dois casos ilustrativos da dimensão política do desporto.
18. Ilustre a importância do desporto tanto para os antigos como para os novos meios de comunicação social.
19. Que problemas coloca ao treinador a mudança na procura das modalidades desportivas e o aparecimento de novas modalidades?
20. Apresente um exemplo ilustrativo do papel de uma modalidade desportiva na identidade nacional de um país.
21. A partir das oportunidades de desenvolvimento social que o desporto oferece, e dos aspetos do lado negativo que podem acompanhar o desporto, discorra acerca do papel do treinador na orientação da formação desportiva.



RECOMENDAÇÕES DE LEITURA

Chora, M. (2021). Desporto nas RI. Retrieved from <https://orbisirsa.pt/o-desporto-nas-ri-uma-tipologia/>

Coelho, J. N., & Tiesler, N. C. (2006). O paradoxo do jogo português: a omnipresença do futebol e a ausência de espectadores dos estádios. *Análise Social, XLI*(179), 519-551.

Constantino, J. M. (2020). Estatísticas do desporto, quem as conhece? Retrieved from https://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/colunistas/detalhe/estatisticas-do-desporto-quem-as-conhece?fbclid=IwAR0BtGbYqwkxO96fSBxfKt0GITG293AyL_E nntmiObqWCg5jipkwhjHOE

Constantino, J. M. (2021). As sociedades desportivas. Retrieved from https://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/colunistas/detalhe/as-sociedades-desportivas?utm_medium=Social&utm_source=Facebook&utm_campaign=BoesSite&fbclid=IwAR1MRyrd0uoA-ojfJDV-ffuDW53KpjoRIBr9R RZ7y2vyyJptVuAPIzMELE

Matos, Z. (2006). A utilidade da abordagem ética do desporto. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* 20(5), 149-151.





REFERÊNCIAS

- Aechimann, W. (1991).** *Alles wird zerstört* (1st ed.): Panorama.
- Allison, L. (2022).** "Sport Prestige and International Relations" - Government and Opposition. *Winter*, 37(1), 106-134.
- Appadurai, A. (2004).** *Dimensões Culturais da Globalização* (1st ed.). Lisboa, Portugal: Teorema.
- Araújo, L. (1990).** *Ética, sociedade contemporânea e Desporto*. Paper presented at the Forum Desporto Ética e Sociedade, Porto, Portugal.
- Balz, E., & Kuhlmann, D. (2006).** *Sportpädagogik: Ein Lehrbuch in 14 Lektionen* (A. S. Ed. 1st ed.): Meyer & Meyer Sport.
- Bauman, Z., & May, T. (2001).** *Thinking Sociologically* (Z. Bauman & T. May Eds. 2nd ed.). Cambridge, UK: Wiley-Blackwell.
- Bento, J. O. (1999).** Contexto e perspectivas. In J. Bento, R. Garcia, & A. Graça (Eds.), *Contextos da Pedagogia do Desporto* (pp. 17-112). Lisboa: Livros Horizonte.
- Besnier, N. (2017).** *From Global South to Global North: Sport, Gender, and Precarity - The Values of Sport: Between tradition and (post)modernity*. Paper presented at the The 14th European Association for Sociology of Sport Conference, Prague, Czech Republic.
- Burnette, C. (2017).** *Framing a 21st Century case for sport from the perspective of developing economies - The Values of Sport: Between tradition and (post)modernity*. Paper presented at the The 14th European Association for Sociology of Sport Conference, Prague, Czech Republic.
- Cha, V. (2016).** Role of Sport in International Relations. *Asian Economic Policy Review*, 11, 139-155. doi:10.1111/aep.12127
- Chora, M. (2021).** Desporto nas RI. Retrieved from <https://orbisirsa.pt/o-desporto-nas-ri-uma-tipologia/>
- Coelho, J. N., & Tiesler, N. C. (2006). O paradoxo do jogo português: a omnipresença do futebol e a ausência de espectadores dos estádios. *Análise Social, XLI*(179), 519-551.
- Constantino, J. M. (2020).** Estatísticas do desporto, quem as conhece? Retrieved from https://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/colunistas/detalhe/estatisticas-do-desporto-quem-as-conhece?fbclid=IwAR0BtGbYqwkxO96fSBxfKt0GITG293Ayl_E_nntmiObqWCg5jipkawhjHOE
- Constantino, J. M. (2021).** As sociedades desportivas. Retrieved from https://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/colunistas/detalhe/as-sociedades-desportivas?utm_medium=Social&utm_source=Facebook&utm_campaign=BotoesSite&fbclid=IwAR1MRyrd0uoA-ojfJDV-ffuDW53KpjoRlBr9RRZ7y2vvyJptVuAPlzMELE
- Costa, A. S. (1992).** Desporto e Análise Social. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*.
- Crum, B. (1993).** A Crise da Identidade de Educação Física: Ensinar ou não ser, eis a questão. In *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física* (pp. 133-148).
- Didion, P. (2021).** Zwischen Sport und Diplomatie. *Trajectoires*. doi:10.4000/trajectoires.6658
- Dorer, J. (2007).** Mediensport und Geschlecht. *Medienimpulse – Beiträge zur Medienpädagogik*, 62, 25-31.
- Erten, S. (2004).** Capability of Hosting Mega-Events: case of Istanbul and its bids for the Olympic Games. In G. T. Papanikos (Ed.), *The Economics and Management of Mega Athletic Events: Olympic Games, Professional Sports, and Other Essays* (1st ed.): Athens Institute for Education and Research.
- Forrester, N. W. (2018).** Why e-sports should not be in the Olympics. Retrieved from <https://theconversation.com/why-e-sports-should-not-be-in-the-olympics-100430>
- Freitas, C. (2000).** *O significado social do desporto nas classes sociais: uma análise do fenómeno*. (Doutor). Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Freitas, G. (2021).** Retrieved from <https://jumperbrasil.lance.com.br/nba-busca-novo-acordo-tv-us75-bilhoes/>
- Gehlen, A. (1940).** *Der Mensch, seine Natur und seine Stellung in der Welt* (1st ed.). Berlin, Germany: Junker und Dünhaupt.
- Gervilla, E. (1997).** *Postmodernidad y educación: Valores y cultura de los jóvenes* (1st ed.). Madrid, Spain: Dykinson.
- Grupe, O., & Krüger, M. (1994).** Sport Pedagogy. The Anthropological approach. *Sport Science Review*, 3(1), 18-27.
- Grupe, O., & Krüger, M. (1996).** *The Anthropological Foundations of Sport Pedagogy in Scientific Development of Sport Pedagogy* (P. Schemmp Ed. 1st ed.). New York, USA: Waxmann.
- Güldenpfennig, S. (2008).** Olympische Spiele und Politik. *Sportpolitik und Olympia*, 30(29), 1-7.
- Guttman, A. (1978).** *From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports*. New York, USA: Columbia University Press.

Haag, H. (1986). Relationships of Curriculum and Instruction Theory as Major Aspects of Sport Pedagogy. *Sport Pedagogy*, 3(1), 1-10.

Hackforth, J. (1999). *Die Ökonomisierung der olympischen: Der Standard.*

Haupt, M., & Wagner, C. (2018). Die Olympischen spiele und Politik. *Sport und Politik* (5), 1-16.

Heaming, A. (2008). Die Spiele müssen weitergehen. *Magazin der Bundeszentrale für politische.*

Heinemann, K. (1992). Sport Sociology: Socioeconomic Problems of Sport. In H. Haag, O. Grupe, & A. Kirsch (Eds.), *Sport Science in Germany: An Interdisciplinary Anthology* (1st ed., pp. 403-422): Springer-Verlag.

Hitzler, R. (1991). Ist Sport Kultur? *Zeitschrift für Soziologie*, 20(6), 479-487.
Holzke, F. (2001). *Der Begriff Sport im deutschen und im europäischen Recht.* (Doctoral). Universität zu Köln, Köln, Germany.

Honer, A. (2011). *Kleine Leiblichkeiten: Erkundungen in Lebenswelten* (A. Honer Ed. 1st ed.). Germany: VS Verlag für Sozialwissenschaften Wiesbaden.

Huizinga, J. (1972). *Homo Ludens* (J. Huizinga Ed. 1st ed.). Madrid, Spain: Alianza Editorial.

Jäger, U. (2005). *Sport und (Welt-) Politik.* Germany: Bundeszentrale für politische Bildung.

Jarvie, G. (2003). Internationalism and Sport in the Making of Nations. *Global Studies in Culture and Power*, 10, 537-551.

Jarvie, G. (2012). *Sport, Culture and Society: an introduction* (2nd ed.). London, UK: Routledge.

Kissoudi, P. (2008). Sport, Politics and International Relations in the Twentieth Century. *The International Journal of the History of Sport*, 25(13), 1689-1706.

Kistner, T., & Weinreich, J. (2000). *Der olympische Sumpf. Die Machenschaften des IOC* (1st ed.): Piper.

Kretchmar, R. S. (2005). Game flaws. *Journal of the Philosophy of Sport*, 32, 36-48.

Kurz, D. (1986). *Die Zukunft des Sports: Materialien zum Kongreß "Menschen im Sport 2000"* (D. Sportbund Ed. 1st ed.). Germany: Schorndorf: Hofmann.

Marina, J. A. (1996). *Ética para náufragos* (1st ed.). Lisboa, Portugal: Editorial Caminho.

Marivoet, S. (2018). A inclusão social através do desporto: novos desafios na Intervenção Social. In *Intervenção Social* (pp. 191-204): Lusíada.

Marschik, M. (2007). Sport und Medien – Mediensport. Zur Inszenierung und Konstruktion von Sporthelden. *Medienimpulse* 62(15), 12-17.

Matos, Z. (1999). *Estudo da pedagogia do desporto em Portugal: contributo para a sua compreensão.* (Doutoramento). Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Matos, Z. (2006). A utilidade da abordagem ética do desporto. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* 20(5), 149-151.

McNamee, M. J., & Parry, S. J. (1998). *Ethics of sport* (M. J. McNamee & S. J. Parry Eds. 1st ed.): Routledge.

Meinberg, E. (1990). *Para uma nova Ética do Desporto.* Paper presented at the Actas do Forum Desporto Ética e Sociedade, Porto, Portugal.

Mittag, J. (2021). Wie politisch ist der Sport? . In *Sport und Politik* (1st ed.): Themenblätter im Unterricht.

Nauright, J. (2013). Mandela saw sport as a way to bring South Africans together. Retrieved from <https://theconversation.com/mandela-saw-sport-as-a-way-to-bring-south-africans-together-21244>

Oliveira, T. (2018). O Milagre de Berna ou o improvável nascimento de uma potência. Retrieved from <https://tribuna.expresso.pt/mundial-2018/2018-05-03-O-Milagre-de-Berna-ou-o-improvavel-nascimento-de-uma-potencia>

Pawlenka, C. (2005). The idea of fairness: a general ethical concept or one particular to sports ethics? *Journal of the Philosophy of Sport*, 32, 49-56.

Pereira, M. S., & Burlamaqui, L. G. (2022). 1972, o futebol no centro das comemorações pela independência do Brasil. Retrieved from <https://www.publico.pt/2022/09/04/mundo/ensaio/1972-futebol-centro-comemoracoes-independencia-brasil-2018983>

Piaget, J. (1967). *Biologie et connaissances [Biology and knowledge]*. Paris: Gallimard.

Pizarro, J. O. (2017). Governança desportiva: uma inflexão da governança global? *Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad*, 13(1), 195-219. doi:10.18359/ries.2876

Queirós, P. (2002). *O Corpo na Educação Física: leitura axiológica à luz de práticas e discursos.* (Doutor). Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, Portugal.



Randelović, N. (1997). *The Scientific Journal Facta Universitatis*, 1(4), 61-63.

Reed, A. (2018). E-sports industry eyes a move away from violent games to become an Olympic event. Retrieved from <https://www.cnn.com/2018/09/06/esports-industry-eyes-a-move-away-from-violent-games-to-become-an-olympic-event.html>

Rinehart, R. E., & Sydnor, S. (2003). *To the Extreme: Alternative Sports, Inside and Out* (R. E. Rinehart & S. Sydnor Eds.): State University of New York Press.

Rosa, V. (2021). O desporto, as grandes competições desportivas e a política. Retrieved from <https://www.abola.pt/nh/2021-06-24/espaco-universidade-o-desporto-as-grandes-competicoes-desportivas-e-a-politica/895419>

Röthig, P., & Prohl, R. (2003). *Sportwissenschaftliches Lexikon* (P. Röthig & R. Prohl Eds. 1st ed.). Germany: Hofmann-Verlag GmbH & Co. KG.

Savater, F. (2000). *O meu dicionário de filosofia* (D. Quixote Ed. 1st ed.). Lisboa, Portugal: Dom Quixote.

Schiller, F. (1795). *Ueber die ästhetische Erziehung des Menschen in einer Reyhe von Briefen* (S. Friedrich Ed. 1st ed.). Germany: Die Horen.

Skille, E. (2022). *Indigenous Sport and Nation-Building* (E. Skille Ed. 1st ed.). New York, USA: Routledge.

Sutton-Smith, B. (2008). Play Theory: A Personal Journey and New Thoughts. *American Journal of Play*, 1(1), 80-123.

Tavares, R. (2017). O CR7 do ano 147. Retrieved from <https://www.publico.pt/2017/11/20/desporto/opiniao/o-cr7-do-ano-147-1793141>

Tinning, R. (2012). The idea of physical education: a memetic perspective. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 17(2), 115-126. doi:10.1080/17408989.2011.582488

Vermes, K. (2011). *The Complexity of Value, Fact and Performance in Science and Sport*. Paper presented at the The Interaction of Sport and Society, Budapest, Hungary.

Webb, K. (2019). Games like 'League of Legends' and 'Fortnite' dominate the world of esports, but they won't be showing up at the Olympics anytime soon. Retrieved from <https://www.businessinsider.com/esports-olympics-ioc-pro-video-games-2019-12>

Weiss, O. (2017). *Sport societal values, and identities*. Paper presented at the The Values of Sport: Between tradition and (post) modernity, European Association for Sociology of Sport Conference, Prague, Czech Republic.

Wheaton, B. (2004). *Understanding Lifestyle Sports: Consumption, Identity and Difference* (1st ed.). London, UK: Routledge.

Young, K. (2002). Sport and Violence. In *Handbook of Sports Studies* (pp. 382-408). London, UK: Sage.

Zeilinger, I. (2000). Dabeisein ist nicht alles. In *Feministische Überlegungen zu Frauenquoten im Sport* (1st ed.): Frauensolidarität.



FICHA TÉCNICA

PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE TREINADORES
MANUAIS DE FORMAÇÃO - GRAU IV

EDIÇÃO

INSTITUTO PORTUGUÊS DO DESPORTO E JUVENTUDE, I.P.
Rua Rodrigo da Fonseca nº55
1250-190 Lisboa
E-mail: geral@ipdj.pt



AUTORES

ZÉLIA MATOS
DESPORTO, SOCIEDADE E CULTURA

ISABEL MESQUITA

COACHING DO TREINO DESPORTIVO

PEDRO SEQUEIRA

FORMAÇÃO DO TREINADOR DE DESPORTO

ABEL SANTOS

GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DO DESPORTO

COORDENAÇÃO DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS

Isabel Mesquita

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

DFQ - Departamento de Formação e Qualificação

DESIGN E PAGINAÇÃO

BrunoBate-DesignStudio

© IPDJ - 2021